

# MEIA NOITE: JANGO AINDA PRESIDENTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

Quando encerra os trabalhos desta edição, o Sr. João Goulart, garantido pelas "Forças da Legalidade", sediadas em Porto Alegre, e malgrado as notícias de que as forças contrárias caminhavam para o Rio Grande do Sul, ainda era o presidente brasileiro.

No mesmo oxido que utilizara para locomover-se da Guanabara à Brasília, um aparelho "Coronada" da Va-

passo, duas filhas e dois secretários particulares, Jango deixou ontem a capital do país.

Uma força-tarefa da Marinha de Guerra do Brasil, integrada pelo Cruzador "Tamandara" e o destróier "Pará", este um dos mais potentes navios de guerra do Brasil, sob o comando do comandante Sílvia Heck, rumavam os últimos horas de ontem da

Manoel para Santos, onde o paderno rumou para o Rio Grande do Sul.

Manifestando-se, tal como comentou o sr. Arthur Azevedo, o sr. Augusto Motta Andrade, Presidente do Senado, ti-

vele manifestou-se nos seguintes termos, nos últimos minutos da dia de ontem.

"Se houve entendimentos com as forças contrárias, não se ocorrerá uma revolução iminente".

## DIVERSAS FERROVIAS ESTAO PARALISADAS

As linhas férreas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais estão paralisadas devido a problemas de manutenção e falta de peças. O transporte de passageiros e cargas é afetado, causando transtornos para milhares de pessoas.

## PESSOAL DA "E.F.S. SOLIDÁRIO COM AB

Os membros da Associação de Funcionários da Universidade Estadual Paulista estão realizando uma campanha de arrecadação de fundos para apoiar os estudantes em situação de vulnerabilidade econômica.

## BADGER SILVEIRA FOI DESTITUÍDO!

O governador Badger Silveira foi destituído por falta de quórum na Assembleia Legislativa. O processo foi conduzido pelo Tribunal de Justiça, resultando na perda do cargo por parte do governador.

## Diário de Bauru

Publicação diária com notícias locais e nacionais. Edição de hoje: 15 de maio de 1964.

COBERTURA JORNALÍSTICA DO GOLPE DE 1964: OS JORNAIS DIÁRIO DE BAURU E CORREIO DA NOROESTE

# GAUCHOS PROMETEM UM GIGANTESCO COMÍCIO

Dizendo que a Rádio Nacional de Brasília, também lhes dava inteiro apoio, numerosos oradores se fizeram ouvir em

Porto Alegre, ontem a noite, entre os quais o Deputado Leonel Brásio e o Deputado Estadual Wilson Vargas.

## FOI DISSOLVIDA A MANIFESTAÇÃO!

A manifestação convocada para o dia 15 de maio foi dissolvida por ordem do Poder Judiciário. Os organizadores foram advertidos para não realizarem mais atos de violência.

# CÂMARA MUNICIPAL TAMBÉM ESTÁ EM VIRADA CÍVICA!

# MANIFESTAÇÃO DE CARVALHO PINTO!

## ZERO HORA

Congresso preparava o decreto de "Imoobchament" no pre-

# GOVERNADORES TERIAM SIDO DEPOSTOS ONTEM

Bauru 2014

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO**

Marina de Mello Fontanelli

**COBERTURA JORNALÍSTICA DO GOLPE DE 1964: OS JORNAIS *DIÁRIO DE BAURU* E *CORREIO DA NOROESTE***

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Célio José Losnak.

**Bauru  
2014**

## **Agradecimentos**

A conclusão desse trabalho só foi possível graças ao orientador Prof. Dr. Célio José Losnak que apostou na viabilidade do tema escolhido e confiou na minha capacidade de concretizá-lo. Agradeço a todas moradoras da república 'Pistash' que tanto me ensinaram e me apoiaram, fazendo com que a vida na universidade fosse muito mais fácil, divertida e valiosa. Em especial agradeço a Vanessa Cancian, Ana Laura Mosquera, Bruna Leme, Paula Machado, Renata Penzani, Beatriz Almeida e Flávia Alves pelos laços de amizade verdadeira. Agradeço a meus pais Francisco Carlos Fontanelli e Teresa Cristina Lima de Mello Fontanelli que investiram e acreditaram que uma educação de qualidade me traria um caminho melhor e por todo suporte e amor que são os grandes responsáveis por quem eu sou hoje. Agradeço a minha irmã Mariane de Mello Fontanelli pelo apoio, compreensão das diferenças e companheirismo. E, sobretudo, agradeço a Deus por me permitir encontros tão ricos com temas e pessoas que tanto me acrescentaram, me fizeram refletir e me trouxeram sentido para a travessia da vida.

## Sumário

1.	Introdução .....	7
2.	Considerações teóricas.....	9
2.1.	Papel ideológico da linguagem.....	9
2.2.	Discurso competente e ideologia .....	9
2.3.	O mito da objetividade .....	13
2.4.	Teorias do jornalismo .....	16
3.	Imprensa e o golpe de 1964 .....	20
3.1.	Histórico da relação imprensa e Estado no Brasil .....	20
3.2.	A grande imprensa nas décadas de 1950 e 1960 .....	22
3.3.	A imprensa do período no interior paulista .....	24
3.4.	Atuação da grande imprensa no golpe civil-militar em 1964 .....	25
3.5.	Atuação da grande imprensa no período pós-golpe .....	30
4.	A cidade de Bauru e a imprensa local .....	33
4.1.	A formação de Bauru e suas transformações .....	33
4.2.	Panorama da imprensa local (1905-1968) .....	34
5.	Diário de Bauru e Correio da Noroeste .....	37
5.1.	Histórico do <i>Diário de Bauru</i> .....	37
5.2.	Características do <i>Diário de Bauru</i> .....	38
5.3.	Histórico do <i>Correio da Noroeste</i> .....	41
5.4.	Características do <i>Correio da Noroeste</i> .....	43
6.	Análise da cobertura jornalística do <i>Diário de Bauru</i> em torno do golpe civil-militar de 1964 ...	46
6.1.	Pré-golpe.....	46
6.1.1.	Contextualização do cenário político internacional.....	46
6.1.2.	Clima de tensão: suspeita de golpe .....	47
6.1.3.	Legalização do Partido Comunista .....	54

6.1.4.	Reforma agrária .....	56
6.1.5.	As medidas de João Goulart .....	57
6.1.6.	Clima de caos: greves, inflação e crise no abastecimento .....	59
6.1.7.	Candidatos ao pleito eleitoral de 1965 .....	60
6.1.8.	Coluna “O TEMPO não passa” .....	61
6.1.9.	Rumo ao golpe: recrudescimento das relações oposição x situação.....	62
6.2.	Dias do golpe .....	66
6.3.	A cobertura jornalística do <i>DB</i> no pós-golpe .....	70
6.3.1.	Legitimação do novo governo .....	70
6.3.1.1.	Mensagens de Avallone Jr. ....	70
6.3.1.2.	Depreciação do governo anterior .....	72
6.3.1.3.	Noticiadas as medidas do novo governo.....	75
6.3.1.4.	Os discursos de Castello Branco.....	76
6.3.2.	Início das críticas.....	77
6.3.2.1.	Ato Institucional nº1.....	77
6.3.2.2.	Voto do analfabeto.....	79
6.3.2.3.	Situação econômica do país.....	80
6.3.2.4.	Desentendimentos internos do governo.....	83
6.3.3.	Avallone Jr. e suas relações políticas .....	85
6.3.3.1.	Adhemar de Barros .....	85
6.3.3.2.	Nilson Costa .....	87
6.3.3.3.	Interferência na coluna “Só...RINDO” .....	89
6.3.4.	Cena Política local .....	90
6.3.5.	Industrialização e progresso.....	93
6.4.	Considerações finais sobre a cobertura jornalística do <i>DB</i> .....	95
7.	Análise da cobertura jornalística do <i>Correio da Noroeste</i> em torno do golpe civil-militar de 1964	97

7.1.	Pré-golpe.....	97
7.1.1.	Oposição explícita a João Goulart.....	97
7.1.2.	Críticas às medias do governo .....	104
7.1.3.	Corrida eleitoral.....	106
7.1.3.	Clima de caos: greves, inflação, crise no abastecimento e conflito agrário.....	108
7.1.5.	Cena local contra o “comunismo” .....	109
7.1.6.	Relações políticas e econômicas do <i>Correio</i> no pré-golpe.....	110
7.2.	Dias do golpe .....	111
7.3.	Cobertura jornalística do <i>Correio</i> no pós-golpe .....	115
7.3.1.	Legitimação do golpe de Estado .....	115
7.3.2.	Repressão em Bauru .....	119
7.3.3.	Maio: campanha “Ouro para o bem do Brasil” e início das críticas.....	120
7.3.4.	Desânimo com o governo.....	122
7.3.5.	Outras críticas ao governo.....	124
7.3.6.	Notícias da cena política local .....	126
7.3.7.	Relações políticas e econômicas do <i>Correio</i> .....	128
7.3.7.2.	O <i>Correio</i> e alguns personagens políticos.....	129
7.3.8.	O <i>Correio</i> e o Diário .....	131
7.4.	Considerações finais sobre a cobertura do <i>CN</i> do golpe civil-militar de 1964.....	132
8.	Conclusão .....	133
9.	Referências Bibliográficas.....	136
10.	Anexo.....	138

## 1. Introdução

A pesquisa “Cobertura jornalística do golpe de 1964: os jornais *Diário de Bauru* e *Correio da Noroeste*” tem como intuito realizar um estudo da cobertura elaborada pelos periódicos *Diário de Bauru* e *Correio da Noroeste* acerca da sucessão de eventos políticos nacionais que envolveram o golpe civil-militar e suas repercussões em Bauru. O período de análise foi todo o ano de 1964 (1º de janeiro a 31 de dezembro).

Considerando a dimensão de um golpe de Estado, este trabalho propõe identificar de que modo os impressos analisados contribuíram para legitimação do novo governo na esfera local, estabelecendo comparações com a atuação da grande imprensa nos principais centros do país, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Outro objetivo da pesquisa é analisar de que maneira as notícias nacionais eram assimiladas e expostas ao leitor bauruense. Assim, este estudo pretende problematizar a atuação dos dois veículos como comunicadores e mediadores das ideias e posições políticas dominantes do período.

O texto que compõe esta monografia visa descrever e refletir a bibliografia utilizada acerca dos temas relacionados e apresentar e analisar os resultados encontrados através da leitura dos impressos.

Para concretizar a análise, a autora realizou a leitura de todas as edições do ano de 1964 de ambos os periódicos selecionados para pesquisa. Com o objetivo de facilitar a redação desta monografia, foram elaborados fichamentos com a transcrição dos trechos que evidenciavam os posicionamentos dos jornais.

Ler os impressos na sua forma original e não através de fotografias foi uma opção da autora, por acreditar que o contato direto com os periódicos propicia maior imersão no conteúdo que está sendo absorvido.

Os cadernos com as edições do periódico *Diário de Bauru* se encontram tanto no acervo do Núcleo de Documentação Histórica (NUPHIS) da Universidade Sagrado Coração (USC) quanto no acervo do Museu Histórico Municipal de Bauru, onde também está localizado o arquivo com as edições do *Correio da Noroeste*. Os jornais estão em bom estado e as coleções estão completas.

Considero importante salientar que poder frequentar tanto o NUPHIS como o Museu

Histórico Municipal de Bauru foi uma experiência muito gratificante pelos momentos prazerosos de leitura dos jornais antigos, pelo contato com os profissionais que se dedicam a esses locais e pela valorização da importância que esses espaços têm para cidade e que, muitas vezes, não é reconhecida pelo poder público e nem pelos próprios cidadãos.

A realização deste trabalho muito contribuiu para a formação da aluna como jornalista e como cidadã. Analisar minuciosamente a cobertura jornalística do golpe civil-militar de dois impressos locais de Bauru permitiu à autora ver com mais profundidade e clareza como as relações políticas, econômicas e sociais integram um jogo de interesses que resultam em lutas de forças desiguais.

## **2. Considerações teóricas**

### **2.1. Papel ideológico da linguagem**

Como premissa para a análise de textos de um jornal, vale-se considerar dos estudos de Bakhtin (2004) sobre o papel ideológico da linguagem. O autor constata que o ideológico está presente entre os indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. (...) A palavra é o modo mais puro sensível de relação social.” (BAKHTIN, 2004, p. 36). Nesse sentido, os estudos do autor contribuem para o reconhecimento de que cada palavra está carregada de sentidos e significados atribuídos pelos homens, portando, assim, ideologia.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2004, p.95).

Ainda para o filósofo e semiótico russo, as palavras penetram em todas as relações entre indivíduos e são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos, servindo de trama a todas as relações sociais e em todos os domínios. Portanto, “a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (BAKHTIN, 2004, p.41).

Nessa perspectiva, através da teoria de Bakhtin, pode-se afirmar que as palavras e expressões que dão corpo as notícias são carregadas de significados ideológicos. Desse modo, é inevitável um jornal portar ideologia e transparecer posicionamentos sobre os fatos.

### **2.2. Discurso competente e ideologia**

Utilizando como base os textos “O discurso competente” e “Crítica e ideologia” de Marilena Chauí (1989) serão pontuadas algumas definições trabalhadas pela autora de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa.

Baseando-se em um conceito de ideologia numa sociedade moderna nos moldes

capitalista, a autora apresenta a seguinte definição:

A ideologia, forma específica do imaginário social moderno, é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade), por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. Fundamentalmente, a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos “ensinam” a conhecer e agir. (CHAUÍ, 1989, p. 3)

Como ferramenta essencial para efetivar a ideologia, a autora trabalha com o conceito de discurso competente que é o discurso instituído. Tal discurso remete a fala autorizada ou linguagem institucionalmente permitida, desse modo, não é qualquer um que pode falar qualquer coisa em qualquer circunstância.

(...) um discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir, no qual os lugares e as circunstâncias já foram predeterminados para que seja permitido falar e ouvir e, enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência. (CHAUÍ, 1989, p.7)

Pode-se estabelecer uma comparação entre esse conceito do discurso competente com o conteúdo dos periódicos estudados, pois, estando as notícias contidas num espaço previamente considerado como aquele que conta os fatos e sendo os jornalistas reconhecidos como aqueles que detêm o conhecimento dos fatos, o conteúdo do jornal é absorvido como “autorizado” e “verdadeiro” exercendo influência sobre os leitores e obtendo reconhecimento deles.

A autora relaciona, sobretudo, o discurso competente com o discurso cientificista embasado na racionalidade que permeia diversos âmbitos da sociedade impregnando modelos a serem seguidos. Nessa ótica, o discurso competente não apenas exigiria uma submissão, mas sim a interiorização de suas regras, e aquele que não as interiorizar correria o risco de “ver-se a si mesmo como incompetente, anormal, a-social, como detrito e lixo.” (CHAUÍ, 1989, p.13).

Nesse ponto, também é possível estabelecer uma relação com a imprensa, de modo que o leitor que não concorda com o discurso proferido pelos periódicos pode correr o risco de considerar-se fora da normalidade e do correto, evidenciando o potencial de influência

das opiniões emitidas pelos impressos.

Em “Crítica e Ideologia”, para exemplificar sua definição de ideologia, a filósofa retoma a formação das sociedades propriamente históricas como aquelas que nascem da ação dos homens e continuam sendo conduzidas pelas ações. Assim, “a sociedade histórica é aquela que precisa compreender o processo pelo qual a ação dos sujeitos sociais e políticos lhe dá origem e, ao mesmo tempo, precisa admitir que ela é a própria condição para atuação desses sujeitos.” (CHAUÍ, 1989,p.16-17). Nesse processo, é criado um grupo de representações e de normas através do qual os sujeitos sociais e políticos se representarão a si mesmos e à vida coletiva.

Esse corpo de representações e de normas é o campo da ideologia no qual os sujeitos sociais e políticos explicam a origem da sociedade e do poder político; explicam as formas de suas relações sociais, econômicas e políticas; explicam as formas “corretas” ou “verdadeiras” de conhecimento e de ação; justificam, através de ideias gerais (o Homem, a Pátria, o Progresso, a Família, a Ciência, o Estado), as formas reais da desigualdade, dos conflitos, da exploração e da dominação como sendo, ao mesmo tempo, “naturais” (isto, é universais e inevitáveis) e “justas” (ponto de vista dos dominantes) ou “injustas” (ponto de vista dos dominados). (CHAUÍ, 1989, p.19).

É através da ideologia que são arquitetados um imaginário e uma lógica da identificação social que pretendem camuflar o conflito, dissimular a dominação e esconder a presença do particular, enquanto particular, dando-lhe a aparência do universal. Ainda, além de escamotear a divisão social, a ideologia separa as ideias dominantes e os indivíduos dominantes, o que impede a percepção de um império dos homens sobre os homens, graças à figura neutra do império das ideias (CHAUÍ, 1989).

Ora, porque as ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante dessa época, o ponto final da ideologia está necessariamente inscrito no movimento que a constitui, isto é, o dominante se reveste de generalidade e de universalidade que anulam e ocultam a realidade das classes. (CHAUÍ, 1989, p.27)

Revestindo-se como universal, a ideologia também adquire aspectos como naturalidade e homogeneidade. Para Chauí (1989), o Estado é o grande representante da legitimação de uma sociedade aparentemente unificada e homogênea. “A ideia de que o

Estado representa toda a sociedade e de que todos os cidadãos estão representados nele é uma das grandes forças para legitimar a dominação dos dominantes.” (CHAUÍ, 1989, p.28).

Estabelecida e mantida a dominação, o social e o histórico ficam submetidos à ideologia que tudo explica e que tudo prevê, neutralizando a percepção da historicidade.

Deve-se considerar que a ideologia não tem história porque a operação ideológica por excelência consiste em permanecer na região daquilo que é sempre idêntico, e, nessa medida, fixando conteúdos, procura exorcizar aquilo que tornaria impossível o surgimento da história e o surgimento da própria ideologia: a história real, isto é, a compreensão de que o social e o político não cessam de instituir-se a cada passo. (CHAUÍ, 1989, p.29)

Dois noções chaves utilizadas como manipulação da ideologia nos rumos da história são a noção de progresso e a noção de desenvolvimento. A noção de progresso pressupõe um desdobramento temporal de algo que tem um rumo definido como um germe ou uma larva, por exemplo, de tal modo que a história seria apenas a continuação de um processo que apenas cresce ao longo do tempo. A noção de desenvolvimento pressupõe um ponto terminal no qual a história deverá chegar e nele tudo será perfeito.

Colocando algo antes do processo (o germe) ou depois do processo (o desenvolvido), a ideologia tem sérios compromissos com os autoritarismos, uma vez que a história de uma sociedade passa a ser regida por algo que ela deve realizar a qualquer preço. Passa-se da história ao destino. (CHAUÍ, 1989, p.30)

As definições das noções de progresso e desenvolvimento contribuem muito para o estudo, pois nas colunas dos periódicos analisados essas duas palavras *progresso* e *desenvolvimento* são frequentemente utilizadas para justificar por que o Brasil necessitava de um novo governo que levaria o país para esses parâmetros.

Outro conceito trabalhado pela filósofa é a ideia de crise. Para a autora, até mesmo a crise é assimilada pela ideologia e usada como reforço da representação do caminho correto a ser percorrido pela história. Pois, a crise seria identificada como um acidente, um engano, algo inadequado, sendo apenas um desvio da rota programada. “Crise e desvio são noções que pressupõem um *dever ser* contrariado pelo acontecer, mas que poderá ser restaurado porque é um *dever ser*.” (CHAUÍ, 1989, p.37).

Com efeito, o conflito, a divisão e até mesmo a contradição podem chegar

a ser nomeados pelo discurso da crise, mas o são com um nome bastante preciso: na crise, a contradição se chama *perigo*. Não por acaso que a noção de crise é privilegiada pelos discursos autoritários, reacionários, contra-revolucionários, pois neles essa noção funciona em dois registros diferentes, mas complementares. Por um lado, a noção de crise serve como explicação, isto é, como um saber para justificar teoricamente a emergência de um suposto irracional no coração da racionalidade: a “crise” serve para ocultar a crise verdadeira. Por outro lado, essa noção tem eficácia prática, pois capaz de mobilizar os agentes sociais, acenando-lhes com o risco da perda da identidade coletiva, suscitando neles o medo da desagregação social e, portanto, o medo da revolução, oferecendo-lhes a oportunidade para restaurar uma ordem sem crise, graças à ação de alguns salvadores. (CHAUÍ, 1989, p.37)

A definição da ideia de crise e de como ela é assimilada pela ideologia descreve de modo muito similar o que ocorreu no período histórico estudado na pesquisa, o golpe civil-militar de 1964, e aproxima-se da atuação dos jornais analisados que se utilizam inúmeras vezes de termos como *perigo comunista*, além de considerarem o mandato de João Goulart como um tempo em que o país estava em crise e desviou-se de seu caminho ideal.

A crise é, portanto, usada para fazer com que surja diante dos agentes sociais e políticos o sentimento de um perigo que ameaça igualmente a todos, que dê a eles o sentimento de uma comunidade de interesses e de destino, levando-os a aceitar a bandeira da salvação de uma sociedade supostamente homogênea, racional, cientificamente transparente. (CHAUÍ, 1989, p.37-38)

### **2.3. O mito da objetividade**

Uma discussão relevante para a pesquisa e polêmica no jornalismo é a questão da objetividade. Chauí (1989), analisando a noção de objetividade como construção da racionalidade científica, conclui que “a noção de objetividade é uma noção de poder, pois algo só é considerado conhecido objetivamente quando é possível dominá-lo inteiramente pelas operações do intelecto.” (CHAUÍ, 1989, p.34). E essa noção de objetividade é, portanto, inseparável da ideia do exercício da dominação. “O objeto completamente determinado, isto é, a objetividade, é o objeto completamente dominável, tanto no nível do saber quanto no nível da ação.” (CHAUÍ, 1989, p.35).

Em relação à objetividade, Capelato (2003), em seu artigo sobre a imprensa na

República, constata que “os representantes da imprensa definiram o fato como matéria-prima do jornalismo e a objetividade como seu traço natural.” (CAPELATO, 2003, p.141). Seguindo essa premissa, características como isenção e imparcialidade são consideradas como padrões de comportamento no exercício da profissão.

Dessa forma, constitui-se a imagem do jornalista como um sujeito privilegiado, “cidadão acima de qualquer suspeita”, e a do jornal como repositório da verdade. Essa pretensão dos representantes da imprensa, por um lado, permitia ocultar os interesses econômicos e políticos mesclados no jornal e, por outro, impossibilitava a constatação de que os fatos são construções, e não relatos precisos. (CAPELATO, 2003, p.142)

Para a historiadora, a objetividade dos fatos configura-se, em última instância, como técnica de manipulação do leitor. E tal técnica não se dá apenas pela transmissão de valores através do conteúdo do jornal, mas também de modo invisível, já que o fato exposto não elucida os critérios de seleção e ordenação. Ainda para Capelato (2003), a ideologia da imprensa se configura em dois campos: nas informações, presentes nas notícias; e nas ideias, expressadas nos editoriais e artigos. Esses dois aspectos, na realidade, não se excluem, entrecruzam-se. Desse modo, como toda notícia passa por seleção e revisão, a ideologia do veículo está presente em todo o jornal, mesmo que de modo implícito.

Capelato (2003) também enfatiza que o mito da objetividade, que circunda o jornalismo, permite que alguns estudos caracterizem o jornal como espelho da sociedade, o que faz com que a imprensa assuma, assim, a aparência de expositora da verdade, aquela que espelha o real. Com tal representação, “o social, fragmentado, dividido e marcado pelo conflito, pelos interesses contraditórios, ocultam-se na aparência de um todo uniforme e indiviso” (CAPELATO, 2003, p.147).

Losnak (2004) compartilha dessa crítica e considera que o jornal é como uma produção social, pois “incorpora e difunde ideologia, (...); fala em nome de um grupo, jornalistas e empresas, de facções políticas, mas o seu discurso se constrói apresentando objetividade, fornecendo dados, detalhes e informações, ocultando o emissor, (...)” (LOSNAK, 2004, p. 82).

Já para Traquina (2005), o valor da objetividade no jornalismo tem sido, na realidade, mal compreendido. Apoiando-se em alguns teóricos, o autor defende que o conceito de

objetividade não é a negação da subjetividade, e sim, o reconhecimento da sua inevitabilidade. Resgatando o surgimento desse conceito no campo jornalístico, o autor relembra aspectos das primeiras décadas do século XX, que teriam feito com que o mundo ocidental tivesse perdido a fé nos fatos. Desse modo, “com a ideologia da objetividade, os jornalistas substituíram uma fé simples nos fatos por uma fidelidade às regras e aos procedimentos criados para um mundo no qual até os fatos eram postos em causa.” (TRAQUINA, 2005, p.138)

Assim, para Traquina (2005) a objetividade no jornalismo não seria a negação da subjetividade, mas um conjunto de medidas que “os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade como parte não-interessada e se protegerem contra eventuais críticas ao seu trabalho.” (TRAQUINA, 2005, p.139)

Apesar das considerações de Traquina, não se pode admitir que conteúdos altamente carregados de carga ideológica (na verdade, todo conteúdo é ideológico segundo Bakhtin) sejam transmitidos como se revelassem a verdade universal. É notório o esforço dos jornalistas para seguir critérios e buscar variados pontos de vistas para, assim, se aproximar da objetividade. No entanto, há em certas publicações falta de transparência com o leitor, pois as informações são passadas impregnadas da visão de mundo do jornalista e/ou do jornal. Para ter credibilidade não é necessário manipular o leitor.

Chauí (1989) apresenta, em seu texto, uma definição de ideologia que se assemelha muito ao comportamento da imprensa e dos meios de comunicação em geral e revela como a questão da suposta neutralidade do discurso opera negativamente sobre a sociedade.

A ideologia é um discurso que se desenvolve sob o modo da afirmação, da determinação, da generalização e da redução das diferenças, da exterioridade face ao objeto (exterioridade que sempre é o ponto de vista do poder, pois o lugar separado, o olhar de sobrevôo do observador impessoal, é a figura do saber como ato de dominação), trazendo a garantia da existência de uma ordem, atual ou virtual. Esse discurso tende sempre para o anonimato ou para a neutralidade, a fim de testemunhar uma verdade que estaria inscrita nas próprias coisas. Discurso anônimo, sem autor e sem produtor, não precisa de suportes humanos através dos quais o real se cria e se recria, pois o mundo está dotado de uma racionalidade que já nem é mais sua, mas a de sua representação. Não há mais necessidade de alguém que o pense: ele está posto aí diante de nós, como racional em si e por si. (CHAUÍ, 1989, p.33).

## 2.4. Teorias do jornalismo

Sobre a produção das notícias e os fatores externos e internos que interferem nesse processo, Traquina (2005) abordou as teorias do jornalismo desenvolvidas, principalmente, na segunda metade do século XX. O autor reconhece que a relação dos jornalistas com a sociedade é delimitada pelos valores sociais que marcam as fronteiras entre normal e anormal, legítimo e ilegítimo, por exemplo. Assim, “as notícias têm uma estrutura profunda de valores que os jornalistas partilham, como membros da sociedade, com a sociedade” (TRAQUINA, 2005, p. 29).

Traquina (2005) também ressalta a influência da teoria democrática que confere ao jornalismo o papel de “mercado de ideias” numa democracia, em que diferentes opiniões podem ser ouvidas e discutidas. Nessa perspectiva, os meios de comunicação, inicialmente, a imprensa, deveriam servir para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e como voz na expressão das suas preocupações. Além de, quando necessário, os meios agirem como “guardiões” do poder, atuando como um *contrapoder*. Para exercer esse posto, a imprensa teria como premissa a liberdade, sendo independente em relação a outros agentes sociais.

Sobre o papel social da imprensa, Barbosa e Ribeiro (2005) atentam para a função do jornalismo como intermediário entre o poder e o público. “Já que não há cidadania suficiente para a população falar e chegar às cercanias do poder, cabe ao jornalismo o papel auto instituído de intermediar as chamadas causas do povo.” (BARBOSA e RIBEIRO, 2005, p. 6).

Ambas as considerações sobre a função da imprensa, tanto como *contrapoder* ou como mediadora entre o poder público e privado, são válidas para evolução da profissão, e corretas em certa medida, entretanto ainda são idealizadoras e, dificilmente, encontramos veículos que tem como prática o compromisso de atender somente as necessidades do povo.

Dentre as teorias apresentadas por Traquina (2005), as que mais contribuem para o desenvolvimento da pesquisa são: a *de ação política*, a *construcionista* e a *estruturalista*.

A primeira, formulada por teóricos como Chomsky e Herman, alerta para a função

dos meios noticiosos como instrumentos para os interesses políticos. Nessa ótica, as notícias funcionam como distorções sistemáticas que servem aos interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos e utilizam as matérias na projeção de sua visão do mundo, da sociedade, etc. (TRAQUINA, 2005).

Essa teoria, porém, é considerada por Traquina (2005) como determinista do campo jornalístico, pois seria uma análise apenas macrosociológica, na qual o profissional não possuiria interferência no processo de produção da notícia, sendo somente manipulado. Nesse sentido, as teorias *construcionistas* e *estruturalista* conferem maior autonomia à atuação do jornalista, ainda que relativa, como aquele que interfere parcialmente no processo de produção.

A *teoria construcionista* admite a notícia como construção social, desse modo, seria impossível distinguir totalmente entre a realidade e a “realidade refletida” pelo jornalismo, pois as notícias ajudam a construir a própria realidade. Essa teoria também ressalta o sistema cultural no qual a sociedade funciona. As notícias são elaboradas por “pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discurso” (SCHUDSON, 1995, p. 14 apud TRAQUINA, 2005, p. 171).

A *teoria construcionista* reforça o poder do jornalismo em modificar a sociedade e o rumo dos acontecimentos. Dessa forma, é importante para a pesquisa destacar que coberturas jornalísticas por serem indissociáveis da dinâmica social influenciam no desenrolar dos fatos e da história.

Em outro viés, a *teoria estruturalista*, trabalhada por Traquina (2005), concebe a notícia como um produto social, sendo consequência da organização burocrática dos meios de comunicação; da estrutura dos valores-notícia; e do próprio momento de “construção” da notícia que envolve o processo de colocá-la num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. Como contribuição para pesquisa, essa teoria pontua que os meios de comunicação “definem para a maioria da população quais os acontecimentos significativos que ocorrem, mas também, oferecem poderosas interpretações de como compreender esses acontecimentos” (HALL et al., 1973/1993, p. 228 apud TRAQUINA, 2005, p. 177).

Abordando outro fator externo que interfere no processo de produção da notícia,

Capelato (2003) alerta para a influência do modelo econômico, pois na sociedade atual o jornal é, na realidade, uma empresa, e sendo assim “na empresa jornalística, a notícia é mercadoria política que também garante lucro” (CAPELATO, 2003, p. 143). Nessa perspectiva, a historiadora conclui que a “verdade” da imprensa é produzida “sempre de acordo com interesses inseridos na lógica dessa empresa (o jornal) que é uma instituição pública e privada e, como tal, produz uma mercadoria comercial e política” (CAPELATO, 2003, p. 147).

Outra linha, do campo das pesquisas em comunicação, de interesse para o desenvolvimento do estudo é a *espiral do silêncio*. Hohlfeldt (2003) faz uma análise dessa perspectiva criada pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann desde 1972. Segundo o autor, um dos pontos centrais dessa linha é um conceito denominado de *clima de opinião*. Através de alguns exemplos históricos, Noelle-Neumann analisa que ao perceberem – ou imaginarem – que a maioria das pessoas pensa diferente delas, alguns acabam, num primeiro momento, por não expressarem sua opinião e, posteriormente, a adaptarem, ainda que muitas vezes apenas verbalmente, suas opiniões às dos que elas imaginam ser a maioria. Como consequência, aquela opinião que, no início, talvez, não fosse efetivamente maioria, acaba por tornar-se a opinião predominante, e na medida em que é propagada cada vez maior, vai adquirindo mais prestígio e alcançando a adesão dos indecisos.

Apesar de criticada em alguns pontos, a hipótese da *espiral do silêncio* auxilia na pesquisa, pois nota-se que processo semelhante ocorre com certos temas nos impressos estudados, tanto no período do golpe como, principalmente, no pós-golpe, com a legitimação do medo do comunismo propagado pelos jornais. Durante a pesquisa, é perceptível, através das notícias, a necessidade de várias personalidades em comprovar que não pertenciam ao grupo comunista. Assim, aqueles que, possivelmente, antes do golpe eram simpáticos a essa ideologia ou simplesmente não eram contrários, acabam sendo influenciados pelo terrorismo da imprensa e o comunismo acaba por ocasionar um medo generalizado na população.

Outro estudo que contribui para o desenvolvimento da pesquisa é a *hipótese de agenda*. Tal hipótese vai de encontro com o estudo, pois, comprovando a influência que os jornais, objetos de trabalho, exerciam na cidade, foram encontradas várias situações nas

quais problemáticas divulgadas pelos periódicos, interferiram nas decisões dos vereadores na câmara e na opinião da população em geral.

A *hipótese de agenda* ou *agenda setting* analisada por Hohlfeldt (2003) também aposta na interferência dos meios de comunicação nos rumos dos acontecimentos. O autor aborda como um dos pressupostos da *hipótese de agenda* a influência dos meios sobre o quê as pessoas pensam e falam.

Os meios de comunicação (...) são capazes de, a médio e longo prazo, influenciar sobre o quê pensar e falar, o que motiva o batismo desta hipótese de trabalho. Ou seja, dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual e na agenda social. (HOHLFELDT, 2003, p.191)

Portanto, o pesquisador conclui que por influência da mídia, incluímos em nossas preocupações determinados temas que, de outro modo, não chegariam a nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda.

Todas essas teorias auxiliam na reflexão de como se dava o processo de seleção e produção das notícias dos jornais estudados e quais eram, desse modo, as motivações e interesses em publicar determinados conteúdos e outros não, evidenciando posicionamentos políticos, econômicos e sociais dos impressos. As teorias também ressaltam o poder de influência que a mídia pode exercer sobre os cidadãos, e o poder de interferência que ela pode ter sobre o rumo da sociedade.

### 3. Imprensa e o golpe de 1964

#### 3.1. Histórico da relação imprensa e Estado no Brasil

O surgimento da imprensa brasileira é datado do ano de 1808 com o jornal *Correio Braziliense* produzido por Hipólito da Costa em Londres, assim, o periódico tinha que atravessar o Atlântico para chegar ao território fonte das notícias. Conhecido como jornal oposicionista e crítico da coroa portuguesa, já em 1809, o *Correio* foi confiscado por ordem da corte que o considerou enganador do povo (SMITH, 2000, p.22). Esse episódio serve como exemplo de que, desde os primórdios, no Brasil, o Estado interfere na atuação da imprensa e que ambos possuem uma relação entrelaçada.

A História do Brasil e a História da Imprensa se tornam, assim, intrínsecas uma com a outra. Para Martins e Luca (2008) “(...) A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. (...) A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira.” (MARTINS E LUCA, 2008, p.8).

(...) a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, no mínimo bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional. (MARTINS e LUCA, 2008, p. 8)

Smith (2000), em sua pesquisa sobre a censura da imprensa no período da ditadura militar, evidencia que o Estado, no Brasil, tem elevado grau de interferência em quase todas as áreas do desenvolvimento econômico da nação, sua organização social, estrutura política e até práticas culturais. Assim, torna-se difícil para qualquer ator social manter-se distante do Estado. Portanto, também a mídia brasileira, como ator social, sofre e sempre sofreu com a intromissão do Estado.

No Brasil nunca houve uma idade de ouro de completa autonomia da imprensa em relação ao Estado, nem em alguma gloriosa época antiga nem em qualquer avanço recente rumo a franquias de caráter liberal. Em tempo algum a liberdade da imprensa foi totalmente respeitada ou verdadeiramente sólida. (SMITH, 2000, p. 17)

A interação entre a imprensa e o Estado se dá em diferentes níveis. No âmbito

econômico, são muitos os interesses trocados entre ambos. Alguns fatores que geram a dependência dela ao Estado são, por exemplo, a busca por empréstimos do governo para seus empreendimentos; permissão para importar equipamento e papel; interesse em concessão em outro meio de comunicação (rádio e televisão); anúncios do Estado. Entretanto, outras fontes de recursos podem ser determinantes na postura dos jornais com relação às políticas econômicas do Estado.

Ao defender seus próprios interesses empresariais, em geral compartilhados pela burguesia nacional que é sua dona ou pelas empresas internacionais que se encontram entre seus anunciantes, a imprensa às vezes tem armado uma forte oposição a políticas econômicas do Estado, tais como a nacionalização do petróleo na década de 50 e as tentativas de “reformas de base” do presidente Goulart em 1963/64. (SMITH, 2000, p.21)

Na esfera política, a imprensa tem sido em certas ocasiões uma aliada e em outras uma opositora do Estado. Por vezes, ela serviu como instrumento de influência das ideias do Estado e por outras até derrubou governos.

A compilação de Martins e Luca (2008) relata experiências de jornais financiados pelo Estado, como o jornal *Última Hora* no início da década de 1950; negociações envolvendo a troca entre publicação de notícias e cargos políticos, prática corriqueira do dono dos *Diários Associados*, Assis Chateaubriand; a pressão da imprensa para saída Getúlio Vargas, encabeçada pelo jornalista e proprietário da *Tribuna da Imprensa*, Carlos Lacerda, que culminou com o suicídio do então presidente; entre outros episódios. Essas situações demonstram a proximidade entre os periódicos e o Estado no âmbito político.

Não só a imprensa influenciou os rumos dos governos, como o Estado interveio na atuação daquela. A intervenção do Estado na imprensa se deu de diversas maneiras ao longo da história, como por exemplo, por rigorosas leis; suborno de editorialistas; perseguição ou bajulações; criação de departamentos de propaganda; e até por censura direta. Para Smith (2000), “com frequência o Estado tem procurado usar a imprensa como meio de influenciar ou controlar a sociedade.” (SMITH, 2000, p.21).

No entanto, não se pode pressupor que sempre a interferência do Estado na imprensa é considerada negativa. Se analisarmos a situação atual, em 2014, na qual os meios de comunicação estão concentrados nas mãos de poucas famílias e empresários os quais priorizam conteúdos que não representam todas as parcelas da população, seria

interessante e fundamental que o governo aprovasse a Lei da Mídia Democrática, um projeto de lei de iniciativa popular que pretende ampliar a pluralidade e diversidade nos veículos.

Para a pesquisa, a compreensão do processo histórico ao qual o Estado e a imprensa brasileira estão inseridos é fundamental para explicar a atuação dos jornais no período de análise, o ano de 1964. Para Smith (2000), “as práticas e instituições que moldaram as relações entre o Estado e a imprensa no período de 1964-85 se constituíram no decorrer de muitos decênios.” (SMITH, 2000, p.21).

### **3.2. A grande imprensa nas décadas de 1950 e 1960**

O conceito de grande imprensa é definido por Sodré em sua obra clássica sobre a história da imprensa brasileira publicada originalmente em 1966. Para o autor, a grande imprensa se caracteriza, sobretudo, pela expansão do modelo capitalista a qual transforma os jornais em grandes empresas. Por ser um processo histórico, a transformação da imprensa artesanal em industrial, ou seja, pequena em grande, se inicia desde os fins do século XIX e, somente no final da primeira metade do século XX, está praticamente consolidada nos grandes centros.

Em todas as áreas regidas pelas relações capitalistas, a imprensa atingiu a etapa de empresa, a etapa industrial. A indústria do jornal ou da revista – como, de resto, a da radiodifusão e a da televisão - por todas aquelas áreas atingiu dimensões muito grandes, gigantescas em alguns casos. (SODRÉ, 1999, p.392)

Como tendência desse processo, a concentração dos veículos se tornou cada vez mais comum, assim como, a dificuldade em lançar novos jornais. “Com a ampliação da estrutura para produção, só grandes capitais poderiam montar grandes empresas, como os jornais.” (SODRÉ, 1999, p.395).

Não foi apenas o modo de produção da imprensa que se modificou durante a primeira metade do século XX, também o modo de se fazer jornalismo sofreu alterações e na década de 1950 atingiu o seu ápice com a consolidação da ruptura de certos padrões que existiam até então. Barbosa (2007) analisa que o processo de modernização pelo qual o

jornalismo brasileiro passou nesse período concretizou uma série de mudanças que já vinham sendo implantadas desde a primeira década do século e que encontra no contexto dos anos 50 condições favoráveis ao discurso da neutralidade.

Uma das mudanças as quais a autora se refere relaciona-se com a necessidade da autonomia do campo jornalístico frente ao literário, aspecto que auxiliou na autoconstrução da legitimidade da profissão jornalista. Nesse sentido, a década de 1950 é o momento no qual os profissionais da área passam definitivamente a considerar que jornalismo moderno era aquele norteado pela neutralidade transformando o jornal em, praticamente, “um espelho” que refletia o mundo sem distorções para o leitor.

Barbosa (2007), baseando-se no estudo de Ribeiro (2000), sobre o processo de modernização da imprensa carioca na década de 1950, enfatiza que as mudanças gráficas, editoriais, linguísticas e empresariais dos jornais diários do Rio de Janeiro representaram para a imprensa “a instauração de um lugar institucional que lhe permite, a partir de então, enunciar as verdades dos acontecimentos de forma oficializada e se constituir como registro factual por excelência.” (BARBOSA, 2007, p.151).

Apesar da influência das teorias sobre objetividade e neutralidade no papel do jornalismo, Barbosa (2007) evidencia que, nessa época, o jornalismo não se revelava como um *contrapoder*, mas como poder instituído. “Nas décadas de 1950 e 1960, esse papel pode ser claramente observado através das longas campanhas, empreendidas pela imprensa para ampliar a voz de facções políticas.” (BARBOSA, 2007, p.163).

Há que considerar também outros aspectos para compreensão dessas alterações nesse determinado período, por exemplo, a influência do jornalismo norte-americano que trazia a tendência da clareza na linguagem e a isenção da opinião explícita; o aumento no ritmo de vida, que afetou o tempo das pessoas para dedicação que exigia a leitura de um jornal; o contexto político-econômico pelo qual o Brasil estava passando com regimes democráticos e a forte presença do ideário de modernização nos moldes do sistema capitalista.

Já a década de 1960, é marcada por fortes conflitos. Até 1964, a grande imprensa se articulou em torno da oposição do presidente João Goulart; no período pós-golpe, a censura e o fechamento de alguns veículos caracterizaram o cenário de vários dos principais jornais,

a repressão atingiu até mesmo aqueles periódicos que haviam apoiado a vitória militar à presidência.

É na década de 1960 também que a televisão ampliou seu espaço e se tornou um dos meios de comunicação mais influentes na sociedade brasileira. Nos tempos de autoritarismo e censura à imprensa, a televisão mostrou-se como principal meio para divulgação da imagem de Brasil moderno, além de mais entreter o público do que promover a discussão política.

Em tempos de ditadura, o debate teve que ser afastado da imprensa e dos meios de comunicação em geral. Para Barbosa (2007), “o mote da modernização e da inclusão dos periódicos num tempo de modernidade é, portanto, fundamental para a sua adaptação num cenário de controle e pressões.” (BARBOSA, 2007, p.180).

### **3.3. A imprensa do período no interior paulista**

As transformações nos grandes jornais da década de 1950 tardaram em chegar ao interior, e pode-se admitir que ainda hoje existam publicações com características da imprensa artesanal em algumas municipalidades. Essa consideração pode ser feita levando em conta o conceito de imprensa artesanal não apenas como aquela que utiliza um processo técnico antigo na impressão, mas também com uma estrutura comercial modesta, com profissionais realizando diversas tarefas e público restrito.

Para Bueno (1977 *apud* ORTET, Fernando, 1996)<sup>1</sup>, que pesquisa a imprensa interiorana paulista até 1973, tal imprensa caracterizava-se por ser “mais opinativa do que informativa, que discute política, intromete-se nos bastidores da política, provoca os adversários, denuncia, reclama e, principalmente, fofoca.” (BUENO, Wilson da Costa, 1977 *apud* ORTET, Fernando, 1996, p.123). Ortet (1996) baseando-se em Vicente<sup>2</sup> e Bueno, também aborda a proximidade da imprensa interiorana com o poder público local e conclui:

---

<sup>1</sup> BUENO, Wilson da Costa. Caracterização de um objeto conceitual para a análise da dicotomia imprensa industrial/imprensa artesanal no Brasil. Dissertação de Mestrado. São Paulo, ECA, 1977.

<sup>2</sup> Na data de publicação do artigo “A realidade do jornalismo no interior é desconhecida” de Fernando Ortet, em 1996, Evaldo Vicente era Presidente da Associação dos Jornais do Interior de São Paulo (ADJORI-SP) e dono de 7 de periódicos. Na época, concedeu uma palestra na Escola de Comunicação e Artes da USP sobre a situação do jornalismo no interior de São Paulo.

No interior, a censura e a autocensura, ao contrário do que geralmente acontece com os jornais da capital, não são ditadas por razões econômicas, mas sim amistosas. Como o lugar é pequeno, quase todos se conhecem, e estando os veículos bem próximos da comunidade, quando acontece algum assunto que possa denegrir a imagem de um cidadão influente, este intercede junto ao editor, que na maioria das vezes cede à solicitação. (ORTET, 1996, p.129)

Outras características são o comprometimento com temáticas locais, propagação de campanhas comunitárias e a relação com as disputas e os conflitos políticos da cidade. Nesse contexto, para Ortet (1996) o papel da imprensa como facilitador do exercício de cidadania é mais evidente no interior. Devido à proximidade do cidadão com os assuntos, o leitor pode participar mais ativamente do desenvolvimento local e reclamar por seus direitos quando necessário. Assim, atribui-se mais fortemente aos jornais do interior o papel de fiscalizador do poder público, apesar das relações entre ambos serem, muitas vezes, estreitas.

Também para Bueno (1977), a imprensa interiorana “não admite eufemismos ou metáforas, nem é formal e educado, mas sim agressivo, direto, sem meias-palavras, polêmico e desrespeitoso.” (BUENO, Wilson da Costa, 1977 *apud* ORTET, Fernando, 1996, p.123).

De acordo com Vicente, a partir dos anos 1970, acelera na imprensa interiorana o processo de transformação dos jornais em empresas, entretanto, pelo espírito empresarial deficiente, junto com imaturidade técnica e ausência de profissionalismo, muitos periódicos se veem obrigados a encerrar suas atividades.

Essas considerações são relevantes para a pesquisa por apresentarem o contexto em que se encontrava a imprensa no interior do estado de São Paulo de modo geral. E que no ano estudado, 1964, ainda atuava com características e tecnologia artesanais e possuía determinadas relações com os leitores e com o poder público local.

### **3.4. Atuação da grande imprensa no golpe civil-militar em 1964**

No período que antecedeu o golpe-civil militar de 1964, a grande imprensa dos centros econômicos teve forte influência na desmoralização do presidente Goulart. “A imprensa foi um catalisador do golpe de 31 de março de 1964.” (SMITH, 2000, p. 29). Havia periódicos cujos donos tinham conhecimento da conspiração e até participavam dela, e

outros jornais que contribuíram voluntariamente para rejeição pública de Goulart.

Como grande parte da classe média e alta, a Igreja Católica e organizações como a Ordem dos Advogados do Brasil, a grande imprensa se opunha às mobilizações de massa de Goulart e suas pretendidas “reformas de base”, como a reforma agrária e a sindicalização dos militares. A campanha movida pela imprensa contra ele incluía editoriais na primeira página pedindo sua destituição. (SMITH, 2000, p.29)

Sodré (1999) relata que no mês do golpe, tudo estava combinado tanto no exterior como no interior. “(...) deflagrou a preparação publicitária que anunciaria as ações militares: toda grande imprensa, articulada em coro, participou dessa preparação psicológica, como o rádio e a televisão.” (SODRÉ, 1999, p.410).

O jornal *O Estado de S. Paulo* é um exemplo de um periódico de forte influência nacional cujos donos participaram diretamente na conspiração contra o governo de João Goulart. Em 18 de novembro do ano de 1963, o diretor do jornal, Júlio de Mesquita Filho, fez um discurso perante a Sociedade Interamericana de Imprensa em Miami. Em sua fala, o jornalista alertou os Estados Unidos do “perigo” comunista pelo qual o Brasil estava passando e concitou esse país a intervir na situação política brasileira.

“(...) existe o perigo de o Brasil se converter em outro bastião comunista, como Cuba. (...) Se o Brasil chegar a ter uma ditadura esquerdista, isto significará a guerra atômica. Se chegar a estabelecer-se uma cabeça-de-ponte russa no Brasil, os Estados Unidos terão de aceitar tal guerra e então será o fim.” (BANDEIRA, 1977, p. 90)

A obra de Aquino (1999) reproduz uma entrevista feita por José Álvaro Moisés e Maria Victória Benevides com um dos proprietários do OESP<sup>3</sup>, Ruy Mesquita. Respondendo a questão sobre quais foram os motivos dos liberais terem se engajado no golpe, Ruy Mesquita explicou as causas e admitiu que participava de reuniões semanais com militares para discutirem o que deveria ser feito.

“É que o Jango, pelas suas próprias condições culturais, era um incapaz. Era até uma boa pessoa para o convívio social, mas completamente despreparado para algum dia ser Presidente da República, muito menos num momento como aquele. (...) Mas o fato é que (...) os militares perceberam que não havia chance de controlá-lo (ele começou a se cercar

---

<sup>3</sup> O Estado de São Paulo.

da esquerda e a iniciar aquele projeto de reforma que chamava de república sindicalista). Militares de segundo escalão nos procuraram, aqui em São Paulo. Dois anos antes do desfecho. (...) O esquema janguista cometeu, na minha opinião, o erro que o levou à sua derrota definitiva. Começou a promover a subversão dentro das Forças Armadas. (...) **Aí, nessa fase, semanalmente o nosso grupo de civis reunia-se com quarenta, cinquenta oficiais e discutia o que fazer para resistir ao golpe que achávamos inevitável.**<sup>4</sup> (...) Em nenhum momento, nós que participávamos dessas reuniões, tínhamos a pretensão de derrubar o governo. Nós achávamos que, na hora em que ele declarasse a reforma institucional, poderíamos resistir e aí fazer uma espécie de guerra de guerrilha se tentar criar problemas para ele até que reconhecesse um estado de beligerância dentro do Brasil... Nós éramos os subversivos contra o governo deles. (...)” (AQUINO, 1999, p.41 *apud* “O Estadão e o Golpe de 64”, *Lua Nova – Cultura e Política*, 2(1): 26-31, jul.- set. 1984, p.27-30.)

Como conclusão da análise que realizou sobre a cobertura jornalística que tal jornal fez do período que circunda o golpe militar, Aquino (1999) relata:

(...) acompanhando-se os editoriais de OESP no período que antecede imediatamente ao golpe 1964, observa-se o tom alarmista de crítica ao governo de João Goulart, apontando as possibilidades de continuísmo presentes atrás de manobras do presidente; conclamando a sociedade civil e as Forças Armadas na defesa do que consideram como interesses gerais e direitos naturais dos homens e conspirando abertamente contra o governo instituído. Na sequência, tomando os editoriais que sucedem o movimento armado de derrubada do presidente, nota-se que OESP não somente apoia o golpe, mas encara-o como viva aspiração nacional; (...). (AQUINO, 1999, p.42)

Outro periódico representativo da época era a *Tribuna da Imprensa* de posse do jornalista e político, Carlos Lacerda. Em 1964, Lacerda era governador da Guanabara pela União Democrática Nacional (UDN) e se posicionava ferozmente como oposição ao governo de João Goulart. Em 31 de março de 1964, véspera do golpe, ao abordar a reunião de João Goulart na Associação dos Subtenentes e Sargentos, o jornal fez críticas e ironias com aqueles que participaram evento.

“Só reconheceu a validade e a eficácia dos sindicatos e demais entidades controladas pelas cúpulas comunistas. Foi um festival de demagogia e indisciplina. (...) Agora no Automóvel Clube, os sediciosos e o sr. João Goulart estiveram juntos e unidos. Caíram as máscaras e as distâncias. Os

---

<sup>4</sup> Grifo da autora.

sargentos, os fuzileiros navais, os soldados da minoria sediciosa puderam, enfim, reverenciar o seu comandante – presente de corpo e de espírito.”(*Tribuna da Imprensa*, 31 março de 1964, p.1)<sup>5</sup>

No dia dois de abril, a *Tribuna* publicou o editorial “Pela recuperação do Brasil” no qual considerou o ex-presidente João Goulart como um dos grandes covardes que a história já conheceu e, assim, descreveu sua saída: “Escorraçado, amordaçado e acovardado deixou o poder como imperativo da legítima vontade popular, o sr. João Belchior Marques Goulart, infame líder dos comuno-carreirista-negocistas-sindicalistas.(...)” (*Tribuna da Imprensa*, 2 de abril de 1964; trechos retirado de Barbosa,2007, p.84) .

Com ponto de vista semelhante à *Tribuna*, o *Correio da manhã*, também do Rio de Janeiro, declarou apoio integral ao golpe civil-militar. No dia primeiro de abril, publicou, na página seis, um texto nomeado como “Não pode continuar” o qual continha as razões do por que o até então presidente João Goulart não poderia mais ocupar esse cargo, entre elas estavam as queixas de que Goulart havia levado o país a “subversão”; de que o presidente havia destruído a base da liberdade no país e os fundamentos da independência do Brasil; de que também havia destruído todas as possibilidades para o desenvolvimento do país; de que tornou mais difícil as possibilidades de acabar com a miséria do povo. E, concluindo, sentenciou: “É culpado de um monstruoso crime político. Não pode continuar presidente da República.” (*Correio da Manhã*, 1º de abril de 1964, p.6; trecho retirado de BARBOSA, 2007, p.184).

No mesmo dia, na primeira página do jornal, foi publicado o editorial “Vitória” que vangloriava a deflagração do movimento. Sobre o período no qual João Goulart esteve no poder, o editorial declarava: “O país foi vítima de uma terrível provação que abalou a sua própria estrutura democrática”. (*Correio da Manhã*, 1º de abril de 1964, p.1; trecho retirado de BARBOSA, 2007, p.184).

É interessante destacar o posicionamento do jornal que declarava-se como guardião da democracia e da Constituição. Segundo Barbosa (2007), “mais do que o poder de informar, de formar, os jornais se auto atribuíram a função de vigilante das liberdades

---

<sup>5</sup> BARBOSA,2007, p.183.

democráticas. Têm, sobretudo, função política.” (BARBOSA, 2007, p.184).

“Todavia, estamos em nossos postos, prontos para defender a Constituição, o Congresso Nacional, a democracia, a liberdade. O afastamento do sr. João Goulart não justifica de modo algum um regime de exceção. Não justifica violências nem crimes cometidos contra a liberdade individual e coletiva.(...) Não admitimos – e o fazemos com autoridade e isenção que para se restaurar a disciplina se restabeleça o arbítrio de quem que seja. Não podemos consentir que levemente se restrinjam a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, a liberdade sindical, a liberdade partidária, ou melhor, que sofra o menor arranhão a livre manifestação das ideias.” (*Correio da Manhã*, 1º de abril de 1964, p.1; trecho retirado de BARBOSA, 2007, p.185).

Outro periódico carioca de destaque que apoiou o golpe civil-militar foi *O Globo*. Também na primeira página publicou um editorial enaltecendo o movimento militar, o texto recebeu o título “Ressurge a Democracia!” e trazia trechos como: “Vive a Nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre problemas isolados para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem.” (*O Globo*, 2 de abril de 1964, p.1; trecho retirado de BARBOSA, 2007, p. 185)

Um dos únicos jornais representativos da época que teve atuação destoante dos exemplos citados foi o *Última Hora*. O *UH* era comandado pelo jornalista Samuel Wainer, a criação do jornal no início da década de 1950 contou com apoio irrestrito de Getúlio Vargas, já que um dos motivos de seu surgimento foi exatamente mostrar-se favorável ao então presidente, pois, na época, havia forte campanha de oposição a Getúlio nos principais jornais, principalmente, na *Tribuna da Imprensa*. Em 1953, instalou-se uma CPI para analisar as ligações de Samuel Wainer com Getúlio Vargas, pois havia denúncias de que o *UH* recebia dinheiro público para pagar os salários de seus empregados. O *UH* era conhecido por sua linha editorial mais esquerdista comparado aos outros jornais. Em 1959, deu ampla cobertura para a Revolução de Cuba. E de acordo com Martins e Luca (2012), no período pré-1964, dedicou espaço de suas páginas para as lideranças camponesas no Brasil, além de declarar abertamente apoio ao presidente João Goulart quando, através de plebiscito, o povo decidiu pela volta do presidencialismo.

Através desses exemplos, pode-se concluir que quase em uníssono a grande

imprensa contribuiu na desestabilização do governo do presidente João Goulart, até mesmo, aterrorizando o público leitor com o “medo comunista” e o “caminho da subversão” para o qual Jango estaria levando o país. Quando deflagrou o golpe, a grande imprensa majoritariamente concedeu apoio irrestrito ao movimento militar e ao novo governo.

### **3.5. Atuação da grande imprensa no período pós-golpe**

Nos meses que se seguiram ao golpe, a grande imprensa não atuou de forma homogênea. *O Estado de S. Paulo*, segundo a análise de Aquino (1999), apoiou a posse do general Humberto Castelo Branco e a implantação Ato Institucional nº1 que determinou a cassação de direitos políticos e prisões dos envolvidos com os ideais do governo anterior.

Porém, com o passar dos anos e o recrudescimento da ditadura, surgiram divergências com o governo militar e o jornal modificou sua postura, principalmente, após a imposição do AI-5, que decretou o cerceamento da liberdade de imprensa. A partir desse marco, *O Estado de S. Paulo* alterou definitivamente seu posicionamento, atuando como resistência no período ditatorial. A mudança foi coerente para um jornal no qual seus proprietários sempre se declararam como liberais convictos. Na visão dos proprietários, tanto o governo de João de Goulart como o AI-5 foram considerados como abusos de poder por parte dos governantes, infringindo os parâmetros de uma democracia liberal (AQUINO, 1999).

Por sua vez, o *Correio da Manhã*, apesar de posicionar-se favorável ao golpe, criticou, já no dia 2 de abril, a invasão dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *O Globo* por uma tropa de fuzileiros navais. No mesmo dia, na página 6, publicou o editorial “Basta: fora a ditadura!” condenando a invasão dos jornais e a destruição do vespertino *Última Hora* que apesar de destoar da orientação do *Correio* era, sobretudo, um jornal e o ataque foi um crime contra liberdade de imprensa. “Nos meses que se seguiram, o *Correio* foi o jornal que noticiou com maior audácia as prisões em massa, tortura e repressão política.” (SMITH, 2000, p.30). Com tal postura, o jornal foi fechado em 1969, após vários episódios de ocupação da redação pela polícia, prisão de seus editores e redatores, um misterioso atentado à bomba à sua sede e pressão financeira por parte do Estado.

Barbosa (2007) analisa que os periódicos que haviam apoiado o golpe e, após os ataques e censuras à imprensa, mudam de posicionamento em relação ao governo, o fazem

por se sentirem atingidos em seu ideal de liberdade de imprensa e limitados na sua atuação profissional.

O que é importante para os jornais é continuar a exercer o papel de direcionadores da opinião do país, funcionando como atores políticos privilegiados, já que sua orientação, sua opinião e, sobretudo, seus ecos discursivos é que tornam o mundo real para o leitor. Assim, se no momento anterior figuram como adversários, ao ter afetado seu papel de porta-vozes reconhecidos, se unem em favor de um objetivo mais amplo: a construção da imprensa como lugar do exercício da verdadeira liberdade. (BARBOSA, 2007, p.186-187)

Apesar de ter sofrido invasão dos fuzileiros navais, segundo Smith (2000), o jornal mais famoso por seu apoio ao governo militar foi *O Globo*, parte do vasto império jornalístico controlado pelo empresário Roberto Marinho.

Já o *Última Hora*, prosseguindo com sua linha editorial teve, já nos primeiros quinze dias após o golpe, alguns de seus jornalistas presos pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). De acordo com a pesquisa de Martins e Luca (2008), na edição do dia treze de abril de 1964, o jornal publicou na primeira página um pedido ao novo governo de que fosse usado o caminho da solução pacífica para a crise brasileira.

UH afirmava que divergia politicamente de Castelo Branco, mas que daria seu reconhecimento ao novo governo, sempre que este atuasse “no sentido de impedir que o ódio, a vendeta e as perseguições, movidas pelos grupos ora dominantes, venham barrar o caminho das soluções pacíficas para a crise brasileira”. O editorial concluiu que o jornal preferiria desaparecer a trair a confiança do povo, a razão de viver do UH. (MARTINS e LUCA, 2008, p.202)

Samuel Wainer, proprietário do jornal *UH*, após o golpe, exilou-se em Paris e, em 1968, retornou ao Brasil, por meio de negociações da troca de um passaporte pelo abrandamento da linha editorial do jornal.

Após a saída de Castelo Branco, e a vitória da considerada “linha dura” com Costa e Silva no poder, a repressão e a censura à imprensa se intensificaram e muitas redações passaram a conviver com censores militares. A *Tribuna da Imprensa* foi ocupada por censores dois meses antes do AI-5; o *Jornal do Brasil* foi colocado sob censura prévia de dezembro de 1968 a janeiro de 1969 e o *Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde* tiveram duas edições apreendidas pela polícia, no mesmo período, entre outros episódios.

O resgate da atuação da grande imprensa no período anterior e logo após o golpe serve como parâmetro para identificar semelhanças e diferenças com a atuação dos periódicos estudados, e ainda considerar as influências que jornais de maior porte como esses podem ter exercido sobre os jornais do interior no estado de São Paulo.

## 4. A cidade de Bauru e a imprensa local

### 4.1. A formação de Bauru e suas transformações

Para compreender a cobertura da imprensa bauruense do golpe de 1964 faz-se necessário entender um pouco do histórico local e de como a cidade se desenvolveu. O município de Bauru foi fundado em 1896 e teve seu crescimento fortemente marcado pela presença das ferrovias no início do século XX.

A expansão da produção cafeeira no sentido oeste do estado de São Paulo trouxe a Bauru as ferrovias: Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), em 1905; Estrada de Ferro Sorocabana, em 1905; e a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1910. A chegada das linhas férreas, vista como a inserção de Bauru na modernidade, proporcionou a ocupação do *sertão desconhecido*. Entretanto, o estabelecimento da *civilização* foi a custo da dizimação dos índios Caingangues que viviam na região. A derrota dos indígenas foi militar e simbólica em prol do “progresso”. (LOSNAK, 2004).

Com a presença das ferrovias, Bauru se desenvolveu como ponto de conexão entre a “civilização” e o “sertão” e como ponto de chegada de milhares de passageiros. Essas características propiciaram acelerado desenvolvimento do setor terciário e do ambiente urbano. Desse modo, a cidade adquiriu alto índice de urbanização que teve vertiginoso crescimento, principalmente, entre 1934 e 1960. Em 1960, esse índice em Bauru era muito maior do que a média das cidades do interior.

A partir dos anos 1950, as transformações no âmbito nacional referentes ao progresso econômico e a busca pela modernidade refletiam-se em Bauru. Nesse contexto, intensificaram-se processos como: crescimento urbano, difusão dos meios de comunicação, aumento no número de indústrias, aceleração do ritmo de vida, entre outros. Na década de 1960, a rodovia já estava se estabelecendo na dinâmica da cidade e “buscava redimensionar as relações com o transporte rodoviário, compondo seu imaginário e sua identidade.” (LOSNAK, 2004, p.229).

Losnak (2004) analisa que o imaginário definidor de Bauru como uma metrópole instauradora da civilização no interior de São Paulo, propagou-se porque as relações urbanas predominavam sobre as rurais, fomentando uma base ideológica para fortalecimento das

elites.

Assim, industrialização, progresso e modernidade foram ideários disseminados pela elite bauruense desde o início do século XX e que, na década de 1960, estavam fortemente presentes. A aliança com o poder político era vista por essa elite como possibilidade de ampliação das atividades econômicas e continuidade da ordem política com a manutenção das estruturas de poder.

Nesse contexto, a imprensa de Bauru também contribuiu na legitimação desse modelo de desenvolvimento e na manutenção do poder da elite.

Nas imagens evocadas como representativas de Bauru, a cidade era entendida como o lugar da manifestação econômica propiciada pelas ações políticas de determinados atores – as elites políticas e os industriais. Nessa perspectiva, a cidade não aparecia como produto ou espaço de práticas políticas coletivas e culturais cotidianas. **A imprensa apresentava/construía uma cidade única, com agentes históricos limitados a um grupo social, padronizando o perfil de agente e de ação histórica, negando a possibilidade de múltiplos atores, vozes, ações, significações e imaginários.**<sup>6</sup> (LOSNAK, 2004, p.231)

A composição da imprensa da cidade nas décadas de 1950 e 1960 por representações da elite é de grande relevância para o estudo, pois auxilia na compreensão do papel que a mesma exercia na sociedade bauruense e contribui na identificação do posicionamento político dos jornais.

#### **4.2. Panorama da imprensa local (1905-1968)**

Com o progresso da vida urbana e a necessidade de mediação entre os diversos setores sociais, começaram a surgir os primeiros jornais em Bauru logo na primeira década do século XX. O primeiro jornal que se tem relato foi publicado em 1905 e se chamava *O Progresso de Bauru*, porém o impresso teve duração de apenas um ano. O segundo periódico foi *O Baurú* que iniciou suas atividades em 1906 quando a cidade completava seu primeiro decênio de independência político-administrativa. O jornal foi criado pelo político, advogado e comerciante Domiciano Silva e possuía um perfil conservador. Dois anos após

---

<sup>6</sup> Grifo da autora

sua fundação, em 1908, o semanário passou a ser dirigido por Almerindo Cardarelli que comandou o jornal até sua extinção, possivelmente, em 1924.

Outros semanários existiram durante as primeiras décadas do século XX como, por exemplo: *A Cidade de Bauru*, *O Tempo*, *A Gazeta de Bauru* e *O Comércio de Bauru*, entre outros, porém não tiveram longa duração.

O primeiro diário surgiu em 1916 e recebia o nome de *Correio de Bauru*. O impresso circulou até 1930 na cidade, pois seu proprietário Manoel Ferreira Sandim fazia parte do Partido Republicano Paulista e com a vitória de Getúlio Vargas, forças aliadas ao novo governo invadiram a redação do jornal e quebraram e queimaram equipamentos.

Outro jornal que foi invadido e obrigado a encerrar suas atividades em 1930 foi o *Diário da Noroeste* que havia sido fundado em 1925 e era o segundo a circular diariamente na cidade. O jornal levava o nome da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e tinha como proposta ser independente de partidos políticos, adquirindo orçamento com a venda de anúncios. O *DN* apresentava características inovadoras para época além de fazer a cobertura de várias cidades da região.

O mesmo grupo que comandava o *Diário da Noroeste* montou, em 1931, o *Correio da Noroeste*. Os líderes do grupo eram José Fernandes e Jorge de Castro e o impresso atuou como um dos principais jornais da cidade até os anos 1960.

A *Folha do Povo* é outro periódico de destaque criado em 1933, tornando-se diário em 1937. Durante esses anos, a *Folha* foi dirigida pelo jornalista Paulino Raphael que propagou diversas campanhas na cidade como modo de divulgar o jornal e fazê-lo reconhecido na cidade. A partir dos anos 1950, a *Folha do Povo* passou por vários donos. O último foi a família Toledo, proprietária da Instituição Toledo de Ensino.

Em 1946, foi fundado o *Diário de Bauru* de propriedade do político Nicola Avallone Jr.. O periódico, com o tempo, foi adquirindo significativa importância e nos anos de 1960 era o principal jornal do município.

Em 1967, surgiu o *Jornal da Cidade* com moldes mais modernos e melhor tecnologia. O jornal era, e é até os dias atuais, posse do empresário Alcides Franciscato que investiu fortemente no desenvolvimento do impresso. O periódico ainda circula e é o jornal mais influente em Bauru.

Com a desleal concorrência, jornais de menor porte como *Folha do Povo* e *Correio da Noroeste* fecharam as portas em 1968. O *Diário de Bauru* foi o periódico de vida mais longa e atuou até 2000, porém já não exercia a mesma influência dos anos 1960.

É interessante destacar que até 1964 existiu em Bauru uma sucursal do jornal *Última Hora* que por conta do seu posicionamento favorável a João Goulart foi, em maio daquele ano, apedrejada por membros da Força Anti-Comunista comandada em Bauru pelo professor da Instituição Toledo de Ensino, Sílvio Marques Júnior.

## 5. Diário de Bauru e Correio da Noroeste

### 5.1. Histórico do *Diário de Bauru*

O periódico *Diário de Bauru*, objeto desse estudo, foi criado por Nicola Avallone Jr.. De acordo com a pesquisa de Losnak (2004), Avallone Jr. exerceu também atividades no comércio, foi político de estilo populista, figura de destaque no cotidiano da população. Por essa postura do proprietário, o historiador alerta para a possibilidade de que Avallone Jr. tenha criado o jornal como instrumento de autopropaganda, abrindo um canal de difusão de suas ideias, com objetivos político-eleitorais.

Avallone Jr. exerceu extensa carreira política: em 1955, foi prefeito da cidade de Bauru pela coligação PTB-PRT-PTN (Partido Trabalhista Brasileiro – Partido Republicano Trabalhista – Partido Trabalhista Nacional); em 1959, foi eleito deputado estadual pelo PTN e reeleito no ano de 1962 pelo Partido Democrata Cristão (PDC), porém no ano de 1964 filiou-se ao Partido Social Progressista (PSP). Com o fim do pluripartidarismo, filiou-se a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) em 1965, partido pelo qual foi eleito mais uma vez deputado estadual no ano seguinte. Em 1968, perdeu as eleições para prefeitura de Bauru. Em dezembro desse mesmo ano, o Ato Institucional número 5, o AI-5, decretou o fechamento da Assembleia Paulista que permaneceu inativa de fevereiro de 1969 até maio de 1970. Nesse mesmo mês, Avallone Jr. teve seu mandato cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos. Nos anos 1982 e 1986 disputou as eleições para deputado estadual, porém em ambas conquistou apenas a suplência. Para destacar, em 1964, período abordado pela pesquisa, Avallone Jr. cumpria seu segundo mandato como deputado estadual e era membro efetivo da Comissão de Finanças e suplente da Comissão de Economia.

A trajetória política do proprietário do jornal demonstra-se relevante para a pesquisa por evidenciar os posicionamentos políticos assumidos por Avallone Jr.. É importante salientar que ele foi eleito prefeito de Bauru em 1955 com o apoio do PTB, partido do qual João Goulart se elegeu presidente da República.

Em 1960, Nicolinha, como é conhecido na cidade, havia apoiado a candidatura de Jânio Quadros e João Goulart, pois era membro do PTN. Porém com as mudanças políticas e, provavelmente, por causa das medidas que João Goulart estava implantando e que estavam

desagradando os empresários, Avallone Jr., mudou de partido e, em 1962, foi eleito pelo PDC.

Em 1964, Nicola Avallone Jr. era membro do PSP, e, através da leitura do jornal, nota-se o apoio explícito que o periódico e o político dedicavam ao PSP, partido do então governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros. Sua estreita relação com o governador é evidenciada em diversas notícias. Adhemar de Barros era reconhecido como um dos principais políticos que exerciam oposição ao governo de João Goulart e um dos que mais propalava o *perigo* comunista.

Após o golpe, a filiação do proprietário com partido da situação, ARENA, em 1965, destaca sua aproximação com o regime militar em seu período inicial.

Em entrevista à autora, o jornalista Zarcilo Barbosa, que em 1964 atuava na sucursal do jornal *Última Hora* em Bauru e em 1968 trabalhava no *Diário de Bauru*, contou que os motivos da cassação dos direitos políticos de Avallone Jr. foram, provavelmente, denúncias de corrupção feitas, possivelmente, por seu concorrente político, Nilson Costa, já que Avallone Jr. também havia feito denúncias a seu respeito.

## **5.2. Características do *Diário de Bauru***

O *Diário de Bauru*, no período de estudo, circulava diariamente exceto às segundas-feiras e possuía entre doze e dezesseis páginas que variavam de acordo com a quantidade de notícias e, também, de anúncios que ocupavam grande parte do jornal. Algumas propagandas chegavam a ocupar páginas inteiras, por exemplo, os anúncios das empresas *Ford* e *Expresso de Prata* (companhia privada de transporte rodoviário de Bauru). Era comum no impresso a publicação de fotografias, principalmente na primeira página. Quando a manchete era sobre algum político determinado, sempre vinha acompanhada de uma foto do personagem.

O *Diário* trazia cobertura de fatos internacionais, nacionais e locais. Assim, através do jornal era possível ter certa noção do que se passava no panorama político internacional no contexto da Guerra Fria, evidenciando a tensão que existia entre os países comunistas e capitalistas. Notas dos acontecimentos ao redor do mundo estavam presentes

principalmente na coluna “Manchetes em miniatura” localizada na primeira página.

Também o cenário político nacional recebia grande destaque. O *Diário* dava, muitas vezes, como manchete pronunciamentos de políticos fomentando a polêmica em torno dos conflitos. A cena política e outras questões locais tinham espaço no veículo, porém notícias dos feitos e propostas do proprietário do jornal ocupavam grande parte dos assuntos da cidade. Desse modo, é explícito como Avallone Jr. utiliza do impresso para divulgar suas campanhas e obras. No dia primeiro de janeiro de 1964, Avallone Jr. publicou uma carta no *Diário* em comemoração aos 18 anos do jornal. Nela, a interferência dos interesses políticos no periódico é declarada e vista com orgulho.

Há 18 anos fundávamos o DB (...) tendo como bandeira de luta a defesa de Bauru, sua terra e sua gente. (...) **Nesses 18 anos, confundimos nossa fascinante vivência política com a jornalística**<sup>7</sup>, voltada apaixonadamente para a solução dos grandes problemas relacionados à educação, à assistência social e outros, projetando sempre Bauru, uma de nossas preocupações dominantes. (...) Nossa luta, consubstanciada numa rede de escolas primárias, secundárias e superior, parques infantis, atraídas pelo nosso governo de 1956, aí está traduzida numa nova Bauru, com novas dimensões, projetada nos quatro cantos da Pátria. (...) **O jornalista e o jornal se confundiram numa ininterrupta e emocionante batalha diuturna**<sup>8</sup>, superando as incompreensões de uns e o inconformismo de outros, mas conduzindo sempre, com altivez e galhardia, porém de maneira fraternal e humana, esta verdadeira Carta de Princípios que é o Diário de Bauru. Finalizando que haja céus claros e ventos favoráveis em 1964! (trechos do Diário de Bauru, 1º de Janeiro de 1964)

O jornal também contemplava assuntos de cultura e entretenimento, por exemplo, veiculava diariamente a coluna do jornalista Adilson Laranjeira sobre os filmes que estavam em cartaz. Também estavam presentes assuntos esportivos; fatos cotidianos; eventos sociais; etc.

---

<sup>7</sup> Grifo da autora.

<sup>8</sup> Grifo da autora.

# APROVADO ESTA MADRUGADA O AUMENTO DOS ESTADUAIS: 60% / AVALLONE JR. DERRUBA VETO: BELA VISTA É SUBDISTRITO!

## MANCHETES EM MINICAPÍTULO

1 - O presidente João Cabral assinou o decreto de reestruturação do Ministério do Interior de acordo com seu antecessor, o presidente de Portugal.

2 - O deputado Ney Galvão venceu para o PUS no distrito de Bela Vista e foi eleito deputado estadual em substituição ao falecido deputado estadual de Bela Vista, o senhor João Galvão, falecido em 1963.

3 - O secretário de governo do Estado, João Cabral, assinou o decreto de reestruturação do Ministério do Interior de acordo com seu antecessor, o presidente de Portugal.

4 - A Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo aprovou o projeto de lei que eleva a categoria de sub-distrito de Bela Vista para a categoria de distrito, com o mesmo nome de Bela Vista.



Desenvolvendo um perfeito trabalho de cooperação e envolvendo todo seu prestigio, o parlamentar Avallone Jr. vem de conquistar expressiva vitória na Assembleia Legislativa do Estado, conseguindo derrubar o veto do governador Ademar de Barros que, dentro da Lei Quinquenal, impedia o elevação do Jardim Bela Vista a categoria de sub-distrito.

Está assim aprovado o projeto 836-62, de autoria de Avallone Jr. que eleva Bela Vista a categoria de sub-distrito, em pé de igualdade com Vila Colção e Tibiriçá.

É uma vitória expressiva, que representa o final de uma luta que durou 10 anos e que trará inúmeros benefícios naquele ponto de Bauru, como posto policial, cartório de paz e registro civil que serão inexoravelmente conquistados pelo líder político de Bauru e Região.

**Diário de Bauru**  
ANO XVII - BAURU - Terceira, 14 de Janeiro de 1964 - N.º 300

**CIDADE SEM LIMITES**  
Bauru, em São Paulo, é uma das cidades mais modernas do Brasil. Possui um plano de urbanização que prevê a construção de um novo bairro, o bairro de Bela Vista, com o mesmo nome de Bela Vista.

## NEY GALVÃO NEGOCIARÁ COM O FUNDO MONETARIO

1 - O deputado Ney Galvão venceu para o PUS no distrito de Bela Vista e foi eleito deputado estadual em substituição ao falecido deputado estadual de Bela Vista, o senhor João Galvão, falecido em 1963.

2 - O deputado Ney Galvão venceu para o PUS no distrito de Bela Vista e foi eleito deputado estadual em substituição ao falecido deputado estadual de Bela Vista, o senhor João Galvão, falecido em 1963.

3 - O deputado Ney Galvão venceu para o PUS no distrito de Bela Vista e foi eleito deputado estadual em substituição ao falecido deputado estadual de Bela Vista, o senhor João Galvão, falecido em 1963.

4 - O deputado Ney Galvão venceu para o PUS no distrito de Bela Vista e foi eleito deputado estadual em substituição ao falecido deputado estadual de Bela Vista, o senhor João Galvão, falecido em 1963.

Assim, Galvão debruça-se para negociar com o Fundo Monetário Internacional (FMI) a possibilidade de concessão de empréstimo para a recuperação econômica do Brasil.

Galvão, deputado estadual eleito no distrito de Bela Vista, em substituição ao falecido deputado estadual de Bela Vista, o senhor João Galvão, falecido em 1963.



NEY GALVÃO

## TECELÃS EM GREVE

As tecelãs de Bauru, em greve há 15 dias, retomaram o trabalho nesta tarde de ontem.

As tecelãs de Bauru, em greve há 15 dias, retomaram o trabalho nesta tarde de ontem.

As tecelãs de Bauru, em greve há 15 dias, retomaram o trabalho nesta tarde de ontem.

## SENADOR JK DIA 25 EM SÃO PAULO

O senador Juscelino Kubitschek, em visita a São Paulo, chegará nesta tarde de ontem à cidade de São Paulo.

O senador Juscelino Kubitschek, em visita a São Paulo, chegará nesta tarde de ontem à cidade de São Paulo.

O senador Juscelino Kubitschek, em visita a São Paulo, chegará nesta tarde de ontem à cidade de São Paulo.



## SOTTO MAIOR: BAURU PRESTIGIOU SUA INAUGURAÇÃO!



Representantes de todas as atividades da "Cidade Sem Limites" estiveram prestigiando a inauguração do Banco SOTTO MAIOR, que contou também com a participação dos "bi-shots" de São Paulo e Rio de Janeiro.

A gerência local, entregue a Luiz Mariotti, cuidou carinhosamente para que o 21.º estabelecimento bancário de Bauru pudesse obrigar uma expressiva parcela da população bauruense, suas autoridades e visitantes.

Cresce assim o parque bancário de Bauru, colocado em 4.º lugar no interior do Estado, em depósito.

No foto, aspectos da inauguração do BSM agência de Bauru.

Capa do DB do dia 14 de janeiro de 1964

A equipe do Diário de Bauru contava com o seguinte quadro: Diretor: Deputado

Avallone Jr.; Diretor de Redação: Louriveti de Castro; Gerente: Adilson Laranjeira; Redatores: B. Sergio de Souza, Miguel Rafael, Milton Campanelli e João Alvares; Colunistas: Anor Scatimburgo, Carlos Fernandes de Paiva, Pedro Grava Zanotelli, Oscar Padilha, Silvio Minhoto; Publicidade: Marçal de Arruda Campos e Carlos Martins.

É interessante pontuar que o jornal declarava: “As opiniões emitidas em artigos de colaboradores não representam necessariamente a opinião do jornal, podendo até mesmo ser contrárias a este. A opinião do jornal acha-se expressa nos editoriais e nos comentários não assinados.” (*Diário de Bauru*, 1964, p.2)

Nota-se que o periódico tinha uma estrutura considerável, pois possuía duas sucursais: uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, evidenciando a proximidade com os temas dos grandes centros.

### **5.3. Histórico do *Correio da Noroeste***

O outro periódico objeto da pesquisa, o *Correio da Noroeste*, foi fundado pelo jornalista e funcionário da Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários da Noroeste do Brasil, José Fernandes, em 1931. José Fernandes era um jornalista reconhecido na cidade, já havia trabalhado em jornais na cidade de Rio Claro e escrevia frequentemente no *Diário da Noroeste*.

Segundo o artigo de Castro e Losnak (2010) que analisa o período inicial do *Correio* de 1931 a 1935, o impresso na época defendia os posicionamentos do Partido Republicano Paulista (PRP) que agregava os representantes da lavoura, assim, o público leitor do jornal era constituído, sobretudo, por pessoas ligadas à lavoura e à produção do café.

Através da leitura do *Correio da Noroeste* entre o período de janeiro de 1930 até a data de abril de 1933, é possível afirmar que o jornal se caracterizava por privilegiar as notícias de cunho político, principalmente as matérias que interessavam aos lavradores da cidade de Bauru e região. Enfatizava diariamente que a nova política do governo Vargas ao apoiar a indústria era positiva, mas seus editoriais eram marcados pelo elogio à lavoura, “o verdadeiro caminho para transformar o Brasil em um país de

destaque no cenário mundial”<sup>9</sup>. (CASTRO E LOSNAK, 2010, p.4)

Já no seu início, o jornal incorporava o ideário de que Bauru era uma cidade a qual o progresso florescia rumo à prosperidade econômica e social. “A ideia de progresso, segundo o jornal, está associada a obras públicas, principalmente ligadas à infraestrutura da cidade como, por exemplo, ferrovia, rodovias, pontes e indústria.” (CASTRO e LOSNAK, 2010, p.9).

O posicionamento político do jornal em seu surgimento é válido para a pesquisa, pois revela a tendência do impresso em exercer práticas de apoio a determinadas classes sociais e partidos que favoreçam os interesses dessa classe, o que aponta para os vínculos estreitos entre imprensa, elite econômica e política.

Entretanto, em 1964, o impresso era propriedade de *Santos & Santos Imprensa S.A.*, uma grande empresa de publicidade detentora de vários jornais no estado de São Paulo. A *Santos&Santos* era uma empresa que angariava anúncios em São Paulo e distribuía para seus jornais no interior, seu diretor Carlos Alberto Santos não tinha relação próxima diária com Oswaldo Gaspar, jornalista responsável pelo *Correio da Noroeste*, mesmo assim, exercia influência no perfil do jornal. No início do mês de setembro, quando realizada em Bauru a “XIV Convenção dos Industriais”, Carlos Alberto veio a cidade e se encontrou com Gaspar.

Especialmente convidado, participará da Convenção de Industriais, que se inicia hoje nesta cidade o sr. Carlos Alberto dos Santos diretor-superintendente deste jornal e diretor das Organizações Santos & Santos e do Consórcio Brasileiro de Imprensa.

O sr. Carlos Alberto dos Santos, que veio acompanhado do jornalista E. Angelo Zilochi da direção daquelas Organizações, aproveitará sua estada na cidade para estabelecer com o sr. Oswaldo Gaspar medidas que complementarão as providências que há um ano vimos adotando para ampliar as oficinas do CORREIO DA NOROESTE de maneira a fazer face a crescente penetração do jornal na cidade e em toda a zona.

Faz parte do programa do sr. Carlos Alberto dos Santos visita a outros jornais que dirige em várias cidades da Noroeste. (foto do Jornalista Carlos Alberto dos Santos). (Notícia “Jornalistas na Convenção”, *Correio da Noroeste*, 5 de setembro de 1964, p.1)

Nota-se, porém, que em 1964, o jornal já não exercia tanta influência na cidade como nas décadas de 1930 e 1940. Primeiro, porque Oswaldo Gaspar não tinha o mesmo

---

<sup>9</sup> Para onde? *Correio da Noroeste*. Bauru, 19 de ago. de 1931

reconhecimento e atuação que José Fernandes e, segundo, porque na década de 1950 houve o crescimento do *Diário de Bauru*, principalmente, com a eleição de seu proprietário como prefeito em 1955. Desse modo, o *Diário* foi ganhando espaço e se fortalecendo. Ainda assim, é possível identificar que determinadas reclamações do *Correio* tinham forte respaldo na câmara de vereadores.

#### 5.4. Características do Correio da Noroeste

No período de estudo, o *Correio da Noroeste* circulava diariamente, exceto nas segundas-feiras e as edições contavam normalmente com quatro páginas e raras vezes com seis. Somente em eventuais ocasiões como, por exemplo, no aniversário da cidade (1º de agosto) foram feitas publicações maiores ou com cadernos extras.

O *Correio* era um jornal extremamente localista e seus assuntos tinham elevado grau de familiaridade com os leitores. O que não significa que o jornal não dedicava espaço aos fatos nacionais. Sobretudo no cenário político conturbado da época, o *Correio* noticiou intensamente as transições dos governantes, porém o jornal dava mais ênfase à política local, principalmente nas notícias. A política nacional era tratada de modo fervoroso na coluna do jornalista Paulino Raphael publicada com frequência quase diária, geralmente, na segunda página. Fatos internacionais não recebiam muito espaço no impresso. O periódico trazia, também, matérias sobre esporte, eventos sociais e o cotidiano da cidade, mas raramente abordava assuntos de cultura.

O envolvimento do jornal com a política local não estava relacionado diretamente com um partido específico, nota-se que, por vezes, o periódico apoia medidas de alguns vereadores e, em outras, critica. Principalmente, na coluna “Política e políticos” era comum a afirmação da isenção do comprometimento político.

Mais uma vez repetimos: este jornal não tem linha política. É completamente apolítico, é completamente independente. O nosso compromisso é com os nossos anunciantes; é com os nossos leitores, dando-lhes dia a dia um jornal melhor, mais noticioso, trazendo as suas colunas repletas de notícias locais. Bauru em primeiro lugar! (*Correio da Noroeste*, 11 de setembro de 1964, p.1)

Através da leitura do *Correio*, pode-se perceber que ele possuía vínculos com

empresas e a preocupação do desenvolvimento econômico era maior do que a vitória política de determinados partidos, como se nota no *Diário de Bauru*.

A composição dos jornais ilumina na descoberta da linha editorial de cada impresso e contribui para reconhecimento do posicionamento político no período do golpe civil-militar de 1964.

# CORREIO DA NOROESTE

Dir. Responsável: CARLOS ALBERTO DOS SANTOS  
Redação e Impressão: Baurão, 191, Rua da Faria, 30, de Janeiro de 1964  
Fundador: JOSÉ FERREIRAS  
Distribuidor: SERGIO GASPARI  
Número 1071 - quarta-feira, 30 de Janeiro de 1964  
Ano 11 - Número 1071 - Preço: 100

## Em Sessão Especial hoje tomarão posseos novos dirigentes de Bauru

Os membros do Conselho Municipal de Bauru, em sessão especial, tomarão posseos os novos dirigentes do Rotary Clube de Bauru, que foram eleitos em sessão realizada no dia 27 de Janeiro de 1964.

## ROTARY CLUBE DE BAURU MANIFESTA-SE CONTRA A EXTIÇÃO DE CONTABILIDADE NO SENAC

O Rotary Clube de Bauru manifesta-se contra a extinção da contabilidade no SENAC, pois considera que a extinção da contabilidade prejudicaria a administração pública e a fiscalização do Estado.

## CONSTRUÇÃO DE NOVO VIADUTO: TAREFA PARA A PREFEITURA E FERROVIAS

A construção de um novo viaduto para a linha férrea de Bauru é uma tarefa urgente para a Prefeitura e as Ferrovias, pois a atual estrutura é precária e não atende às necessidades da cidade.

## Poucas esperanças

O governador de São Paulo, José Góes Monteiro, não tem muitas esperanças de que o Congresso Nacional aprove a extinção da contabilidade no SENAC, pois considera que a extinção da contabilidade prejudicaria a administração pública e a fiscalização do Estado.

## COM MAIS DUAS VARAS FICARA PEQUENO O FORUM

O Fórum de Bauru ficará com mais duas varas, pois a Prefeitura e as Ferrovias estão trabalhando para a construção de um novo viaduto para a linha férrea de Bauru.

## Avalione em Dilema

O dilema de Bauru é avaliar a situação da cidade e tomar as medidas necessárias para a melhoria da infraestrutura urbana.

## Silvio Heck em liberdade

Silvio Heck, político local, está em liberdade após cumprir sua pena de prisão por crimes políticos.

**BANCO DE CRÉDITO AGRÁRIO**  
APLICA EM BAURU  
DINHEIRO DE BAURU  
RUA AZARIAS LEITE, 3-55  
UM BANCO A SERVIÇO DA CIDADE DE BAURU

**Prefeitura do Município de Bauru**  
— SAUDAÇÃO AO POVO —  
Ao término do meu mandato de Prefeito Municipal de Bauru, saúdo a povo da minha terra, externando os votos do próspero Ano de 1964 a todas as autoridades constituídas e ao Povo em Geral.  
Ao transferir o cargo ao meu sucessor, faço com a consciência do dever cumprido e com a certeza de ter governado com o mais elevado espírito público, salutando os compromissos assumidos com o cidadão, culto, inteligente e trabalhador povo de Bauru.  
Bauru, 31 de dezembro de 1963.  
**IRINEU BASTOS** — Prefeito Municipal —

**População da Espanha**  
Espanha, país de grande população, apresenta um crescimento demográfico significativo.

**CORREIO DA NOROESTE**  
ASSINATURAS  
Comunicamos aos nossos assinantes que a direção deste jornal resolveu sobrar, apenas, para 1964, os seguintes preços de assinaturas:  
MENSAL — Cr\$ 2.000,00  
SEMESTRAL — Cr\$ 1.050,00  
ANUAL — Cr\$ 2.000,00

**Agora a Bela Vista podera' ter o seu Cemitério Municipal!**  
O município de Bela Vista, através do vereador Helder A. Cunha, está trabalhando para a construção de um novo cemitério municipal, visando a melhoria das condições sanitárias e a dignidade da população local.

## 6. Análise da cobertura jornalística do *Diário de Bauru* em torno do golpe civil-militar de 1964

### 6.1. Pré-golpe

Com a leitura do jornal *Diário de Bauru* durante os meses de 1964 que antecedem o golpe civil-militar (1º de janeiro a 30 de março), puderam-se observar pontos de identificação entre algumas notícias, possibilitando organizar em aspectos um panorama do posicionamento político do periódico durante esse intervalo de tempo.

#### 6.1.1. Contextualização do cenário político internacional

O *DB* permitia ao leitor acompanhar os acontecimentos internacionais definidos pelo conflito ideológico, *capitalismo x socialismo*, que permeava as relações políticas entre os países naquele ano. Nessa perspectiva, através da leitura do impresso, era possível notar que a tensão política pela qual o Brasil passava fazia parte de um enredo de dimensões mundiais, ampliando o olhar do leitor para o contexto da Guerra Fria. As notas internacionais estavam presentes, sobretudo, no quadro *Manchetes em miniatura* localizado na primeira página.

Essa consideração sobre o jornal é relevante, pois através dessas notícias, pode-se abstrair o posicionamento de alguns países, incluindo o do governo brasileiro. Por exemplo, em janeiro de 1964 o governo francês reconheceu como país legítimo a China Comunista. Esse episódio teve aprovação de alguns países e desaprovação de outros.

Manchetes em miniatura – (...) 7- WASHINGTON – O governo dos EUA expressou seu pesar pela decisão do general De Gaulle de reconhecer o governo de Pequim.

8 – MOSCOU – Porta voz da chancelaria soviética externou o parecer de que o restabelecimento de relações diplomáticas entre Paris e Pequim representa um passo adiante para a paz mundial.

9 – PARIS – Diplomatas radicados na capital francesa anunciaram que os países de língua francesa deverão reconhecer também o regime de Pequim. (*Diário de Bauru*, 28 de janeiro de 1964, p.1)

No Brasil, o fato teve repercussão ambivalente, evidenciando a tensão ideológica contida no cenário político nacional.

ESQUERDAS EXIGEM O RECONHECIMENTO DO GOVERNO DA CHINA POPULAR – Fontes do Ministério das Relações Exteriores, no Itamarati, declaram ser completamente prematuras qualquer especulação sobre o restabelecimento de relações diplomáticas com a China Comunista.

Segundo fontes fidedignas, sabe-se que é intenção do governo brasileiro de tomar esta atitude somente não o fazendo neste momento, em face da péssima repercussão que o fato provocaria nos meios internacionais, além da forte reação política que inevitavelmente haveria no país principalmente por parte do PSD.

RUMORES – Todavia, ontem em Brasília na Câmara dos Deputados, corriam rumores de que as correntes esquerdistas, entusiasmadas com a vitória obtida na Petrobrás exigirão do governo brasileiro o pronto reconhecimento do governo da China Popular. Essa corrente está sendo liderada pelo governador Miguel Arrais. (*Diário de Bauru*, 31 de Janeiro de 1964, p.8)

Outras características da Guerra Fria, como as corridas espacial e armamentista, também foram noticiadas pelo impresso, transmitindo o clima de apreensão que pairava sobre o mundo com a possibilidade de um conflito de dimensões catastróficas.

Manchetes em miniatura – (...) 4 – MOSCOU – Observadores estrangeiros acreditam que os soviéticos pretendem fazer a união no espaço de dois ou mais astronautas. Afirmaram que o lançamento de suas estações espaciais não tripuladas, colocadas em órbita distintas por um foguete, podia ser a primeira prova de nova técnica destinada a tornar possível o encontro de naves no espaço sideral.

5 – GENEVRA – Os Estados Unidos propuseram hoje na Conferência de Desarmamento, a suspensão tanto no leste como no oeste da fabricação de projeteis e aviões de longo alcance para interromper a corrida armamentista. (*Diário de Bauru*, 1º de fevereiro de 1964, p.1)

A cobertura do contexto mundial esteve presente no periódico durante todo o ano de 1964. Após o golpe militar, é possível perceber uma inclinação favorável do jornal aos feitos dos Estados Unidos. Entretanto, como os acontecimentos internacionais costumavam ser publicados apenas em notas curtas, ou seja, não se comentava muito sobre os fatos, pode-se afirmar que o jornal não possuía um posicionamento claramente definido com relação a essa questão.

### **6.1.2. Clima de tensão: suspeita de golpe**

O conflito ideológico refletia-se no âmbito nacional e o clima entre *esquerda e direita*

era de extrema tensão. A possibilidade de um golpe de Estado de ambos os lados foi evidenciada em diversas notícias, sobretudo, a suposição de que João Goulart teria como objetivo implantar um regime socialista no país. Tal hipótese fomentava a guerra psicológica que se criava em torno do governo. Nesse sentido, o *Diário* incentivava a polêmica, principalmente, em torno dos pronunciamentos dos personagens políticos.

Já no dia 4 de janeiro, o *DB* deu como destaque na primeira página a declaração do General Assis Brasil, ministro Chefe da Casa Militar, sobre a futura reforma ministerial que viria a ser feita pelo presidente da República. A notícia revela a pressão que o governo vinha sofrendo para excluir os considerados 'elementos de esquerda' e evidencia a preocupação existente com um possível golpe de Estado da oposição.

ESQUERDISTAS AUSENTES DO FUTURO MINISTÉRIO DE JG! - (...) "O presidente da República concluiu que tem condições de segurança para impedir não só qualquer golpe contra seu governo, como também a exequibilidade de atitudes hostis assumidas eventualmente pelo congresso'. Com estas palavras, fonte ligada intimamente ao chefe da Nação (gen. Assis Brasil) sintetizou sua interpretação de fala de fim de ano do sr. João Goulart.

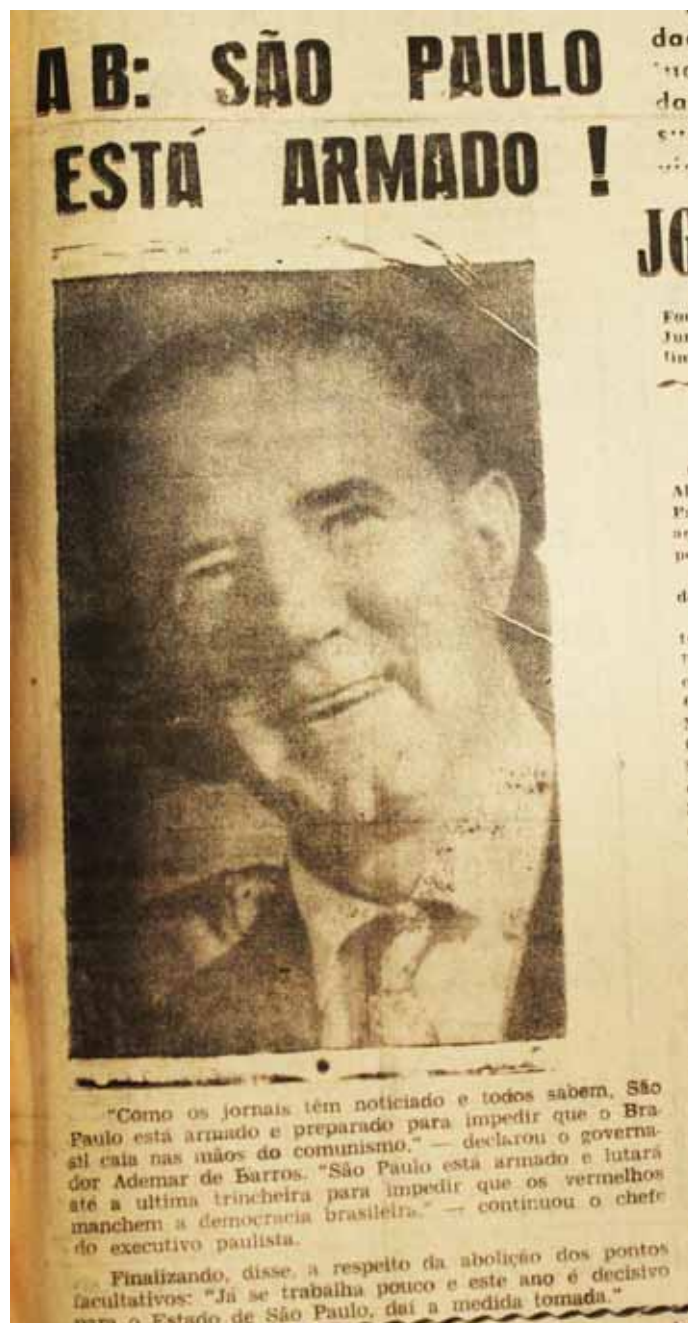
Por outro lado, as esquerdas já se convenceram de que sua participação no governo, dentro do novo ministério está praticamente superada. (*Diário de Bauru*, 4 de janeiro de 1964, p.1)



Manchete do DB de 04 de janeiro de 1964

A suposição de que o Brasil estaria na iminência de um golpe comunista é constantemente reforçada nas notícias. No dia 11 de Janeiro, na primeira página, encontra-

se a notícia “AB: SÃO PAULO ESTÁ ARMADO!”. A matéria contém a fala do chefe do executivo paulista, Ademar de Barros, afirmando que o estado de São Paulo estava armado e preparado para impedir que o Brasil caísse nas mãos do comunismo (...) <sup>10</sup>. “São Paulo está armado e lutará até a última trincheira para impedir que os vermelhos manchem a democracia brasileira”, proclamava o governador. <sup>11</sup>



*Notícia do DB de 11 de janeiro de 1964*

<sup>10</sup> *Diário de Bauru*, 11 de Janeiro de 1964, p.1.

No dia 23 de janeiro, o jornal utilizou um pronunciamento do deputado Bilac Pinto, presidente da UDN, para intensificar o clima de tensão. A manchete do jornal foi “PRESIDENTE DA UDN DENUNCIA INTENÇÕES GOLPISTAS DE JANGO!”. No corpo da matéria estavam transcritas as declarações do deputado:

“(…) governo de JG vem insistentemente tramando contra as instituições, tentando a intervenção nos Estados de São Paulo e da Guanabara, como um primeiro passo para o posterior golpe contra o Congresso Nacional, com o fechamento de suas portas.

O presidente vem facilitando aos comunistas o acesso a cargos importantes na administração federal e fornecendo armas a sindicatos rurais e da orla marítima.

O encerramento das atividades do Congresso Nacional somente não foi conseguido pela firme intervenção das forças armadas. (...)”(*Diário de Bauru*, 23 de Janeiro de 1964, p.1)

O periódico, no entanto, dedicava espaço tanto para os pronunciamentos da oposição como da situação. Considerando as declarações de Bilac Pinto, o Ministro da Casa Civil, Professor Darcy Ribeiro, respondeu ao deputado udenista defendendo Jango em uma cadeia de rádio e televisão. Sua fala foi a manchete do dia 14 de fevereiro.



*Manchete do DB de 14 de fevereiro de 1964*

*Prof. Darcy Ribeiro: “JANGO CONSPIRA MAS BENEFICIANDO O POVO!” – (...) Referindo ao episódio Bilac Pinto, que anunciou que se armavam os sindicatos marítimos, que estaria iminente um golpe armado, disse Darcy Ribeiro: “Uma verdadeira pandega, esses bacharéis udenistas! Quem, mais*

<sup>11</sup> *Diário de Bauru*, 11 de Janeiro de 1964, p.1.

que eles, têm tentado impedir que se cumpra a vontade popular? Quem sacudiu a Nação por ocasião do falecimento de Vargas? Quem são os responsáveis pela criação do parlamentarismo, que precisou ser lavado do país? Onde há perspectiva de golpe armado?”

CONSPIRAÇÃO - “Dizem que o Presidente Jango está conspirando, ou tentando conspirar... Conspira, sim, mas em favor do povo brasileiro, quando liquida com a maior máquina de desmoralização eleitoral – o IBAD... Conspira, sim, ao ceifar as garras dos exportadores de capitais para o estrangeiro - de capitais nossos -mediante a nova lei de remessa de lucros... Conspira, sim, quando leva a cabo uma completa revisão do sistema de exploração de minas e lavras...” (...) (*Diário de Bauru*, 14 de fevereiro de 1964).

No dia seguinte, o impresso destacou a favorável repercussão das declarações de Darcy Ribeiro. Ainda em fevereiro, nota-se que o presidente João Goulart, tentava apaziguar a situação e o *DB* prosseguia dando espaço a seus pronunciamentos.

J. Goulart: “povo confia no Exército em sua caminhada para a independência” – Recebendo do Ministro da Guerra, em seu nome e em nome do exército, inequívoca demonstração de apoio e solidariedade a seu governo, o presidente Jango ressaltou que as palavras do general Dantas Ribeiro estavam sendo dirigidas a um presidente que não tem tido outra preocupação senão aquela de cumprir o seu dever, buscando inspiração para o exercício de suas responsabilidades no exemplo do exército e das forças armadas do Brasil, identificadas com o sentimento e a aflição do povo. (...) Terminou o presidente a sua oração dizendo que o povo brasileiro confia em seu exército e nas Forças Armadas, na sua caminhada pacífica, cristã e democrática, vencendo velhas estruturas, para novas perspectivas que levarão a Nação a verdadeira estrada que a conduzirá a independência. (*Diário de Bauru*, 23 de fevereiro de 1964, p.4)

Também em âmbito local, a tensão ideológica estava presente. No dia 5 de março, foi veiculada uma entrevista com Sílvio Marques Júnior, presidente da Frente Anticomunista (FAC) em Bauru e professor da Faculdade de Direito, atual Instituição Toledo de Ensino (ITE). A matéria foi em ocasião da visita do coronel Saldanha Gama à cidade. Durante sua estadia em Bauru, o coronel foi convidado por Sílvio para realizar uma explanação sobre a situação do comunismo no Brasil e o que deveria ser feito para combatê-lo. Na entrevista, Sílvio Marques Júnior, revelou que a FAC estava organizando uma reação entre os núcleos anticomunistas no país, em razão da ameaça de um golpe.

Silvio Marques Júnior: “A comunização do Brasil se constituirá numa empresa difícil para os comunistas.” – (...) **“Esperamos colocar dentro de 60 dias, se recebermos a ajuda necessária, 50 mil homens aptos a efetiva**

**defesa do regime, sendo de se ressaltar o apoio que a FAC tem recebido por parte do clero, em todas as cidades por onde eu tenho passado, nesta propaganda.”<sup>12</sup>**

TREINAMENTO – “Os comunistas – continua – que segundo todo mundo sabe recebem armas estrangeiras para o “grupo dos onze”, serão enfrentados, se tentarem algo contra o regime, pelos legionários da FAC, que também receberão treinamento necessário, para a luta de guerrilha, com a qual eles nos ameaçam. (...)”

REPERCUSSÃO NACIONAL – “A repercussão da FAC no cenário nacional está sendo muito boa, já tendo sido eu procurado, pessoalmente ou por carta, por democratas de vários Estados da federação (...). Tenho além do mais mantido correspondência e contactos pessoas de vários outros núcleos de residência anticomunista e procurado uma coordenação e uniformidade de ação o que faz com que eu acredite que dentro de pouco tempo a comunização do Brasil constituirá uma empresa difícil para os comunistas, pois a reação está em marcha, podendo-se mesmo dizer que os democratas em face aos últimos acontecimentos, deixaram uma ociosidade criminosa e, descruzando os braços resolveram trabalhar pela manutenção do único regime compatível com a dignidade humana: a democracia. (...) (*Diário de Bauru*, 5 de março de 1964, p.9)

No dia posterior à palestra do coronel Saldanha da Gama, o jornal publicou trechos de sua explanação: “Ainda não sinto o cheiro da pólvora, mas algo desagradável nos reservam” <sup>13</sup> e “(...)estamos mobilizados para lutar contra os comunistas, no lugar e com as armas que eles escolherem” <sup>14</sup>.

No dia 12 de março, já com o ambiente político mais tenso, o *DB* noticiou a criação do Comando Nacional das Classes Produtoras que pretendia unir forças para defender os interesses dos empresários e, assim, encontrar consideradas soluções aos problemas nacionais.

REPUDIO DAS FORÇAS VIVAS A TENTATIVA DE SOCIALIZAÇÃO – (...) Assim, o Comando Nacional das Classes Produtoras, dentro dos próximos 15 dias, estará habilitado a congregar todas as forças vivas do país, no objetivo de contrapor às pressões de esquerda. **Consistirá a luta nas elites empresárias, demonstrarem que não estão dispostas a entregar-se às tentativas de socialização violenta a que se querem submeter o Brasil.**<sup>15</sup>(*Diário de Bauru*, 12 de março de 1964, p.1)

---

<sup>12</sup> Grifo da autora.

<sup>13</sup> *Diário de Bauru*, 10 de março de 1964, p.9.

<sup>14</sup> *Diário de Bauru*, 10 de março de 1964, p.9.

<sup>15</sup> Grifo da autora.

A polêmica em torno de um possível golpe de João Goulart ganhava força no jornal também através de diversas notícias que insinuavam a presença de comunistas no governo brasileiro. Desse modo, o jornal corroborou com a guerra psicológica criada pela oposição para desestabilização de Jango, amplamente propalada pela grande imprensa das capitais.

Um dos episódios mais marcantes foi a repercussão do pronunciamento de Luiz Carlos Prestes afirmando que os comunistas estariam no poder, mas ainda não no governo. A declaração recebeu grande destaque do jornal e foi a manchete principal do dia 13 de fevereiro.



Manchete do DB de 13 de fevereiro de 1964

*Homens de empresa alarmados: OS COMUNISTAS “NO PODER” EMBORA NÃO “NO GOVERNO” – (...) vem ocasionando um verdadeiro pânico na área empresarial de todo o país, ante o desgoverno e o egoísmo.*

Temem os representantes das **forças nacionais mais autênticas**, que o povo venha a incorporar-se à luta do líder vermelho, engrossando o seu movimento que visa a legalização do PC.

Aborrecem-se esses mesmos líderes ante o apoio que não tem faltado a Carlos Prestes, inclusive no próprio PSD, onde por várias vezes tem havido manifestações, ainda que indiretas, de amparo ao líder moscovita.

Os homens da produção, da indústria, do comércio, **das classes atuantes**, enfim, movimentam-se, nos dias atuais, com o objetivo de conduzir o povo a informações seguras de salvaguarda à democracia, livrando-o do pânico que já generaliza. (...)

As declarações de Prestes, após retornar de Moscou, de que ‘estamos no poder embora ainda não estejamos no governo’, **são mesmo um triste prenúncio de que algo de mais concreto se vem tramando nos bastidores**<sup>16</sup>. (...) (*Diário de Bauru*, 13 de fevereiro, p.1)

Através de algumas expressões utilizadas nas notícias, como “desgoverno e egoísmo”; “forças nacionais mais autênticas”; “classes atuantes”; pode-se definir o posicionamento do jornal como favorável aos interesses das classes empresariais. Sobretudo no trecho “As declarações de Prestes (...) são mesmo um triste prenúncio de que algo concreto se vem tramando nos bastidores”, o impresso integra-se ao coro da oposição de que João Goulart estaria organizando um golpe.

Também no dia 22 de fevereiro, em nova declaração do governador Adhemar de Barros, foi levantada a polêmica da infiltração comunista.

ADEMAR: ESTAMOS PREPARADOS PARA ENFRENTAR QUALQUER AGITAÇÃO! – O governador Ademar de Barros recebeu irmãs religiosas pertencentes à “Irmandade da Santa Doroteia e da Consolata”, quando lhes disse: **“Rezem pelo Brasil e pela estabilidade da situação nacional, fortemente abalada e ameaçada pela infiltração comunista. (...) A situação nacional é muito grave.”**

TRANQUILO – A propósito das agitações que se vêm verificando atualmente em diversos pontos do país, disse o governador paulista: **“São Paulo, apesar de tudo, poderá estar tranqüilo, já que o seu governador está preparado para enfrentar qualquer espécie de agitação que aqui se queira implantar”**<sup>17</sup> (...). (*Diário de Bauru*, 22 de fevereiro de 1964, p.1)

### 6.1.3. Legalização do Partido Comunista

Uma questão que provocou intenso debate, alimentando o conflito ideológico, foi a possibilidade da legalização do Partido Comunista. No dia 20 de fevereiro, na primeira página, encontra-se a notícia “PRESTES TEM CERTEZA NA LEGALIZAÇÃO DO P.C!”. Nela, está reproduzida a fala de Luiz Carlos Prestes na qual afirma estar convicto que o Partido

---

<sup>16</sup> Grifo da autora.

<sup>17</sup> Grifo da autora.

Comunista será legalizado no Brasil e que se isso acontecer o P.C terá decisiva influência no pleito eleitoral de 1965. Prestes também relatou: “O partido tem dado integral apoio ao sr. João Goulart, notadamente no que concerne à política externa, na distribuição do petróleo e nas reformas de base, embora dessa atitude não signifique qualquer espécie de compromisso com o atual governo.” (*Diário de Bauru*, 20 de fevereiro de 1964, p.1)

No dia 27 de fevereiro, foi publicada na primeira página a matéria “SÉRIA ADVERTÊNCIA SOBRE LEGALIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA EM NOSSO PAÍS” que trazia a condenação dos deputados Hermes Macedo (UDN – PR) e João Veiga (PTB- AM) sobre a possível legalização do PC.

No dia 3 de março, o jornal veiculou o pronunciamento de Carlos Lacerda no qual criticava medidas do governo federal, comparando-as com as medidas do governo russo e colocava a legalização do partido comunista como parte do caminho para a pretendida *revolução*.

LACERDA DENUNCIA: REFORMAS PROJETADAS SÃO A REVOLUÇÃO! – O governador Carlos Lacerda afirmou, em Petrópolis, que “as reformas que se querem fazer já são a revolução. (...) todos sabem que é preciso uma reforma agrária, mas qual? Não a da Rússia, que, ao fim de mais de 40 anos de ditadura tem de deixar alguns bois nas mãos de alguns criadores, algumas hortas nas mãos de alguns lavradores, para que haja alguma carne e alguma couve no mercado. Agora, acabam de importar carne dos Estados Unidos. (...) Parece que aqui também os bolchevistas querem implantar essa espécie de paraíso. Já criaram o sapato único, o livro único e, agora, pensam na **legalização do partido único**<sup>18</sup> para chegarem ao governo único.” (*Diário de Bauru*, 3 de março de 1964, p.7)

No dia 12 de março, o *DB* dedicou a terceira página inteira para a entrevista com o vereador Edson Gasparini, reconhecido em Bauru por seus ideais comunistas. Considerando que em meados de março daquele ano o clima de tensão estava quase em seu estopim, é, no mínimo, corajoso o pronunciamento do vereador e a publicação deste pelo jornal.

Edson Gasparini: (...) “A legalização do Partido Comunista é um imperativo de democracia. Não questionamos a existência de um sistema, porém, idéias se combatem com idéias e elas devem ter curso na verdadeira democracia. Será inexpugnável o regime realmente de condições de bem estar ao povo e seja apurado no livre embate das idéias. (...)”

---

<sup>18</sup> Grifo da autora.

FAC – Sobre a FAC o vereador Gasparini assim discerniu - “MAC, IBAD, IPES, ADP ou FAC, são frutos do desespero de uma reação que não dispõe da lógica suficiente, é inexistente, digamos de passagem para combater medidas de reforma que vão de encontro com as aspirações de todo o povo brasileiro, com exceção desses grupos, é claro, e por isso usam da velha e sovada chantagem do anticomunismo. **O que eles realmente desejam é combater as reformas de base; sem argumentação, apelam para o anticomunismo, procurando confundir e mobilizar a opinião pública contra o desenvolvimento do País, contrário aos interesses de seus amos, os grupos econômicos internacionais.**<sup>19</sup> Para ser patriota e progressista não é preciso ser comunista, basta ter bom senso, tudo que se levanta contra isso é safadeza, chantagem e má fé.(...)” (*Diário de Bauru*, 12 de março de 1964, p.3)

Desse modo, pode-se concluir que mesmo com a intenção de polemizar certas questões, o jornal permitiu ao leitor ter acesso aos dois posicionamentos referentes à questão da legalização do partido comunista, embora houvesse predominância do posicionamento conservador.

#### 6.1.4. Reforma agrária

Frente à pretendida reforma agrária, outra questão que costumava exaltar os ânimos políticos, o *DB* manteve postura semelhante à legalização do partido comunista, noticiou tanto o posicionamento do governo como o da oposição.

Por exemplo, no dia 29 de janeiro, o jornal publicou na primeira página a matéria “DECLARAÇÕES DE PINHEIRO NETO NA CÂMARA FEDERAL”. João Pinheiro Neto, superintendente da SUPRA, havia afirmado numa exposição perante a Comissão de Agricultura e Política Rural da Câmara Federal que “A reforma agrária é, antes de tudo, a integração do homem a terra”<sup>20</sup> e que “Não se pretende minar o direito de propriedade, mas, especialmente, dar ao homem a posse da terra.”<sup>21</sup>

Também no dia 18 de fevereiro, outro pronunciamento de Pinheiro Neto favorável a reforma agrária foi publicado:

SUPRA NORTEIA-SE COM PRINCIPIOS CRISTÃOS! – (...) “A atividade da Supra

---

<sup>19</sup> Grifo da autora.

<sup>20</sup> *Diário de Bauru*, 29 de janeiro de 1964, p.1.

<sup>21</sup> *Diário de Bauru*, 29 de janeiro de 1964, p.1.

se identifica plenamente com os anseios de todo o povo brasileiro, e, especialmente, com os princípios cristãos. Serão atingidas nas desapropriações, apenas as áreas abandonadas, superiores a cem hectares.” Quanto ao movimento de sindicalização rural, disse o sr. José Pinheiro Neto, prossegue ritmo acelerado, valendo lembrar que somente o Sindicato Rural de Governador Valadares conta presentemente com 12 mil associados. (*Diário de Bauru*, 18 de fevereiro de 1964, p.1)

Já no dia 20 de fevereiro, encontra-se a notícia “PROVOCA AGITAÇÃO NOS MEIO RURAIS” que contém depoimentos do governador do Estado de São Paulo, Adhemar Barros, contrários aos conflitos pela posse de terras, que estavam ocorrendo em alguns lugares do país. Disse o governador: “Não permitiremos invasões de terras, devolutas ou não, por indivíduos que jamais estiveram fixados no local, com moradia e lavoura”<sup>22</sup>. E também criticou: “o governo federal deveria distribuir aos lavradores os cinco mil alqueires de terras que possui em Andradina, ao invés de, por intermédio da SUPRA, estimular o descontentamento e provocar agitação no meio rural.”<sup>23</sup>. Também no dia 3 de março, o jornal publicou a notícia “ADHEMAR CONTRA A DESAPROPRIAÇÃO!” que antecipava a visita que o governador faria a Minas Gerais para participar de uma concentração ruralista contra a desapropriação de terras.

#### **6.1.5. As medidas de João Goulart**

Em análise ampla, pode-se concluir que o periódico dedicava espaço para noticiar as medidas e os discursos do presidente João Goulart ainda que, por vezes, o jornal demonstrasse sua contrariedade em relação a algumas medidas. Por exemplo, no dia oito de janeiro, o impresso deu como manchete “JANGO CONTRA O AUMENTO DAS ANUIDADES ESCOLARES!”. A notícia era referente ao posicionamento de João Goulart de que os colégios não poderiam aumentar a taxa escolar para um valor tão alto que chegasse a prejudicar os alunos de classes econômicas mais baixas. Sobre essa medida, no dia 10 de janeiro, o jornal publicou uma nota contando que o parlamentar Avallone Jr., proprietário do jornal, havia enviado um radiograma ao presidente da República, comentando e criticando a postura de

---

<sup>22</sup> *Diário de Bauru*, 20 de fevereiro de 1964, p.1.

Jango com relação às anuidades escolares.

ANUIDADES ESCOLARES! – O parlamentar Avallone Jr. enviou radiograma ao presidente da República, sr. João Goulart, colocando em relevo o zelo e o cuidado do chefe da Nação evitando o aumento das taxas escolares no corrente ano letivo.

Por outro lado, o parlamentar bauruense ponderou que os colégios não irão poder fazer face ao pagamento do reajustamento salarial dos professores nas bases pretendidas pelo ministro da Educação que realmente vai ao encontro das justas reivindicações.

Termina o parlamentar suas ponderações concitando o presidente da República a tomar medidas mais panorâmicas em favor do ensino particular, satisfazendo as partes interessadas. (*Diário de Bauru*, 10 de janeiro de 1964, p.1)

Em 18 de janeiro, foi noticiada a aprovação da nova lei de Remessa de Lucros e, após oito dias, o jornal publicou o comentário pejorativo do embaixador dos Estados Unidos, Lincon Gordon, sobre as possíveis consequências da lei.

REMESSA DE LUCROS: EMBAIXADOR COMENTA! – O embaixador Lincon Gordon encontra-se nos Estados Unidos, em conferência com o presidente Johnson e com o sr. Thomas Mann, subsecretário para assuntos latino-americanos. O diplomata, falando a imprensa de seu país afirmou que a lei da remessa de lucros assinada pelo presidente Goulart, atingirá a mais de uma centena de empresas com capitais americanos estabelecidas em nosso país, sendo que estes investimentos atingem a um montante de 1bilhão e 200 milhões de dólares. (*Diário de Bauru*, 26 de janeiro de 1964, p.1)

Além das medidas do governo, o *DB* costumava reproduzir os discursos de João Goulart, por exemplo, no dia 20 de fevereiro, o *DB* transcreveu trechos da fala do presidente pronunciada no dia anterior no radiojornal “A Voz do Brasil”.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA: ‘MEDIDAS DRÁSTICAS NOS PRÓXIMOS TRÊS DIAS’ – “Os resultados dos esforços administrativos só serão obtidos se concretizadas as reformas de base a que se propõe o governo, e 1964 será o ano decisivo das reformas que visam a assegurar a tranquilidade do nosso povo” (...).

Ao dirigir sua oração a todo o povo brasileiro, o sr. João Goulart salientou que as desigualdades sociais terão que ser eliminadas, e que o nosso país desfruta de singular posição entre os que lutam para livrar-se do subdesenvolvimento. (...)

FUTURO RISONHO – “O meu sucessor não encontrará vários dos problemas com que me debati” – disse Goulart. “Isso graças às démarches que venho

---

<sup>23</sup> *Diário de Bauru*, 20 de fevereiro de 1964, p.1.

desenvolvendo, desde o início do meu governo, mormente em se tratando das dívidas externas do Brasil, que poderiam ser prorrogadas para 1966. Mas eu assim não penso, pois está em jogo a intangibilidade do Brasil no conceito mundial. Há, felizmente, melhor compreensão, agora, pelas dívidas do nosso país.” Alegou o Presidente brasileiro que “os compromissos anteriormente assumidos, sem esquemas ou estudos prévios, abalaram o crédito brasileiro no exterior. Posso afirmar ao povo, aos que me ouvem, que será completamente solidificada a situação crítica que nos envolve, dentro de espaço consideravelmente curto.” (*Diário de Bauru*, 20 de fevereiro de 1964, p.1)

Outros exemplos de discursos publicados pelo jornal foram: “POLÍTICA EXTERNA DO BRASIL ATINGE MATURIDADE”<sup>24</sup>, referente ao pronunciamento do presidente no dia 6 de março no Palácio do Planalto; e a fala de João Goulart quando decretado o novo salário mínimo “DECRETADO ONTEM O NOVO SALÁRIO MÍNIMO DO PAÍS”<sup>25</sup> com trechos em que Jango defendia a medida em favor dos trabalhadores: “Não faltaram os patrões descontentes, mas os trabalhadores saberão reagir em sua defesa.”<sup>26</sup>

A publicação dos pronunciamentos do presidente e de membros do governo era importante, pois, era o único acesso que o leitor tinha da visão de quem estava poder, já que se pode considerar que o perfil político-editorial do impresso era contrário ao governo de João Goulart. Desse modo, a reprodução das falas dos políticos favoráveis à situação, possibilitou ao leitor, ao menos, a reflexão das medidas e dos conflitos existentes.

#### **6.1.6. Clima de caos: greves, inflação e crise no abastecimento**

Alguns outros fatores contribuíram para intensificar a tensão pela qual o país passava e auxiliaram na desestabilização do governo. É perceptível, através da leitura do jornal, o clima de caos no qual se encontrava o país retratado pela imprensa. Nas notícias, eram recorrentes temas como a deflagração de greves de vários setores, o aumento dos preços dos produtos e a crise no abastecimento dos gêneros alimentícios. Nesse contexto, o jornal expressava o desespero e responsabilizava o governo central como o culpado pela situação.

Exemplo de notícia sobre o aumento da inflação e crítica ao governo:

---

<sup>24</sup> *Diário de Bauru*, 7 de março de 1964, p.1.

<sup>25</sup> *Diário de Bauru*, 23 de fevereiro de 1964, p.1.

<sup>26</sup> *Diário de Bauru*, 23 de fevereiro de 1964, p.1.

AUMENTO INEVITÁVEL DO PÃO NO DIA PRIMEIRO! – (...) São eles (panificadores), igualmente vítimas da corrida aumentista, pois o material utilizado encareceu demais nestes últimos meses e com o aumento de salários e impostos não poderão vender o pão pelos preços atuais. Desse modo, o bauruense poderá ter certeza do aumento, pois ele é ponto pacífico, segundo os informes obtidos junto à classe dos panificadores.

Enquanto isso, **o governo central anuncia congelamento e outras medidas para conter a inflação e conseqüente encarecimento do custo de vida, procurando fazer ver ao povo sua atuação positiva quando a realidade gritante é bem outra, pois tudo não passa de balela e a incompetência administrativa ressalta aos olhos de qualquer um.**<sup>27</sup> (*Diário de Bauru*, 25 de janeiro de 1964, p.1)

A SUNAB (Superintendência Nacional do Abastecimento) foi alvo de muitas críticas durante todo o ano de 1964. Abaixo, um exemplo de matéria relatando a crise do abastecimento e, novamente, responsabilizando o governo federal:

INEXISTE EM BAURU ÓRGÃO CONTROLADOR DE PREÇOS: SUNAB NÃO ESTÁ FUNCIONANDO – “(...) Com a recente criação da SUNAB, como órgão controlador de preços e abastecimento, os mercados ficaram completamente abandonados, como é o caso de Bauru, que não possui ramificação desse órgão, existente somente no papel. (...) como a tal de SUNAB não está funcionando e acreditamos que funcionará nunca, às Prefeituras estão afetos seus problemas, como se os Prefeitos tivessem obrigação de suprir as lacunas do governo federal. (...). (*Diário de Bauru*, 9 de fevereiro de 1964, p.8)

As greves eram constantemente noticiadas no quadro *Manchetes em miniatura* em formato de notas, portanto, o jornal não se posicionava explicitamente em relação ao tema.

#### **6.1.7. Candidatos ao pleito eleitoral de 1965**

Outro aspecto insistentemente tratado pelas notícias que diminuía a força do governo de João Goulart era a disputa antecipada entre os partidos para definir seus candidatos às eleições presidenciais do ano seguinte. No dia 3 de janeiro, na primeira página, encontra-se a notícia “JUSCELINO QUER MOBILIZAR TODO PSD EM TORNO DE SEU NOME”. Outro possível candidato era o governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda. No dia 16 de janeiro, o jornal publicou a notícia “DECISÃO PARA EVITAR CISÃO!”, a qual

---

<sup>27</sup> Grifo da autora.

trazia o depoimento do deputado Ernani Sátiro da UDN relatando que 14 diretórios regionais do partido revelaram-se favoráveis a candidatura de Carlos Lacerda.

Outros que pretendiam disputar as eleições presidenciais eram o governador de Minas Gerais Magalhães Pinto e o governador do estado de São Paulo Adhemar de Barros. Esse último chegou a declarar: “AB AOS CONVENCIONAIS DO PSP: ‘SOU O CANDIDATO DA ORDEM E DO PROGRESSO’ ”<sup>28</sup>.

#### 6.1.8. Coluna “O TEMPO não passa”

A coluna “O TEMPO não passa” escrita por Mestre Cyrillo, pseudônimo de Carlos Fernandes de Paiva, era publicada em média três vezes por semana nas páginas de dentro jornal, mas alterava de lugar. A política não era o único tema tratado na coluna, mas o desânimo do Mestre Cyrillo com o cenário político nacional no período de janeiro a março foi assunto recorrente. O estilo de escrita de Cyrillo costumava ser rebuscado, fazendo uso de uma linguagem carregada por metáforas.

No período anterior ao golpe civil-militar, Cyrillo destinava fortes críticas a João Goulart e corroborava com o coro oposicionista de que o presidente tinha ideais comunistas. As críticas de Cyrillo estavam em sintonia com o pensamento conservador do período. No dia 16 de fevereiro, a coluna recebeu o título “A MARGEM DOS COMENTÁRIOS...”:

(...) O chefe mor da politiquice nacional, de gorro encarnado sobre o cocuruto, com seus adjuntos de aventais vermelhos, empunhando a colher de pau alienígena, insiste e persiste na trituração do estatuto máximo da nossa organização regimental, com a evasiva injustificável de reformas de base e agrária, objetos administrativos que escapam, neste instante, da verdadeira realidade nacional, que outra não é senão o empobrecimento, a decadência, o declínio assustador em que jaz a agricultura do país. (...)

Diante da pobreza intelectual, da mediocridade política dominante no momento, da ambição desmedida dos homens, da impatriótica atividade reinante contra a honra e a dignidade da pátria, tudo é possível, até mesmo a desnutrição da democracia, regime de liberdade e independência.

Lamentável o estado de coisas. (...) Esperemos por uma graça... (*Diário de Bauru*, 16 de fevereiro de 1964, p.9)

---

<sup>28</sup> *Diário de Bauru*, 26 de fevereiro de 1964, p.1.

No dia 19 de fevereiro, na coluna intitulada “INACREDITÁVEL”, Mestre Cyrillo considerou inacreditável quererem mudar o regime, referindo-se as possíveis intenções comunistas de João Goulart, também ironizou as reformas de base, entre elas, principalmente a reforma agrária, e rechaçou o possível direito de um analfabeto de ser votado.

Faltando poucos dias para o golpe, Mestre Cyrillo, dentre outros comentários, fez um alerta e concitou a união de todos os partidos contra o ‘dragão vermelho’:

(...) Enquanto isso os partidos recuados no tempo e no espaço cuidam de posições futuras, esquecendo-se que antes disso uma união de todos faz mister para combater o dragão vermelho que já rugue aos portais de nossa casa, para enfrentar com religioso amor pátrio o exército da foice e martelo em marcha à caminho dos nossos campos acobertados por Judas nacionais, um entrosamento entre todos, de ideal cívico e amor à família brasileira, para antepor um dique as démarches aventurosas enunciadas nos pronunciamentos dos timoneiros da arca-indígena para evitar o naufrágio do nosso regime. (...)(*Diário de Bauru*, 26 de março de 1964, p.9)

Com esse tom dramático e crítico, apesar do jornal esclarecer que os colaboradores não representam sua opinião, a coluna “O tempo não passa...” escrita por Mestre Cyrillo endossou os interesses da elite conservadora e também fez contribui com a propalação dos boatos contrários a João Goulart, legitimando-os para o leitor do jornal.

#### **6.1.9. Rumo ao golpe: recrudescimento das relações oposição x situação**

No mês de março, as tensões agravaram-se e intensificou a pressão contra o governo. Desse modo, também o presidente passou a fazer pronunciamentos mais fervorosos aos trabalhadores e críticos a seus adversários, como última tentativa de conseguir apoio e permanecer no poder. O jornal, através das notícias, evidenciava o declínio do presidente nos meios políticos e prosseguia dando espaço aos discursos de João Goulart.

Como exemplo, no dia 12 de março, o *DB* trouxe como notícia a vitória de Auro Soares de Moura Andrade (PSD) para a presidência do Senado. O jornal assim considerou: “A vitória do **brilhante político paulista** está sendo interpretada nos círculos políticos de

Brasília, como autêntica derrota de Jango Goulart e **fortalecimento considerável das forças direitistas brasileiras.**"<sup>29</sup> Através da expressão

'brilhante político paulista', o jornal explicita seu posicionamento favorável a vitória do senador.

O famoso comício realizado por João Goulart aos trabalhadores no dia 13 de março na Guanabara foi uma das últimas ofensivas do presidente para tentar unir os trabalhadores e as esquerdas em torno de seu nome. A própria escolha do local foi considerada provocativa, já que Carlos Lacerda, governador da Guanabara, era um de seus maiores adversários políticos e tentou de várias maneiras evitar que o evento fosse realizado em seu estado.

No dia 14 de março, trechos do discurso proferido por Jango no comício foram transcritos na primeira página e como manchete o *DB* escolheu a frase de impacto: "Presidente Goulart aos TRABALHADORES: 'ESTOU CERTO DAS REAÇÕES QUE NOS ESPERAM, MAS LUTAREI CONTRA A DEMOCRACIA DO ÓDIO!'". Algumas das falas publicadas foram:

"Brasileiros! Valoroso povo da Guanabara! Esta é a linguagem da esperança. Linguagem de quem que falar francamente. Tentaram impedir este memorável encontro entre o povo e o seu Presidente. **Essa tentativa foi feita por uma minoria que pretende implantar a democracia dos privilégios, a democracia do ódio, capaz de derrotar a Petrobrás, do ódio que levou Vargas ao supremo sacrifício.**" (...) RECONFORTADO - "Sinto-me reconfortado para a luta à medida que ela apertar, porque sei que contra os que sugam a Nação. **Sei das reações que nos esperam. Estou tranquilo, porque cumpro com o meu dever. O povo já está amadurecido e tem consciência formada e não nos faltará com o seu apoio às reformas de sentido nacionalista.**" <sup>30</sup> (...) O MILAGRE - "Não é possível que continuemos a admitir que essa estrutura ultrapassada possa realizar o milagre da evolução social. Tudo farei para derrubar as barreiras que estão impedindo o progresso. Sem reforma da Constituição não poderá haver a reforma que todos pretendemos. Estarei lutando, sempre, ao lado do povo, pelo progresso do Brasil!"(*Diário de Bauru*, 14 de março de 1964, p.1)

Como oposição ao discurso de João Goulart, o ex-presidente Eurico Gaspar Dutra,

---

<sup>29</sup> *Diário de Bauru*, 12 de março de 1964, p.1.(Grifo da autora)

<sup>30</sup> Grifo da autora.

concedeu uma declaração ao Jornal do Brasil que foi reproduzida pelo *DB* no dia 20 de março.

Ex-Presidente Dutra: “RESPEITO À CONSTITUIÇÃO É A PALAVRA DE ORDEM AOS PATRIOTAS DO BRASIL” – (...) “Considerando a gravidade das circunstâncias que caracterizam a atual situação brasileira, não me posso furtar a fazer um apelo à lucidez e ao tradicional bom senso dos meus compatriotas, no sentido de que se unam os democratas, enquanto é voltado para o bem do país, de evitar o advento de condições que lancem o Brasil no desastre da irremediável secessão interna. O respeito a constituição é a palavra de ordem dos patriotas. A fidelidade à lei é o compromisso sagrado dos democratas perante a Nação. Não se constrói na desordem nem se prospera no sobressalto.” (*Diário de Bauru*, 20 de março de 1964, p.1)

No dia 21 de março, o *DB* noticiou como destaque principal a realização da “Marcha da família com Deus pela Liberdade” na cidade de São Paulo no dia anterior e que, de acordo com o jornal, atraiu um milhão de pessoas. Através dos adjetivos usados para descrever a marcha, pode-se extrair a opinião do jornal. Abaixo a notícia e, em negrito, os trechos que expressam o pensamento do jornal.

**SÃO PAULO DEFENDEU REGIME NA “MARCHA DA DEMOCRACIA”** – (...) “Altas personalidades discursaram na ocasião, entre calorosas manifestações de aplausos da multidão paulistana, que irmanada às delegações oriundas dos mais longínquos recantos brasileiros, a todo instante entoava o Hino Nacional, **numa eloquente demonstração de amor à liberdade, à ordem, à tranqüilidade e ao trabalho.** (...) “Estamos aqui para dizer ao Brasil que estamos alertas, que os democratas não permitirão que os comunistas se apoderem da nossa Pátria.” – disse o presidente do Congresso Nacional, senador Auro Soares de Moura Andrade, aduzindo: “Melhorar sim, as condições de vida do povo, mas tocar na Constituição não; reformas sem totalitarismo, se não, não. Tudo pela liberdade, se não, não. Pela democracia, pelas liberdades, pela Constituição, se não, não.”

A manifestação feita em São Paulo, **em defesa das liberdades democráticas** está sendo interpretada em todos os circuitos políticos nacionais **como uma lição, uma advertência que o presidente João Goulart jamais poderá desprezar**<sup>31</sup>. (*Diário de Bauru*, 21 de março de 1964, p.1)

O apelo do presidente João Goulart defendendo-se das acusações de que a democracia estaria ameaçada foi publicado pelo *DB* na primeira página no dia 24 de março.

JANGO À NAÇÃO: “SE NÃO PREGOSSEGUIRMOS ESTAREMOS TRAINDO O EX-

---

<sup>31</sup> Grifo da autora.

PRESIDENTE VARGAS"! – (...) “Dizem que o regime está em perigo, que a democracia está ameaçada. Mas esse perigo só existe nas páginas de certa imprensa, que defende, isto sim, os seus negócios, que procura tão somente manter seu privilégios<sup>32</sup>. Não. Não está em perigo a democracia. Nós, trabalhistas, desejamos preservá-la, prestigiá-la.”

REFORMAS VIRÃO – (...) “Há apenas uma coisa a considerar: nós, trabalhistas, não queremos uma democracia pela metade. Que se levantem os grupos econômicos, a reação, porque as reformas virão, pois são inadiáveis.”

SOBRE VARGAS – Após dizer que não tem compromisso com ninguém, exceto com o povo, salientou o Presidente: “Se o PTB, se nós, não prosseguirmos nesta luta, estaremos traíndo o grande companheiro que foi Getúlio Vargas.” (*Diário de Bauru*, 24 de março de 1964, p.1)

A última fala em público de João Goulart como presidente da República aconteceu na noite do dia 30 de março na Sede da Associação dos Sub-Tenentes e Sargentos da Guanabara, onde recebeu o título de “Cidadão Benemérito” e trechos de sua explanação foram transcritos pelo *DB* no dia seguinte e publicados com destaque na primeira página. Abaixo um trecho do discurso o qual João Goulart esclarece quem são seus opositores.



Manchete do DB do dia 31 de março de 1964

<sup>32</sup> Grifo da autora.

GOULART “OS QUE DEFENDEM A CONSTITUIÇÃO AGORA SÃO OS MESMOS QUE QUERIAM RASGÁ-LA” – (...) AS MESMAS FORÇAS – “Para compreender o esquema de ação desses grupos que tentam dificultar as reformas – salientou o Presidente – basta ver que são os mesmos que pregavam a ditadura e convidavam o povo ao regime de exceção. São as mesmas forças que tentaram impedir a minha posse. Mais que isso, de outros três presidentes. São as mesmas que hoje se unem contra as reformas, julgando-se, agora, as defensoras da Constituição, quando já pretenderam rasgá-la.” (...) (*Diário de Bauru*, 31 de março de 1964, p.1)

A reprodução dos discursos de Goulart revela certa estratégia jornalística de apresentar a diversidade e estratégia política de manter canais com o grupo no poder do governo federal, ainda assim, possibilitavam, ao menos, o acesso do leitor aos posicionamentos da situação.

## **6.2. Dias do golpe**

O golpe civil-militar deflagrou-se no dia 31 de março de 1964 quando as tropas do general Olympio de Mourão Filho do IV Exército partiram de Minas Gerais rumo ao Rio de Janeiro. No Rio, o contingente do Primeiro Exército que fora enviado para interceptar o grupo de revoltosos, aliou-se aos rebeldes quando as tropas se encontraram. O comandante do II Exército em São Paulo, general Amaury Krueel, por telefonema com o presidente, afirmou que apenas apoiaria Jango se ele rompesse com o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) que estaria liderado por comunistas. Porém, Jango não cedeu à condição de Krueel, e do Rio de Janeiro voou para Brasília para encontrar com seus assessores, entre eles, Darcy Ribeiro.

Sem apoio militar, Goulart dirigiu-se para o seu estado natal, Rio Grande do Sul, onde podia contar com a resistência do então deputado e seu cunhado Leonel Brizola, porém não existiam mais, efetivamente, condições de luta. Sem um plano de atuação das esquerdas, o Terceiro Exército, situado no Rio Grande do Sul, que até o momento não havia aderido à rebelião, se juntou ao grupo. Após dois dias, Goulart, sem apoio e consciente do tamanho da conspiração que sublevava contra o seu governo, exilou-se no país vizinho, Uruguai. Em entrevista à Moniz Bandeira, Goulart contou que “compreendeu que qualquer resistência poderia representar um gesto heroico, mas não passaria de uma aventura, resultando inútil

o derramamento de sangue.” (BANDEIRA, Moniz, 1977, p.1977).

O *DB*, no dia primeiro de abril, não tinha informações precisas sobre o que estava se passando. Para não gerar pânico, o jornal noticiou como manchete: “REINA ABSOLUTA CALMA EM TODO O PAÍS, APESAR DE TUDO” e no corpo da matéria procurou tranquilizar a população.

Os últimos informes chegados à redação, sobre a situação nacional brasileira, na noite de ontem salientavam estar se operando um recrudescimento na crise, a partir das primeiras horas da noite. Sem o intuito de intranqüilizar a família bauruense, o DIÁRIO DE BAURU divulga a marcha dos acontecimentos à medida que chegam os noticiários. (...) (*Diário de Bauru*, 1º de abril de 1964, p.1)

Ainda na mesma matéria, o jornal reproduziu a nota presidencial emitida pelo ministro da Guerra, general Jair Dantas Ribeiro, na qual esclarecia que o general Mourão Filho havia sido exonerado do cargo e que o governo agiria com todo rigor para conter os revoltosos e, com esperança, sentenciava: “São falsos defensores da democracia, e, haja o que houver, custe o que custar, serão barrados pelas forças armadas brasileiras, coesas com o Presidente da República.”<sup>33</sup>

Em primeiro de abril, também foram noticiadas a movimentação das tropas até o Rio de Janeiro; a declaração de Magalhães Pinto de que Minas não aceitaria uma intervenção federal; o pronunciamento de Adhemar de Barros à imprensa no qual exaltava-se: “Chega! Precisamos trabalhar; se não for por bem, que seja por mal”<sup>34</sup>; e o discurso do deputado Auro de Moura Andrade concitando os democratas a cumprir seu dever patriótico e agir contra os agentes do comunismo internacional.

É interessante evidenciar que também, no dia primeiro de abril, o *DB* relata a ida de Avallone Jr. a São Paulo para encontrar com Adhemar de Barros. Em meio ao contexto, considera-se que o deputado tenha ido ao encontro do governador para inteirar-se do que estava se passando e, provavelmente, procurar definir a posição que assumiria perante o rumo dos fatos.

---

<sup>33</sup> *Diário de Bauru*, 12 de março de 1964, p.1.

<sup>34</sup> *Diário de Bauru*, 12 de março de 1964, p.1.

No dia dois de abril, a manchete do jornal foi “MEIA- NOITE: JANGO AINDA PRESIDENTE”. Essa edição trouxe como destaques, na primeira página, o comício realizado no Rio Grande do Sul e as declarações de Leonel Brizola afirmando que estavam do lado da legalidade e que iriam à luta; a manifestação de Carvalho Pinto de que aquela não era uma hora para omissão e que os governadores deveriam agir; a suposta deposição dos governadores Miguel Arraes (PE) e Seixas Dória (AL); o manifesto elaborado pela câmara municipal de Bauru em apoio aos militares revoltosos; e na página 16, uma entrevista com Horácio Pyles, um dos organizadores da “Marcha da família com Deus pela liberdade” que estaria sendo preparada em Bauru.

# MEIA NOITE: JANGO AINDA PRESIDENTE

Quando encerrávamos os trabalhos desta edição, o sr. João Goulart, garantida pelas "Forças da Legalidade", sediadas em Porto Alegre, e malgrado as notícias de que as forças contrárias caminhavam para o Rio Grande do Sul, ainda era o presidente brasileiro.

No mesmo avião que utilizara para locomover-se da Guanabara à Brasília, um aparelho "Coronado" do Va-

rig, acompanhado de sua esposa, duas filhas e dois secretários particulares, Jango deixou ontem o capital do país.

Uma força-tarefa da Marinha de Guerra do Brasil, integrada pelo Cruzador "Tamarandá" e o destróier "Pará", este um dos mais potentes navios de guerra do Brasil, sob o comando do Almirante Silvio Heck, rumaram às últimas horas de ontem da

Guanabara para Santos, de onde poderão rumar para o Rio Grande do Sul.

Manifestando-se telefonicamente ao sr. Arthur Ayrós, o sr. Auro de Moura Andrade, Presidente do Senado Na-

cional, manifestou-se nos seguintes termos, nos últimos instantes do dia de ontem:

"Se haverá entendimentos com as forças romancistas, se acontecer uma rendição incondicional".

## DIVERSAS FERROVIAS ESTÃO PARALISADAS

As linhas férreas brasileiras, em virtude da situação política, estão paralisadas em quase todas as regiões do país. Apenas algumas linhas mantêm o movimento normal.

Uma comissão formada pelas autoridades dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, para estudar a situação das ferrovias, reuniu-se em Brasília, ontem, sob a presidência de Jango.

## PESSOAL DA 'E.F.S. SOLIDÁRIO COM AB

Desempenhando atividades em favor do trabalho, os membros da E.F.S. Solidário, em conjunto com os alunos do curso de Engenharia, realizaram ontem, em um salão da Universidade de Bauri, uma sessão de trabalho em homenagem ao dia do trabalhador.

### Diário de Bauri

"O Bauriense lutando pela sua terra e sua gente"

ANO XVII Bauri - Outubro 2 de Abril de 1964 N.º 1111

## GAUCHOS PROMOVERAM UM GIGANTESCO COMICIO

Dizendo que a Radio Nacional de Brasília, também lhes dava inteiro apoio, numerosos oradores se fizeram ouvir em

Porto Alegre, ontem à noite, entre os quais o Deputado Leonel Brisola e o Deputado Estadual Wilson Vargas.

## FOI DISSOLVIDA A MANIFESTAÇÃO!

Uma reunião de aproximadamente mil manifestantes, realizada no salão de festas do Hotel Bauri, foi dissolvida pelo Exército.

## MANIFESTAÇÃO DE CARVALHO PINTO!

Uma manifestação de caráter político, promovida por Carvalho Pinto, foi realizada em Bauri, ontem.

### ZERO HORA

Congresso preparava a decretação do "Impeachment" ao presidente Goulart

Uma comissão formada pelas autoridades dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, para estudar a situação das ferrovias, reuniu-se em Brasília, ontem, sob a presidência de Jango.

## BADGER SILVEIRA FOI DESTITUIDO!

Badger Silveira foi destituído do cargo de governador do Rio Grande do Sul, ontem.

Uma comissão formada pelas autoridades dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, para estudar a situação das ferrovias, reuniu-se em Brasília, ontem, sob a presidência de Jango.

## CÂMARA MUNICIPAL TAMBÉM ESTÁ EM VIGILIA CÍVICA!

A Câmara Municipal de Bauri está em vigília cívica, ontem.

Uma comissão formada pelas autoridades dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, para estudar a situação das ferrovias, reuniu-se em Brasília, ontem, sob a presidência de Jango.

## GOVERNADORES TERIAM SIDO DEPOSTOS ONTEM

Os governadores dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, teriam sido depostos, ontem.

Uma comissão formada pelas autoridades dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, para estudar a situação das ferrovias, reuniu-se em Brasília, ontem, sob a presidência de Jango.

Capa do DB do dia 02 de abril de 1964

No dia três de abril, o jornal, pela primeira vez, assumiu explicitamente seu posicionamento, comemorando a vitória dos militares com a manchete "GAÚCHOS RENDERAM-SE AS FORÇAS DA DEMOCRACIA!". As outras notícias, apenas reforçavam o êxito

69

das tropas, por exemplo, os depoimentos de Adhemar de Barros proclamando o “expurgo aos comunistas” e o do general Amaury Kruel: “Queriam repetir o episódio comunista de 35”. A “marcha da família” realizada no Rio também foi destaque no jornal que descreveu as faixas levadas pelos manifestantes: “comunismo não, democracia sim”. Entre outras notas que exaltavam o espírito glorioso dos militares responsáveis por banir o comunismo do país. Na página 12, o *DB* trouxe o pronunciamento do governador do Paraná, Ney Braga, justificando o golpe: “se todos se desesperam é porque muitos erraram.”

Portanto, através da leitura do jornal, é possível afirmar, que após o golpe, o *DB* definiu claramente seu posicionamento e legitimou o golpe civil-militar para o leitor bauruense, estando em sintonia com a atuação da grande imprensa dos centros econômicos do país e reproduzindo o pensamento conservador das elites.

### **6.3. A cobertura jornalística do *DB* no pós-golpe**

#### **6.3.1. Legitimação do novo governo**

##### **6.3.1.1. Mensagens de Avallone Jr.**

Após a instauração do novo governo sob comando do Marechal Castello Branco, o *DB*, através de notícias e colunas, declarou seu apoio ao novo presidente. Nos primeiros meses após o golpe, o proprietário do jornal, Avallone Jr. utilizou-se de seu impresso para comunicar sua posição política e concitar o povo a apoiar Castello.

No dia 16 de abril, na página nove, foi publicada a declaração de Avallone Jr., na qual o deputado respondia ao “chamamento” do presidente em referência ao discurso de Castello quando empossado. O título da notícia foi “Avallone Jr.: ao chamamento de Castello Branco, uma única resposta: presente!”. No texto, o pensamento do dono do jornal:

(...) Na situação presente por que passa o Brasil, não há que vacilar: o presidente que a Nação reclama é o general Humberto de Alencar Castello Branco. É o brasileiro certo para um momento ainda incerto da vida nacional. É o cidadão-militar, cuja mão forte todo o Brasil reclama e nela confia. Em poucas palavras, o grande general Castello Branco resume todo o quadro que a Nação está vivendo.

E por isto que o povo, pelas suas mais expressivas representações, aplaude as decisões dos governadores de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Guanabara, Mato Grosso, Goiás, Pernambuco e demais unidades da Federação, que exigem do Congresso Nacional a eleição do

General Castello Branco à suprema magistratura da Nação, pois só com sua excelência, poderá o Brasil marchar com segurança rumo ao seu glorioso destino. (...) A esse verdadeiro chamamento do general Castello Branco, a todo brasileiro, a todo patriota, a todo democrata, apenas uma palavra se impõem como resposta: PRESENTE! (*Diário de Bauru*, 16 de abril de 1964, p.9)

No dia 21 de abril, comentando outro discurso de Castello Branco, Avallone Jr. escreveu a coluna “PALAVRA DO PRÓPRIO DO POVO” publicada na primeira página. Mais uma vez o proprietário defendeu o novo governo e condenou o anterior:

(...) Reclamando a cooperação de todos e colocando-se à frente nessa jornada o novo Chefe da Nação que declarou ser “o presidente de todos não o chefe de uma facção”, inicia auspiciosamente nova fase na vida política brasileira. Com simplicidade, modéstia e sem afetação, delineou o caminho que devemos trilhar doravante. Um caminho de trabalho, progresso, paz e fraternidade entre os brasileiros. Uma administração que o nosso povo, desde janeiro de 1961 não vinha tendo, porque foi fraudado pelos demagogos extremistas, negociastas e incapazes que até o dia 1º de abril estiveram no governo.

A palavra do marechal Castello Branco, é como que uma clarinada a todos os brasileiros, para que, unidos trabalhem pelo levantamento de nossa Pátria. Ela será atendida. O povo marchará com o presidente da República, nesta nova etapa que se abre para a vida nacional. Porque, a palavra do Presidente, é a palavra do próprio povo. (*Diário de Bauru*, 21 de abril de 1964, p.1)

Nos meses de abril e maio, passou a ser publicada com mais frequência uma coluna, na primeira página, intitulada “O pensamento do jornal”, sempre de autoria de Avallone Jr.. O espaço era o canal pelo qual o proprietário do impresso explicitava sua opinião sobre alguns temas, por exemplo, as medidas do novo governo ou acontecimentos da cidade. No dia 5 de maio, o proprietário, em sua coluna, reforçou a confiança no novo presidente.

Há muito e muito tempo o Brasil não tem presidente para valer, presidente lúcido, presidente com autoridade íntegra, sem tapinhas nas costas, nem aquém ninguém ouse plebeiramente chamar “meu chapa”.

Agora tem. Vamos ter um Castello Branco enérgico, bem intencionado intemorato para que se implantem no país na paisagem político-social um clima de prosperidade, riqueza, tranqüilidade e respeito. Que, no momento, em que se faz a “dedetização” do país, o presidente Castello Branco fulmine, de uma vez por todas as duas constantes que nos tem denegrado: adiamentos e dá-se um jeitinho. (...) (*Diário de Bauru*, 5 de maio de 1964, p.1)

Com tamanha confiança no novo regime e, sobretudo, na figura do presidente Castello Branco, o periódico também apoiou a prorrogação de seu mandato. No dia 21 de abril, publicou como manchete “PARA CONSOLIDAR A DEMOCRACIA BRASILEIRA: PRORROGAÇÃO DO MANDATO DE CASTELLO BRANCO: MAIS 1 ANO”. E no dia 30 de abril, na página onze, o jornal expressou a opinião de que a disputa eleitoral não deveria ser uma preocupação naquele momento:

CAMPANHA SUCESSÓRIA DEVE SER ADIADA: IMPERATIVO DO MOMENTO!  
– “(...) Diante deste novo estado de coisas, cremos que é chegado o momento de fazermos um apelo aos candidatos para que ponham de lado os seus interesses políticos e se unam na tarefa de soerguimento da Nação.  
(...)”

Julgamos que o problema da sucessão deve ser adiado para o próximo ano, pois 1964 deverá ser um período unicamente dedicado à limpeza e à arrumação que seriam prejudicadas pelo conflito de interesses políticos. (*Diário de Bauru*, 30 de abril de 1964, p.11)

### 6.3.1.2. Depreciação do governo anterior

Uma estratégia usada para contribuir com a legitimação do novo governo foi a depreciação do governo anterior. Esse comportamento atuou como justificativa de que o golpe teria sido necessário. Foram encontrados diversos comentários pejorativos sobre o governo de João Goulart e notícias abordando a comprovação do envolvimento do ex-presidente com o comunismo e com escândalos de corrupção. No feriado de primeiro de maio, Avallone Jr. publicou uma mensagem em homenagem aos trabalhadores bauruenses na qual comemorava a “libertação” da “tutela dos pelegos, comunistas e ministerialistas”:

(...) Este primeiro de maio de 1964 é o primeiro de Maio da libertação dos trabalhadores e do seu sindicalismo, do jogo imposto pelos pelegos, com a criminoso publicidade interessada do então governo central, que na verdade nada mais fizeram do que explorar ainda mais, ardilosamente, os puros e sadios sentimentos de patriotismo dos assalariados. (...) acusações ao antigo governo, roubos, interesses, nepotismo (...). **Nestas palavras aos trabalhadores bauruenses, na sua data magna, desejamos registrar também a sua conduta honrosa e patriótica diante dos acontecimentos que abalaram o Brasil, digna de aplausos e de simpatia de todo o povo, porque, demonstraram que acima de tudo são brasileiros**<sup>35</sup>. (*Diário de Bauru*, 1º de maio de 1964, p.1)

---

<sup>35</sup> Grifo da autora.

Poucos dias após o golpe, no dia 5 de abril, o *DB* noticiou a prisão de agentes secretos chineses que carregavam “material subversivo” o qual continha provas de um plano comunista que estaria sendo organizado e ainda documentos como uma lista contendo nomes das pessoas que seriam eliminadas, entre elas o general Amaury Kruehl e o governador Carlos Lacerda.

Em 28 de maio, o *DB* noticiou o pronunciamento do Ministro da Guerra, Costa e Silva, afirmando ter encontrado documentos que provavam a ligação entre o ex-presidente João Goulart e o comunismo internacional, visando à instalação de um regime comuno-sindicalista no Brasil. Na mesma ocasião, o Ministro aproveitou para enaltecer o golpe-militar.

(...) REVOLUÇÃO – De início o Ministro Costa e Silva procurou demonstrar os princípios que nortearam o movimento, que “partiu do povo, para o povo e pelo povo, visando restaurar o regime democrático, autenticamente representativo e republicano: restabelecimento da ordem jurídica; moralização e purificação dos costumes políticos administrativos; empreender dentro da lei e liberdade as reformas inadiáveis que a não exige, de comum acordo com nossos princípios religiosos, para dar a cada um dos brasileiros a igualdade de direitos e oportunidades.” (...) (*Diário de Bauru*, 28 de maio de 1964, p.6)

Notícias sobre o envolvimento de Goulart com esquemas de corrupção e desvio de dinheiro público também eram frequentes. Já no dia sete de abril, o *DB* reproduziu a declaração do deputado Antônio Carlos Magalhães de que Goulart teria enriquecido no poder, acumulando bens e roubando dinheiro, e que estava se aproveitando do fato de que, por ser presidente, não poderia ser suspeito.

Após o golpe, iniciou-se a caça àqueles que estavam envolvidos com o governo anterior ou tinham qualquer indício de aproximação com o comunismo, sobretudo, após o Ato Institucional nº1, decretado em nove de abril, que permitia, entre outras punições, a cassação de mandatos legislativos e a suspensão dos direitos políticos. Através da leitura do periódico, pode-se concluir que o jornal incentivou e apoiou essas medidas. Como exemplo, no dia 4 de abril, o *DB* teve como manchete “ULTIMATO DE ADHEMAR DE BARROS A RANIERE MAZZILLI: EXPURGO TOTAL DOS COMUNISTAS!”. A matéria trazia a transcrição integral da carta que o governador Adhemar de Barros havia enviado ao temporário

presidente da República Ranieri Mazzilli pedindo com fervor o expurgo imediato de todos os comunistas que ocupavam cargos públicos.



*Manchete do DB do dia 04 de abril de 1964*

Por várias vezes, o DB concedeu como manchete a “caça aos comunistas”: no dia 11 de abril, “COMEÇOU O EXPURGO: MANDATOS LEGISLATIVOS CASSADOS E DIREITOS POLÍTICOS SUSPENSOS!”; no dia 17 de abril, “POLICIAIS DE TODO O ESTADO VÃO DAR CAÇA AOS COMUNISTAS”; 17 de maio, “‘LISTA NEGRA’ COM O PRESIDENTE C.B.”; 9 de junho, “DIREITOS DE J.K FORAM CASSADOS”.

Várias personalidades políticas tiveram seus mandatos cassados ou seus direitos políticos suspensos pelo AI-1, entre eles, João Goulart, Luiz Carlos Prestes, Leonel Brizola, Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek. Mesmo após o término da vigência do AI-1, em 9 de outubro de 1964, a reformulação da Lei de Segurança Nacional continuava permitindo cassar mandatos, suspender direitos políticos e até prender quem fosse considerado elemento perigoso à ordem social. Foi o caso do então governador de Goiás, Mauro Borges, que perdeu o mandato e recebeu ordem de prisão, no final do mês de novembro, após investigações terem encontrado vínculos do governo goiano com focos comunistas.

### 6.3.1.3. Noticiadas as medidas do novo governo

Através da leitura do periódico, também se aferiu que o jornal dedicava grande destaque para as medidas do novo governo e reforçava a ideia de que essas representavam um rompimento com as iniciativas do governo anterior e estavam levando o país ao “caminho do progresso”.

Por exemplo, no dia 3 de maio, o jornal noticiou “Abolido o sistema de alfabetização ‘Paulo Freire’ nas escolas do País!”<sup>36</sup> e na matéria divulgou o depoimento do Ministro da Educação, Flávio Suplicy Lacerda, no qual afirmava que o governo iria efetuar reformas no sistema educacional, mas não “as de base”, pois essas, ninguém sabia ao certo em que consistiam.

No dia 14 de maio, ao noticiar o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Cuba, o *DB* reproduziu o comunicado emitido pelo governo brasileiro o qual asseverava que tal medida estaria absolutamente de acordo com o espírito da revolução vitoriosa e que não se poderia mais permitir a ação nefasta dos comunistas em qualquer ponto territorial do país. O *DB* assim concluiu a matéria: “O rompimento de relações diplomáticas com Cuba era um imperativo necessário à redemocratização do Brasil.”<sup>37</sup>

Sobre a criação do Sistema Nacional de Informação (SNI) e a suspeita de que esse atuaria como órgão de censura, o jornal assim publicou “SNI NÃO É ÓRGÃO DE CENSURA A IMPRENSA!”<sup>38</sup>. A manchete era referência à declaração do Ministro da Justiça, Milton Campos, na qual desmentia as acusações contra o SNI: “‘(...) Falar em censura à imprensa ou relacionar o Serviço Nacional de Informações com antigos órgãos de controle para os jornais e rádio é uma exploração. Não há nenhuma possibilidade de censura’ – concluiu o Ministro da Justiça, Milton Campos.” (*Diário de Bauru*, 12 de maio de 1964, p.1).

No decorrer do ano, algumas medidas que receberam destaque foram elas: a aprovação do voto do analfabeto, restrito às eleições municipais; a prorrogação de mais um ano de mandato de Castello Branco e seu vice, José Maria Alkimin, até 15 de março de 1967; a possível prorrogação do Ato Institucional número 1; o cancelamento do 13º salário; a

---

<sup>36</sup> *Diário de Bauru*, 3 de maio de 1964, p.9.

<sup>37</sup> *Diário de Bauru*, 14 de maio de 1964, p.1.

<sup>38</sup> *Diário de Bauru*, 12 de maio de 1964, p.1.

reformulação da lei de remessa de lucros; a política de recuperação financeira; entre outras.

No final do ano, em dezembro, as medidas continuavam a ser noticiadas e ainda era possível notar a ênfase com que o jornal reforçava o caráter glorioso das iniciativas do governo. No dia 16 de dezembro, o *DB* publicou a notícia “GOVERNO DESEJA MAIS MINISTROS!”<sup>39</sup> sobre um projeto de emenda constitucional que pretendia criar seis novos cargos de ministros e estaria em fase final de redação para ser encaminhado ao Congresso. No final da notícia, o *DB* enfatizou “Para as novas vagas seriam indicados, juristas imbuídos de ideais revolucionários, que deverão concluir o espírito das leis com o movimento de 31 de março último.” (*Diário de Bauru*, 16 de dezembro de 1964).

#### **6.3.1.4. Os discursos de Castello Branco**

A reprodução constante dos discursos de Castello Branco foi outra estratégia do jornal para corroborar com a legitimação do golpe.

No dia 24 de junho, o *DB* publicou a seguinte notícia: “CASTELO BRANCO: NEM DIREITA, NEM ESQUERDA!”<sup>40</sup>. A matéria continha trechos da entrevista coletiva que o presidente concedeu a imprensa. Nela, Castello Branco afirmava que nem se considerava direitista, por não ser reacionário, nem esquerdista, por não ser subversivo e declarava que a primeira reforma a ser feita seria a eleitoral, pois os estudos já estariam concluídos na próxima semana.

No dia 20 de agosto, novamente o jornal evidenciou um discurso do presidente. Nota-se que esta fala foi direcionada às classes trabalhadoras na tentativa do presidente de aproximar-se de um setor que possuía fortes relações com o governo anterior.

JUSTIÇA SOCIAL NA META DO PRESIDENTE – “A Revolução precisa institucionalizar-se e um dos caminhos para isso será o da organização dos operários em suas entidades de classe”, afirmou o presidente da República Castello Branco a dirigentes de sindicatos paulistas, em entrevista concedida coletivamente.

O Marechal Castello Branco afirmou, ainda, que, pelo setor operário do País não trairá o mandato que lhe foi confiado. Após lembrar que um dos setores mais atingidos pela subversão e a corrupção praticada pelo

---

<sup>39</sup> *Diário de Bauru*, 16 de dezembro de 1964, p.1.

<sup>40</sup> *Diário de Bauru*, 24 de junho de 1964, p.1.

governo deposto foi justamente o do operariado, o chefe do governo declarou: “Meu governo está empenhado no trabalho de justiça social que visa, principalmente, a recuperação do homem. E, não pretendemos esmorecer.” (*Diário de Bauru*, 20 de agosto de 1964, p.1)

Pode-se concluir que, se no período anterior ao golpe, o jornal dava espaço para os pronunciamentos tanto da situação como da oposição; no período pós-golpe, o *DB* apenas reproduzia os discursos do presidente e de membros do governo. Não foram encontradas notícias que relatavam a opinião de integrantes do governo deposto ou dos políticos que estavam sendo cassados. Em nenhum momento o jornal publicou alguma declaração que contestava a vitória do golpe militar.

A única ressalva quanto a essa característica foi nos casos de desentendimentos internos do novo governo, por exemplo, debates sobre alguma medida ou conflitos entre políticos. Nessas ocasiões, pode-se afirmar que o jornal noticiava as declarações de ambos os lados.

### **6.3.2. Início das críticas**

Passada a euforia com a vitória do golpe civil-militar, após dois meses do novo regime, começaram a aparecer as primeiras críticas relacionadas a medidas de o governo militar. O próprio dono jornal, após o mês de junho, não mais publicou mensagens de apoio ao Marechal Castello Branco ou vangloriando a “revolução”.

#### **6.3.2.1. Ato Institucional nº1**

A primeira polêmica foi em torno da possível prorrogação do Ato Institucional número 1. Alguns acreditavam que o número de punições até aquele momento não havia sido suficiente para banir os comunistas e assegurar um caminho completamente tranquilo para a “redemocratização” do Brasil. Outros, entre eles o Marechal Castello Branco, não queriam a prorrogação, por acreditar que o AI-1 já tinha cumprido seu papel. O jornal trilha a proposta mais repressiva.

Havia no *Diário de Bauru* uma coluna, quase com frequência diária, chamada

“Só...rindo” e assinada pelo “Dr. Broncolino”, pseudônimo do jornalista Antônio Bueno dos Santos. “Dr. Broncolino” comentava os fatos de modo crítico e irônico, sempre com uma dose humor. No dia 18 de junho, o jornalista revelou-se decepcionado com a decisão do presidente de não querer prorrogar o AI-1, comportando-se de modo mais conservador que o próprio militar. Para expressar sua indignação, escreveu um comunicado a Castello:

MAS...JÁ, HUMBERTO?!... – “Decepção! Decepção, Humberto!... Quando todo mundo estava começando a gostar de você, “clack”!...breca o negócio!... E com tanta coisa ainda para ser feita por aí. Veja, por exemplo, fora da política, das demagogias, das comunadas, dos avanços no dinheiro público, quanta gente merecia a cassação dos seus direitos!...Vocês da revolução, nem bem começaram o trabalho, já ensarilharam as armas e pediram, Rancho”!...Ainda outro dia estive aqui pela ilimitada cidade o sr. Saldanha da Gama, bateu, bateu o pé dizendo que queria uma placa, pelos seus feitos revolucionários! Mas, como, se ninguém está ainda satisfeito! Naturalmente que a cassação de outros direitos que não os direitos políticos, tem que ser mais suave. Mas tinha que ser feita, ora bolas! (...)  
(*Diário de Bauru*, 18 de junho de 1964, p.11)

Também o jornalista Mestre Cyrillo, em sua coluna “O TEMPO não passa...”, mostrou-se, através de sua escrita rebuscada, indignado com a insuficiência das punições praticadas aos que cometeram “crimes” no governo anterior, revelando-se desanimado com a “revolução”.

PEROBEIRA LASCADA - Desvanece-se, na frialdade da estação invernososa que nos regala a pele à sombra do tempo pelo qual vamos passando, o eco do grito revolucionário que abalou por algumas horas o solo guabarino, o planalto paulista e os recôncavos mineiros e que deu com os burros na’agua do tutelado getuliano.

A maioria dos jornais que nos vem das cortes, independentes na orientação política que imprimem em suas colunas, averbam de inconsequente a ação revolucionária fundamentada em princípios de recuperação da ordem política e econômica do país, desbragadamente postas em alvoroço pela conduta impatriótica dos maus brasileiros que se viram tangidos a tomar asas para novas plagas.

O pensamento dos articulistas observadores é o de que, ao dobrar o trimestre governamental o trabalho investigador e apuramento dos erros, saques, e furtos dos cofres públicos, já devia estar chegando ao fim para que os criminosos recebam as penalidades que merecem. Até agora não tem conhecimento de alguém sentenciado pelos danos causado à nação. (...) contradizem outros (articulistas) dizendo que o prazo foi pouco. (...) **Pelo que se vê o evento de Março assemelha-se a uma perobeira lascada que não resiste a soalheira causticante que lhe resseca os galhos. Lamentável se é isso exato, porque o povo deseja uma nova era**

prometida<sup>41</sup>. (*Diário de Bauru*, 28 de julho, p.9)

A polêmica também evidenciou os conflitos internos existentes no governo golpista. No dia 18 de agosto, o jornal publicou “‘DUROS’ PRESSIONAM CASTELO: DESEJAM A PRORROGAÇÃO DO ATO”<sup>42</sup>. A expressão “duros” refere-se à considerada “linha dura” composta por um grupo de militares mais extremistas, entre eles o Ministro da Guerra, Costa e Silva.

### 6.3.2.2. Voto do analfabeto

A aprovação do direito ao voto do analfabeto foi outro episódio que ocasionou intrigas no círculo interno do governo e críticas do jornal. No dia 20 de junho, o *DB* noticiou “UDN INICIA A OFENSIVA CONTRA O PRESIDENTE CASTELO BRANCO”<sup>43</sup>. A matéria embasou-se no pronunciamento do deputado Paulo Herve o qual descreveu as desavenças entre seu partido e o presidente da República.

UDN INICIA A OFENSIVA CONTRA O PRESIDENTE CASTELO BRANCO – O deputado Paulo Herve, líder da UDN na Assembleia do Estado do Rio, afirmou ironicamente que Castello Branco deve mandar buscar para “comandar sua administração o ex-presidente João Goulart, porque a atual administração defende, em relação a reforma eleitoral, a reforma agrária, as mesmas teses do presidente deposto.” – os líderes Pedro Aleixo e Bilac Pinto foram conversar com Castello Branco e afirmaram que a UDN não tinha firmado posição.

Enquanto isso em Brasília, almoçando com aqueles dois políticos udenistas, o presidente Castello Branco afirmava que iria propor ao Congresso o voto ao analfabeto. O presidente não teria tomado em consideração a observação de Pedro Aleixo que 90% da bancada udenista se pronunciara contra essa iniciativa do governo. (*Diário de Bauru*, 20 de junho de 1964, p.8)

Em sua coluna, Mestre Cyrillo considerou a medida um retrocesso e revelou seu pensamento elitista, preconceituoso e desrespeitoso com a dignidade humana:

---

<sup>41</sup> Grifo da autora.

<sup>42</sup> *Diário de Bauru*, 18 de agosto de 1964, p.1.

<sup>43</sup> *Diário de Bauru*, 20 de junho de 1964, p.1.

ORA, PÍLULAS DE BAGAROTES... (...) Para que dar voto ao analfabeto? Para voltarmos à situação anterior! Então não era preciso uma revolução militar como foi feita visando enquadrar o país no verdadeiro sistema político democrático. Vamos cuidar do café, algodão, açúcar, borracha e outros produtos de exportação para valorizar o nosso dinheiro e equilibrar as nossas finanças, isto sim é que é necessário e não pensar em votos ao analfabeto que não sabe e nem faz questão de votar. (*Diário de Bauru*, 25 de junho de 1964, p.4)

Nota-se que, em alguns temas, os articulistas revelam posicionamento político mais conservador do que o presidente general. Ainda assim, considera-se que os militares atuantes no golpe e no governo representavam os segmentos mais conservadores da sociedade brasileira e, algumas vezes, apresentavam-se mais brandos do que a UDN.

### **6.3.2.3. Situação econômica do país**

Os alvos mais atingidos por comentários negativos em relação ao governo foram a situação econômica do país e a política de recuperação financeira. Os grupos que apoiaram o golpe acreditavam que o fracasso da economia até aquele momento era decorrente da má administração do governo de João Goulart e que com o novo regime, dentro de pouco tempo, a situação iria voltar a progredir. Porém, não foi o que ocorreu, a inflação só aumentou e o custo de vida era ainda maior. Eram recorrentes manchetes anunciando o aumento de preços dos artigos de consumo como o “cafezinho”, o açúcar e os combustíveis. As notícias abaixo evidenciam a gravidade em que se encontrava a situação financeira do país.

Manchete: Ministro da Guerra contra alta de preços - “(...) o Exército entrará de rijo na luta contra a alta dos preços e conseqüente alta do custo de vida que vem corroendo os irrisórios salários com que vivem os trabalhadores brasileiros.”

SEGUNDA-FRENTE - Com a luta que o presidente Castello Branco vai encetar contra os especuladores e sonegadores, procuram os responsáveis pela revolução de 31 de março abrir uma “segunda-frente”, popularizando aquele movimento, colocando-o na simpatia popular, somente atingível através de medidas diretas em favor da classe operária. (...) (*Diário de Bauru*, 3 de julho de 1964, p.1)

Até mesmo o presidente assumiu. No dia 19 de julho, o *DB* publicou a notícia

“CASTELLO BRANCO CONFESSA: SITUAÇÃO FINANCEIRA DO PAÍS É GRAVÍSSIMA”<sup>44</sup>.

O “Dr. Broncolino” também criticou de maneira bem humorada a alta dos preços, simulando uma carta ao presidente, ainda assim responsabilizou os “gananciosos” e não as medidas do governo pela crise econômica:

BILHETE A CASTELLO – Meu caro presidente: Veja v. exa., se não há razão de se desacreditar de tudo neste país! Semana passada, fui a uma drogaria, a Drogasil, vá! – besteira omitir o nome...- e comprei um artigo de perfumaria, 335 cruzeiros. Olhei a prateleira: havia bastante. Qual não foi a minha caída de queixo, quando fui lá, ontem, e o preço do mesmo produto já havia sido alterado para... 670 cruzeiros! O dobro!... Cem por cento de aumento!... Mas, olhe lá, não foi novo estoque, não! Alteraram o produto na prateleira! Aliás, a Drogasil, como deverá estar ocorrendo em toda parte nesta terra atabalhoada, recém descomunizada, mas jamais moralizada, está numa faina bárbara alterando o preço de toda a sua mercadoria em estoque.

Pra quem apelar, seu presidente?... **Quando aparecerá realmente um homem de peito para enfrentar esses gananciosos, os verdadeiros culpados do caos que infelicitiza a nação?** Será que eles não enxergam o desastre que nos espera, se persistirem em sangrar desbragadamente o bolso do povo? É esse proplado combate à inflação?!

**Dê um jeito nisso, presidente! Dê um jeito nisso! Mostre ao povo que a revolução foi “31 de março”, e não “1º de abril”**<sup>45</sup>. (*Diário de Bauru*, 24 de setembro de 1964, p.10)

No dia 15 de outubro, o “Dr. Broncolino”, mais uma vez, ironizou o aumento dos preços: “SIM AMIGOS, DO JEITO QUE VÃO CAMINHANDO AS COISAS, DAQUI UM POUCO SÓ MESMO AS BARATAS CONTINUAM BARATAS!...”<sup>46</sup>.

O Ministro da Fazenda Gouveia de Bulhões e o Ministro do Planejamento Roberto Campos foram alguns dos nomes responsabilizados nas críticas do jornal pelo péssimo desempenho do governo na economia. Um argumento, que apareceu por diversas vezes foi que, apesar de terem capacidade técnica para exercer a função, os ministros não conseguiam compreender a realidade sócio-econômica do país.

No dia 26 julho, a manchete do *DB* foi “BULHÕES E CAMPOS: ARTÍFICES DA IMPOPULARIDADE”<sup>47</sup>. A matéria contava sobre o pedido que o senador Pedro Ludovico

---

<sup>44</sup> *Diário de Bauru*, 19 de julho de 1964, p.1.

<sup>45</sup> Grifos da autora.

<sup>46</sup> *Diário de Bauru*, 15 de outubro de 1964, p.10.

<sup>47</sup> *Diário de Bauru*, 26 de julho de 1964, p.1.

havia enviado ao senado solicitando a substituição dos dois ministros, pois até o momento nada havia sido feito para conter a alta do custo de vida.

No dia 18 de outubro, o jornal publicou uma coluna, sem assinatura, intitulada “Mensagem do Bom Senso”. O texto criticava ao governo com relação à iniciativa de correção do débito fiscal, afirmando que os técnicos econômicos estavam afastados da sociedade e da realidade e estavam prejudicando as empresas e não se centrando nos sonegadores<sup>48</sup>.

Porém, apesar das discordâncias, foram encontradas notícias que esclareciam que, acima dos problemas, havia confiança no novo governo e esperança de que a situação financeira melhorasse.

No interior do *DB*, havia um quadro intitulado “DESTAQUES” que trazia, sobretudo, a opinião do impresso sobre as medidas econômicas do governo. No dia 6 de agosto, encontrou-se a seguinte nota nesse quadro:

O Ministro da Indústria e Comércio, sr. Daniel Faraco, em suas declarações no programa “Noventa Dias da Revolução”, confirmou, (...) em seus três primeiros meses, o governo que tem a frente o Marechal Castello Branco já conseguiu criar um clima de confiança para todos quantos desejarem investir no Brasil. (*Diário de Bauru*, 6 de agosto de 1964, p.12)

No dia 25 de agosto, outro trecho que considerava como positivas as iniciativas econômicas do governo para conter a inflação:

As últimas medidas aprovadas pelo Governo no campo econômico e as leis que estão sendo aprovadas numa tentativa de corrigir os efeitos da inflação dizem bem da preocupação das autoridades com a nossa situação financeira interna. O adiamento de alguns compromissos no exterior e a obtenção de novos créditos aliviaram temporariamente as nossas dificuldades cambiais. (...) (*Diário de Bauru*, 25 de agosto p.12)

Nos últimos dias de dezembro, apesar das condições adversas, o jornal publicou com destaque, em letras maiúsculas no final da página, a seguinte declaração de Castello Branco: “PRESIDENTE OTIMISTA: CUSTO DE VIDA BAIXARÁ EM 65”<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> *Diário de Bauru*, 18 de outubro de 1964, p. 11.

<sup>49</sup> *Diário de Bauru*, 25 de dezembro de 1964, p.1.

Considerando o conteúdo crítico encontrado, pode-se concluir que o periódico não questiona a vitória do golpe e nem dedica espaço aos pronunciamentos da oposição (que não eram muitos por medo da repressão), no entanto, o jornal explicitou a desaprovação de determinadas medidas do novo regime e demonstrou, por vezes, desânimo com os rumos da “revolução”, principalmente na área econômica.

#### **6.3.2.4. Desentendimentos internos do governo**

Através da leitura das notícias, pôde-se abstrair o clima de instabilidade que atingiu, a partir do mês julho, o novo governo. Nota-se que, antes do golpe, os grupos políticos e econômicos estavam unidos em prol de derrubar um governo que não atuava de acordo com seus interesses e que consideravam “comunista”. Após o golpe, e sob pressão de delinear o projeto político-econômico do novo governo, os grupos começaram a apresentar divergências e disputar por seus objetivos. Assim, foram noticiados casos de exonerações, desligamentos, envolvimento em escândalos de corrupção, discussões entre políticos, entre outros conflitos.

No dia 21 de julho, o *DB* reproduziu a declaração de Carlos Lacerda, veiculada pelo rádio, na qual discordava veementemente da prorrogação do mandato do presidente. É importante ressaltar que Carlos Lacerda havia sido um dos principais idealizadores do golpe de Estado.

Lacerda: prorrogação humilha o Presidente – (...) “Por que se fez uma revolução no Brasil? Foi apenas para tirar do poder alguns comunistas? Apenas para abrir alguns inquéritos, cujos resultados saem aos pedaços em alguns jornais e revistas semanais?”. (...) Referindo-se ainda à revolução, disse o governador Carlos Lacerda que o “Brasil precisa saber se a revolução veio para mudar ou para manter o que estava errado.

PRORROGAÇÃO – (...) “O que me interessa é informar ao presidente da República que até agora não mudou a política econômica do Governo e que se essa política continuar a que foi nos últimos trinta anos, teremos mentido ao povo brasileiro, dizendo que fizemos uma revolução.”

HUMILHADO – “Tenho certeza, que ninguém estará mais humilhado nesse país, mais envergonhado da conduta do Congresso, do que o presidente Castello Branco, ao saber em que condições o Congresso votou prorrogando o seu mandato (...)” (*Diário de Bauru*, 21 de julho de 1964, p. VER)

Tal posicionamento do governador da Guanabara, além de desagradar o presidente, posteriormente gerou conflitos com deputados de seu próprio partido, a UDN. Declarações ofensivas entre Lacerda e seus correligionários foram publicadas pelo *DB* com grande destaque. O jornal utilizou-se das discussões de modo sensacionalista, fomentando a polêmica em torno do governador.

No dia 20 de agosto, o quadro “DESTAQUES” ressaltou as divisões de pensamento entre os grupos que participaram do golpe e confessou a preocupação com a autonomia da livre empresa frente às possíveis medidas econômicas do governo, sem antes deixar claro a rejeição pelo governo anterior. O jornal explicita mais uma vez um posicionamento mais conservador do que revelavam alguns integrantes do governo militar.

Acentuaram-se, nas últimas horas, as divergências entre expressivos setores que participaram do movimento revolucionário. De um lado, colocam-se os que desejam reduzir ao mínimo as possibilidades de retorno à vida pública brasileira dos elementos que participaram da tentativa de destruição de sua estrutura socioeconômica, e de outro dos que comungam com a ideia de que é preciso promover as reformas com urgência como única saída para evitar a propagação do ódio entre classes e permitir o renascimento do clima de demagogia que infelicitou o País por tantos anos.

Muitos homens de empresa, preocupados com os aspectos mais vinculados aos seus interesses, não se dão conta do perigo que representa para o País o fortalecimento da corrente militar reformista, pela aproximação ou afinidade que ela encontra com os grupos de acompanhar com atenção as mudanças que se projetam na fisionomia nacional nos mais distintos setores mais fácil será a adoção de medidas que vão lentamente retirando da livre empresa suas condições de sobrevivência.

(...) A cada dia que passa vemos que se estreita a faixa onde pode operar a livre empresa. (...) (*Diário de Bauru*, 20 de agosto de 1964, p.12)

Outros episódios significativos que evidenciam os desentendimentos internos no governo foram, por exemplo, o desligamento da bancada federal do Partido Democrata Cristão (PDC) do grupo que apoiava o Marechal Castello Branco; o envolvimento de políticos em evidência como Auro de Moura Andrade, Raniere Mazzilli e Ulisses Guimarães, membros do Partido Social Democrata (PSD), em escândalos de corrupção na Caixa Econômica Federal; a intervenção federal no estado de Goiás, após o pedido de prisão do governador Mauro Borges, por vínculos “comunistas”, mesmo após o término da vigência do AI-1; o incidente entre os oficiais da Marinha e os da Força Área Brasileira (FAB) quando um helicóptero da armada foi metralhado; entre outros.

Sobre essas circunstâncias, pode-se afirmar que o *DB* não escondeu os desentendimentos do novo governo, o desmembramento dos grupos idealizadores do golpe e o clima de tensão e instabilidade existente.

### **6.3.3. Avallone Jr. e suas relações políticas**

O *DB* era, na época, posse de um deputado estadual e as alianças e divergências do proprietário eram postas em evidência nas notícias, além de influenciarem o posicionamento político do impresso. As relações de Avallone Jr. reafirmam o apoio do jornal ao golpe militar e ao governo de Castello Branco.

#### **6.3.3.1. Adhemar de Barros**

A aliança política mais marcante de Avallone Jr., durante o período pesquisado, foi o governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros, figura que aparece quase diariamente no jornal. Adhemar foi um dos opositores mais fervorosos do governo de João Goulart e um dos que mais alimentava o terror sobre a ameaça comunista. Ambos eram do mesmo partido, o Partido Social Progressista (PSP), e, através das notícias, é possível afirmar que, desde o início do ano, os encontros entre o governador e o deputado foram frequentes.

Em 25 de janeiro, na primeira página, encontra-se a notícia “DEPUTADO AVALLONE JUNIOR: CONFERÊNCIAS COM ADHEMAR”<sup>50</sup> e, no texto, nota-se a explícita influência do governador sobre o deputado: “(...) Na ocasião o parlamentar bauruense acertou com o governador AB detalhes de sua atuação política na região de Bauru. (...)”<sup>51</sup>.

Após o golpe, a batalha de AB contra o governo de João Goulart é vangloriada pelo jornal. No dia 5 de abril, o *DB* parabeniza o governador: “CUMPRIMENTOS A ADHEMAR POR SUA CORAJOSA LUTA!”. E abaixo, uma grande foto de Adhemar sorrindo.

No dia 19 de abril, mais uma vez, a luta anticomunista de Adhemar é exaltada na manchete “ADHEMAR BANIRÁ OS COMUNISTAS DOS QUADROS DO FUNCIONALISMO!”<sup>52</sup>. Após quatro dias, uma grande foto do governador estampava a primeira página em função

---

<sup>50</sup> *Diário de Bauru*, 25 de janeiro de 1964, p.1.

<sup>51</sup> *Diário de Bauru*, 25 de janeiro de 1964, p.1.

da notícia “AMANHÃ O ANIVERSÁRIO DO GOVERNADOR ADHEMAR DE BARROS”<sup>53</sup> sobre as festividades programadas para a comemoração.

Muitas outras notícias foram encontradas enaltecendo a força do chefe do executivo paulista, por exemplo: ADHEMAR: “CONTRA ESPECULADORES AGIREMOS COM TODA SEVERIDADE”<sup>54</sup>; “FORTALECIDO O GOVERNADOR AB”<sup>55</sup>; “PRONUNCIAMENTOS DE DUTRA E COSTA E SILVA RECOLOCAM ADEMAR COMO LÍDER’ – afirmou o parlamentar Avallone Jr.”<sup>56</sup>; entre outras.

Por vezes, o proprietário do jornal também agiu na defesa direta do governador contra críticas que lhe eram feitas. Um exemplo claro foi a declaração de Avallone Jr. publicada como notícia no dia 2 de setembro:

AVALLONE JR. REPELE ATAQUE AO GOVERNADOR – Em pronunciamento feito a imprensa, o deputado Avallone Jr. repeliu os ataques que vem sendo feito ao governador Adhemar de Barros, quando parlamentar udenista tenta impor “impeachment” ao Chefe do Executivo paulista. “Não podemos concordar com a atitude desse deputado, que tenta conturbar a política de São Paulo transformando a Assembleia Estadual em autêntica guilhotina. Repeliremos essa falta de bom senso e insensatez para com o governador Adhemar de Barros” frisou o parlamentar Avallone Jr. (*Diário de Bauru*, 2 de setembro de 1964, p.1)

A aliança entre Adhemar de Barros e Avallone Jr. era tão estreita que o parlamentar chegou a representar o governador em eventos importantes na cidade como, no início de setembro, na sagração do Bispo Dom Pedro Paulo Koop. Na ocasião, Adhemar enviou uma mensagem ao Bispo comunicando sua representação: “Envio-lhe minhas mais sinceras felicitações, que lhe serão transmitidas verbalmente pelo nosso amigo deputado Avallone Jr., meu representante na cerimônia de sagração. a) Governador Adhemar de Barros”<sup>57</sup>.

A única vez em que o jornal manifestou-se criticamente em relação ao governador no ano de 1964 foi quando o chefe do executivo tardou em assinar o aumento de salário ao funcionalismo público estadual. Com a alta do custo de vida e a estagnação dos pagamentos,

---

<sup>52</sup> *Diário de Bauru*, 19 de abril de 1964, p.1.

<sup>53</sup> *Diário de Bauru*, 21 de abril de 1964, p.1.

<sup>54</sup> *Diário de Bauru*, 8 de julho de 1964, p.1.

<sup>55</sup> *Diário de Bauru*, 9 de agosto de 1964, p.1.

<sup>56</sup> *Diário de Bauru*, 18 de agosto de 1964, p.1.

<sup>57</sup> *Diário de Bauru*, 5 de setembro de 1964, p.1.

a situação dos funcionários estaduais aparentava estar desesperadora como relatou o jornal:

Governador não falará em funcionários em Setembro! – Em nota distribuída à imprensa o chefe do gabinete civil do governador do Estado esclareceu que o sr. Adhemar de Barros não tocará, durante o mês de setembro, no assunto de aumento ao funcionalismo público estadual. Segundo o mesmo comunicado espera, o governador, o resultado da campanha do “Talão da Fortuna” para pronunciar-se à respeito. **Enquanto isso os funcionários estaduais encontram-se em situação aflitiva e pagam com o próprio sacrifício uma experiência feita pela Secretaria da Fazenda. E se o resultado for negativo ou não atinja à expectativa? Irão os funcionários passar fome com as famílias? Aguardamos a resposta**<sup>58</sup>. (*Diário de Bauru*, 24 de setembro de 1965, p.9)

Através da leitura das notícias, também fica explícito o posicionamento favorável do governador ao presidente Castello Branco, permanecendo intacto até o final de 1964. Pode-se concluir que o apoio do jornal ao presidente também é reforçado pelas alianças políticas Avallone Jr – Adhemar de Barros e Adhemar de Barros – Castello Branco.

GOVERNADOR EM PRONUNCIAMENTO PREGARÁ UNIÃO EM TORNO DE CB – O governador Adhemar de Barros vai fazer importante pronunciamento sábado próximo, dia 19, nos Campos Elíseos, quando reunirá, para um almoço, jornalistas e políticos de todo o país.

O chefe do executivo paulista fará uma análise da atual conjuntura nacional, devendo pregar a união de todos em torno do presidente da República, marechal Castello Branco, para que sejam seguidos os objetivos revolucionários. (*Diário de Bauru*, 16 de dezembro de 1964, p.1)

### 6.3.3.2. Nilson Costa

No período logo após o golpe, Avallone Jr. também utilizou de seu jornal para difamar a imagem de seu adversário político local, Nilson Costa (UDN) que concorria ao cargo de deputado estadual, apesar de naquele ano ocupar apenas a suplência. Nilson Costa foi preso nos dias do movimento golpista por estar envolvido com o sindicato dos ferroviários da Estrada de Ferro Noroeste, porém, por meio de outras fontes, é possível afirmar que era um político conservador e membro da UDN. Mas o jornal assim noticiou sua prisão: “COMUNISTA NILSON COSTA AINDA CONTINUA DETIDO!”<sup>59</sup>. E no corpo do texto

---

<sup>58</sup> Grifo da autora.

<sup>59</sup> *Diário de Bauru*, 5 de abril de 1964, p.1.

relatou: “(...) comenta-se nos corredores da própria Assembleia Legislativa, que está irreversivelmente encerrada a carreira desse comunista, travestido de udenista.”<sup>60</sup>



*Notícia na primeira página do DB no dia 05 de abril de 1964*

Outras matérias fomentaram a “denúncia” de que Nilson Costa seria comunista: “Dr. Silvio Marques Junior: ‘NILSON COSTA NÃO SÓ É COMUNISTA COMO AINDA UM ELEMENTO PERIGOSO’<sup>61</sup> e “CABEÇA DE AVALLONE JÚNIOR SERIA A PRIMEIRA A ROLAR”<sup>62</sup>. Essa última relatava uma manifestação das donas de casa alertando que a cabeça do deputado seria “a primeira a rolar se os camaradas de Nilson Costa vencessem a revolução”<sup>63</sup>.

Após deixar a prisão, Nilson Costa enviou uma carta ao jornal pedindo a divulgação do documento como seu direito de resposta às acusações que haviam sido proferidas pelo impresso. No dia 21 de abril o *DB* publicou, na página 9, “Carta pedindo divulgação de notícia a este jornal!”. No texto, Nilson Costa contou que havia tomado conhecimento de uma nota altamente ofensiva publicada pelo *DB* e justificava-se afirmando que havia

<sup>60</sup> *Diário de Bauru*, 5 de abril de 1964, p.1.

<sup>61</sup> *Diário de Barú*, 7 de abril de 1964, p.1.

<sup>62</sup> *Diário de Barú*, 7 de abril de 1964, p.1.

ocorrido um equívoco, que não era comunista e que já estava elaborando um relatório para comprovar sua inocência.

### 6.3.3.3. Interferência na coluna “Só...RINDO”

As relações políticas de Avallone Jr. também foram alvo de comentários da coluna “Só...RINDO”. No dia 27 de outubro, “Dr. Broncolino” nomeou sua coluna como “AS BESTEIRAS DO PATRÃO”<sup>64</sup>. Nela, alertava o proprietário do jornal sobre suas falsas amizades, pois, segundo o jornalista, apesar de Avallone Jr. fazer favores para seus correligionários, não havia recebido votos suficientes para conquistar o posto de comando do diretório local de seu partido, ou seja, até mesmo seus “amigos” haviam votado em seu concorrente.

Por discordâncias com o proprietário do jornal, o “Dr. Broncolino” deixou o *DB* no dia 29 de novembro daquele ano, quando publicou sua última coluna ressaltando o caráter político-partidário do jornal.

MINHAS DESPEDIDAS – Com esta coluna de hoje, despeço-me dos leitores do “DIÁRIO DE BAURU”. Depois de exatamente 9 meses atuando nas folhas deste matutino, resolvi deixá-lo. **Atentei que uma secção nos moldes desta que escrevo, irreverente, às vezes, não pode caber, sem curta duração, em um veículo de imprensa de nítidas tendências político-partidárias.**<sup>65</sup> O seu proprietário, que é político, corre o risco de cair em desgraça com seus eleitores, e eu corro o risco de me tornar sem graça perante os meus leitores. Portanto, ponto final. (...) (*Diário de Bauru*, 29 de novembro de 1964, p.3)

A saída do colunista confirma a interferência dos interesses políticos do proprietário do jornal no conteúdo publicado pelo impresso. Assim, é nítido que o *DB* tinha sua postura definida pelas relações de Avallone Jr., além de atuar como campanha eleitoral do deputado. Ainda assim, pode-se considerar louvável a publicação dessa última coluna, expondo os motivos da saída do “Dr. Broncolino”.

---

<sup>63</sup> *Diário de Barú*, 7 de abril de 1964, p.1.

<sup>64</sup> *Diário de Bauru*, 27 de outubro de 1964, p.1.

<sup>65</sup> Grifo da autora.

#### 6.3.4. Cena Política local

Para contextualização da pesquisa, torna-se relevante considerar como o golpe civil-militar foi legitimado não apenas pelos jornais locais, mas também pelas estruturas de poder da cidade de Bauru. Através das notícias, é possível extrair a atuação da Câmara de vereadores, da Prefeitura, da polícia e das instituições sociais como apoiadores do novo regime. Nesse sentido, a legitimação do golpe encaixa perfeitamente nos estudos de CHAUI (1989) sobre ideologia, comentados na parte inicial dessa pesquisa.

Alguns episódios que confirmam essa tese são, por exemplo, a cassação, através de uma votação ilegal na câmara, do mandato do vereador Edson Gasparini conhecido por suas ideias comunistas; apreensão de livros de propaganda comunista; a realização, em Bauru, da Marcha da Família com Deus pela liberdade no dia 22 de abril; concessão de títulos de 'Cidadão Honorário' ou 'Cidadão Bauruense' aos líderes da golpe como Marechal Castello Branco, Adhemar de Barros, Amaury Kruehl, entre outros; empréstimo de dinheiro, mediado pelo embaixador americano, Lincon Gordon, da 'Aliança para o Progresso' ao prefeito de Bauru, Nuno de Assis; mudança do nome da Rua Costa Ribeiro para Rua Presidente Kennedy em homenagem ao presidente americano assassinado; adesão à campanha "Ouro para o Bem do Brasil"; entre outros.

Nessa perspectiva, também se pode notar o apoio do *DB* às iniciativas das instituições. No dia 7 de abril, ao noticiar a cassação do mandato de Edson Gasparini, o jornal celebrou o acontecimento:

“(...) Uma plateia composta em sua quase totalidade de mulheres bauruenses, aplaudiu delirantemente a decisão da edilidade que cassou, em votação unânime, o mandato do vereador Edson Gasparini. (...) **Foi uma fantástica noite de civismo, com a platéia exclamando: Viva o Brasil!!!**”<sup>66</sup>  
(*Diário de Bauru*, 7 de abril de 1964, p.1)

No dia 8 de outubro, o jornal destacou a mudança do nome da Rua Costa Ribeiro para Rua Presidente Kennedy. Um dos motivos para a troca foi a má fama do local, conhecido na cidade pela forte presença de casas de prostituição. A escolha do novo título foi uma tentativa de valorização da área e, portanto, explicita o posicionamento favorável

dos vereadores, não apenas ao presidente americano assassinado, mas também à influência norte-americana no Brasil. O *DB* apoiou a medida: “Presta assim, Bauru, uma homenagem – que se não é das mais expressivas, pelo menos foi bem intencionada – aquele que, com justas razões, é tido como campeão da Democracia.”<sup>67</sup>

Outro episódio marcante no ano de 1964 em Bauru foi a adesão da cidade à campanha “Ouro para o bem do Brasil”. De meados do mês de maio até metade do mês junho, esse foi o assunto que mais repercutiu no jornal. O objetivo era angariar fundos para o governo melhorar a situação econômica do Brasil. Essa iniciativa era liderada pelos “Diários e Emissoras Associados” e já estava alcançando grande êxito na capital paulista. Em Bauru, o *DB* foi um grande entusiasta da campanha.

CÂMARA VAI LIDERAR CAMPANHA “DÊ OURO PARA O BEM DO BRASIL” - (...) Apoio – A iniciativa, digna dos maiores encômios será por certo prestigiada pela população bauruense, que terá assim igualmente sua oportunidade de demonstrar o seu alto espírito cívico e patriótico, juntando-se aos milhares de paulistanos que diuturnamente têm feito chegar ao saguão dos órgãos associados, em São Paulo, o seu quinhão em outro ou espécie, para estabilização de nossa moeda. (*Diário de Bauru*, 16 de maio de 1964, p.1)

No dia 21 de maio, o jornal apelou a participação dos bauruenses:

Bauru responderá “presente” à campanha democrática: “Ouro para o bem do Brasil” – (...) Imitemos nossos irmãos paulistas e interioranos que já aderiram a essa manifestação cívica e vamos comparecer em massa, demonstrando nosso amor à pátria, dando “OURO PARA O BEM DO BRASIL”. (*Diário de Bauru*, 21 de maio de 1964, p.4)

As doações eram anunciadas diariamente pelo impresso e se transformaram em questão de status social. As famílias mais abastadas, empresas e associações doavam grandes quantias e tinham os nomes publicados no *DB*, que exaltava os doadores.

Também o “Dr. Broncolino” incentivou a campanha, usando-a como ferramenta de apoio da população ao presidente Castello Branco. Em sua súplica, o jornalista acusa o

---

<sup>66</sup> Grifo da autora.

<sup>67</sup> *Diário de Bauru*, 8 de outubro de 1964, p.1.

governo anterior e enaltece o golpe militar como uma “sorte” que o Brasil teve.

COMPARECIMENTO MACIÇO E OURO MAIS OU MENOS- (...)Ninguém poderá ficar de fora! Deus me livre que nossa cidade dê exemplo de sovina, de mixuruca, de indiferente! O prestígio que Bauru goza fora de suas terras é bastante grande; jamais se explicaria aqui o fracasso de um movimento tão importante!

Eu sei, eu sei que, por mais que o povo dê, não cobrirá sequer a importância surrupiada pelo sr. Leonel Brizola, ao deixar o país às pressas. Eu sei que o dinheiro arrecadado pouco ou nada representará para as combatidas finanças brasileiras. Sei também que o dinheiro malversado é o grande responsável pela situação em que se encontra a pátria.

Sei também que o argumento dos já desanimados é este “pra que ajudar o Brasil? O povo não tem culpa dos desmandos governamentais! Pra que chamar o povo a mais este sacrifício se ele, somente ele, tem sido o eterno sacrificado?”

Está bem. Eu concordo. Mas, em sã consciência, podemos culpar o governo Castello Branco pelas desgraças passadas?! Podemos culpar a revolução pelas nossas misérias? Podemos negar, nós o povo, que uma parcela de culpa nos cabe?... Nós, que muitas vezes gastamos mal; nós, que muitas vezes julgamos mal?!...Podemos negar, que por esse Brasil afora, as grandes massas é que têm elegido, “conscientes”, os seus representantes políticos?! Que temos colorado, lado a lado, probos e vigaristas, honestos e ladrões, sinceros e safados, nos parlamentares nacionais?! Diz a Constituição: “Todo o poder emana do povo”. Nós mandamos e a nós cambem a perdas e danos! É o cobro do regime democrático. A liberdade é maravilhosa, mas exige sacrifício. A hora do sacrifício chegou. E, cá para nós, até que fomos poupados! Isto poderia ter tomado um rumo de conseqüências imprevisíveis para a Nação! É só por obra de Deus, tivemos uma revolução sem sangue! No estado de caos e de bagunça em que estávamos mergulhados, qualquer outro país sossoaria (sic) fatalmente! Em outras terras, onde os civis não andaram a altura de tocar o barco para frente, e os militares foram chamados a intervir, a coisa foi bem mais séria! Viu-se, como conseqüência, a perda daquilo que o homem tem de mais sagrado: a liberdade! E viver sem liberdade é dureza!...Ainda mais para este fazedor de piadas infames que as franquias democráticas jamais poderia gritar, pelo menos gritar, quando seus filhos estivessem com fome!

Somos realmente um povo feliz. Deus, indiscutivelmente, é brasileiro!

Bem, não adiantar olhar para trás. O negócio é bola para frente! A campanha “Ouro para o Bem do Brasil” chegou até aqui. Que Bauru dê uma demonstração maciça de solidariedade. Mesmo que o ouro não seja maciço, mas a presença tem que ser!...(Diário de Bauru, 26 de maio de 1964 p.11)

No dia 31, o *DB* reproduziu a coluna “UMA GOTA DE SUOR” escrita por Guilherme de Almeida e publicada originalmente no jornal *O Estado de S.Paulo*. O texto era um forte apelo

ao povo com trechos dramáticos como “(...) Uma gota de suor... A única que a Nossa Revolução – a que não exigiu sangue, nem a gota de pranto – agora espera de nós. Quem haverá aí que lhe recuse?”<sup>68</sup>.

É possível extrair o tom persuasivo dos textos encontrados. As mensagens enalteciam os doadores e condenavam aqueles que não haviam aderido à campanha, impondo uma culpa e um estigma sobre esses.

A campanha “Ouro para o bem do Brasil” foi considerada um sucesso em Bauru e arrecadou mais 31 milhões de cruzeiros. Após o término, o jornal parabenizou os organizadores da campanha na cidade e a participação “exemplar” da população bauruense.

### 6.3.5. Industrialização e progresso

É interessante comentar ainda que os ideários econômicos do regime militar, como progresso e industrialização, eram motes constantes do jornal. Durante o mês de setembro, realizou-se na cidade a XIV Convenção dos Industriais do Estado de S. Paulo na qual vieram para a cidade muitos empresários e investidores. Um mês antes do evento, o *DB* dedicava considerável espaço para matérias que reforçavam o potencial atrativo de Bauru, valorizando as características do município.

Por exemplo, no dia 15 agosto, o Mestre Cyrillo assim nomeou sua coluna “VAMOS INDUSTRIALIZAR BAURU”<sup>69</sup>.

O que falta para Bauru crescer mais? Que necessita esta colméia humana cosmopolita, centralizada no coração do maior Estado fabril da nacionalidade? Indústria. Indústria. Indústria.

A agricultura não se desenvolve neste rincão porque suas terras, além de serem pobres, os poderes públicos não logram ajudá-la. A pecuária atividade que começa a tomar vulto, não dará base para uma prosperidade maior pela sua natureza. A vida própria bauruense reside no comércio e no funcionalismo bem aquinhoado.

Comércio bem organizado e especialista que influi, sobremaneira, nos povoados da circunvizinhança.

Então qual das atividades humanas de maior vulto capaz de impulsionar o nosso progresso? A indústria. (...) Realmente Bauru, hoje em dia, oferece ensejo a um surto industrial de vulto não só pela situação demográfica, topográfica central no território paulista como pelos

<sup>68</sup> *Diário de Bauru*, 31 de maio de 1964, p.12.

<sup>69</sup> *Diário de Bauru*, 15 de agosto de 1964, p.1

elementos primordiais como sejam água, energia elétrica, mãos de obra e ramificações de vias condutoras ferroviárias e rodoviárias que enriquecem o nosso ambiente vital. (...) Todos nós, bauruenses natos ou adotivos que vivemos a espera de melhores dias para Bauru devemos prestar as nossas homenagens aos ilustres visitantes fazendo votos para que o conclave em perspectiva, obtenha o mais amplo e fecundos resultados (sobre a convenção). (*Diário de Bauru*, 15 de agosto de 1964, p. 1)

Durante os dias do evento, o *DB* realizou uma intensa cobertura jornalística e, posteriormente, recebeu até mesmo um ofício de agradecimento da FIESP-CIESP<sup>70</sup>. O documento congratulava-se com o jornal: “(...) a fim de manifestarmos nossa gratidão pela inestimável colaboração (...), permitindo fosse aquele conclave coroado de êxito e brilhantismo. A solidariedade demonstra o espírito público de que é dotado.”<sup>71</sup>

Após a convenção, o *DB* prosseguiu incentivando a industrialização da cidade. Com frequência, o periódico trazia matérias que contavam um pouco da história de cada indústria de Bauru, além de, efetivamente, criar uma campanha para o desenvolvimento industrial local.

CONSOLIDAÇÃO E EXPANSÃO DO PARQUE INDUSTRIAL DE BAURU – O *DB* inicia hoje uma campanha visando a consolidação e a expansão do parque industrial bauruense, cujo esforço de contribuição para o desenvolvimento de Bauru não pode ser subestimado. (...) Essa campanha que o *DB* hoje inicia, visa provocar a manifestação do governo do Estado que, por intermédio do Banco do Estado e da Caixa Econômica, poderá colocar recursos financeiros para que o Parque Industrial de Bauru seja consolidado e ampliado. (*Diário de Bauru*, 8 de novembro de 1964, p.1)

A industrialização, além de ser campanha do jornal, era, sobretudo, interesse político de Avallone Jr..

INFORMATIVO POLÍTICO DO DEPUTADO AVALLONE JR. – (...) O parlamentar vem aproveitando todos os veículos para defender a grande meta de Bauru, que é a industrialização. Ainda agora, quando se tenta proibir a instalação de indústrias no município de São Paulo, o parlamentar tem mantido contato com a FIESP-CIESP, que reconhece a necessidade de descentralização industrial. (*Diário de Bauru*, 12 de dezembro de 1964, p.2)

A disposição do jornal para os motes progresso e industrialização revelam a sintonia

---

<sup>70</sup> Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.

<sup>71</sup> *Diário de Bauru*, 27 de setembro de 1964, p.1.

do impresso e de seu proprietário com os moldes de desenvolvimento econômico pretendidos pelo novo governo, endossando o apoio concedido pelo *DB* ao golpe e ao Marechal Castello Branco.

#### **6.4. Considerações finais sobre a cobertura jornalística do *DB***

Sobre a cobertura jornalística do *Diário de Bauru* em torno do golpe civil-militar, pode-se concluir que, no período anterior ao golpe, o jornal dedicava espaço tanto para os pronunciamentos da oposição como da situação, permitindo ao leitor, ao menos, a possibilidade de reflexão. Porém, através de expressões e adjetivos, foi possível notar a preferência do periódico por políticos e medidas oposicionistas.

Pode-se afirmar também que o impresso fomentou a guerra psicológica criada para desestabilização do governo de João Goulart, noticiando diversos pronunciamentos que vociferavam a infiltração comunista no poder e a suposta intenção do presidente em decretar um regime socialista no país. Desse modo, o jornal alimentou o clima de tensão e terror em torno do medo da ameaça comunista.

Durante os dias em que sucedeu o golpe, o *DB* evidenciou seu posicionamento favorável ao movimento e vangloriou sua vitória. O jornal fez coro às crenças de que o golpe “salvou o país das garras do comunismo” e “recolocou o país no caminho da democracia e do progresso”.

O impresso declarou total apoio ao Marechal Humberto Castello Branco e concitou a população a confiar no novo presidente com mensagens diretas do proprietário do jornal Avallone Jr. aos leitores. Apenas os pronunciamentos do governo eram publicados, o impresso não destinou espaço à defesa dos políticos depostos que estavam sendo cassados.

Após dois meses do governo golpista, as desavenças internas entre os grupos políticos começaram a surgir e foram polemizadas pelo periódico. Também o jornal passou a fazer críticas a algumas medidas do governo e não mais foram publicadas mensagens de apoio explícito ao presidente.

Ainda assim, pode-se concluir que o jornal, em nenhum momento, cogitou a permanência de João Goulart no poder ou contestou a vitória do golpe civil-militar,

legitimando o golpe de Estado e o novo governo para o leitor bauruense.

## 7. Análise da cobertura jornalística do *Correio da Noroeste* em torno do golpe civil-militar de 1964

### 7.1. Pré-golpe

#### 7.1.1. Oposição explícita a João Goulart

O *Correio*, desde o primeiro dia de 1964, esclareceu seu posicionamento sobre o governo vigente. Em primeiro de janeiro, publicou, na primeira página, o editorial “Poucas esperanças”, redigido pelo diretor-responsável do jornal, Oswaldo Gaspar.

(...) O Brasil se livrará duma revolução em 1964? Dificilmente! A degradação política e social avança rapidamente para fazer confusão. A confusão já se nota nos mais altos postos de mando e que já se assenhoreou das massas populares. O comunismo, no Brasil, avançou mais em 1963 do que em toda a existência do terrão descoberto pelo navegador Pedro Álvares Cabral. E sabe se infiltrar em todas as camadas sociais, nas forças militares, nas esferas políticas e, até nos meios religiosos. (...) (*Correio da Noroeste*, 1º de janeiro de 1964, p.1)

Do trecho acima, podem-se extrair duas falas reproduzidas frequentemente pelo jornal durante todo o período que antecedeu o golpe: a presença de comunistas no governo e a suspeita de que João Goulart iria dar um golpe de Estado.

O *Correio* era um impresso de menor porte do que o *Diário de Bauru* e trazia notícias, sobretudo, relacionadas ao âmbito local. Os acontecimentos nacionais repercutiam no impresso por meio de notas curtas e, principalmente, através da coluna do jornalista Paulino Raphael, crítico exaltado do governo de João Goulart. Assim, o leitor do *CN* recebia as notícias nacionais através do olhar de Paulino e não tinha acesso a nenhum outro posicionamento.

A coluna de Paulino Raphael situava-se, geralmente, na segunda página do jornal e era publicada com frequência quase diária. Os textos do jornalista eram extensos e carregados de adjetivos, a maioria deles usada para depreciar o governo. Alguns dos adjetivos encontrados diversas vezes foram: comunistas, nacionalistas, peleguistas, agitadores, esquerdistas, sindicalistas, bolchevistas; e expressões justapostas como: comuno-nacionalistas, comuno-peleguistas, pelego-sindicalista, entre outros. As críticas

eram repetitivas e reproduziam chavões e desqualificações do presidente e de seus ministros.

Os textos de Paulino Raphael apontavam, insistentemente, o envolvimento do presidente com o comunismo e com a “subversão” e a suspeita de que o Brasil estaria na iminência de um golpe comunista. Até mesmo quando o assunto principal da coluna era outro, essas acusações faziam-se presentes.

No período pré-golpe, os textos de Paulino ironizavam a intenção do presidente de estabelecer um regime de democracia social ou uma República sindicalista. Para o jornalista, esses modelos já seriam altamente “subversivos” e não condiziam com uma democracia, portanto não poderiam ser admitidos. No dia 25 de janeiro, em sua coluna intitulada “Pura Inoperância”, Paulino fez um alerta ao Congresso Nacional:

É crime previsto no código penal e na lei de segurança nacional pregar a subversão da ordem e a destruição das instituições. É pregação subversiva a promessa do presidente Goulart de transformar o regime vigente no País em democracia social, coisa mais ou menos indefinida, mas absolutamente suspeita e contrária a constituição. (...)

Talvez seja esta a última chance de o Congresso Nacional cumprir com o seu dever. Se não o fizer, não tenham dúvida os senhores legisladores das duas casas do parlamento nacional: **seus dias estarão tão próximos do fim como os dos pobres mortais que assistem desolados e estarecidos ao sacrifício do regime democrático tão incompreendido e menosprezado pelos políticos dos dias incertos que vivemos.**<sup>72</sup> (...) (*Correio da Noroeste*, 25 de janeiro de 1964, p.2)

No dia 7 de fevereiro, o jornalista reforçou sua preocupação com a presença de comunistas nos cargos públicos e incitou a reação dos membros da oposição:

(...) O dispositivo do presidente Goulart vêm sendo consolidado desde o instante que s.excia assumiu a presidência, com a nomeação de legiões de comunistas para ótimos cargos. E comunista uma vez nomeado, gruda no posto e só sai à força. E quem fará força para tirar-lhes as testas da República. Infelizmente, parece que ninguém! (*Correio da Noroeste*, 7 de fevereiro de 1964, p.2)

Paulino mostrava-se, através do tom dramático de seus textos, desesperado e agoniado com a possibilidade do golpe comunista estar próximo. No dia 8 de fevereiro, o

---

<sup>72</sup> Grifo da autora.

jornalista fez um “aviso-prévio” de que caso o domínio comunista no Brasil se concretizasse a garantia das liberdades e direitos individuais estaria ameaçada, assim como a segurança dos anticomunistas.

Por que estrebucham? – Os comunistas e a quase totalidade dos nacionalistas azedos sabem que, uma vez completado o domínio comunista no País – **o que está por muito pouco – eles como nós, os anticomunistas**<sup>73</sup>, perderão todas as liberdades e direitos, os quais serão transferidos, por via da própria essência do regime, ao ditador que exercerá suas arbitrarias atribuições através de alguns lacaios que, por sua vez, não terão a menor segurança ou um mínimo de garantia. O único objetivo em que se pode acreditar na ação deletéria dos partidários da extrema esquerda, sejam simplesmente comunistas, comuno-nacionalistas, ou exclusivamente antiamericanos, é o propósito de vingança não se sabe do que, podendo ser de despeito pelos incontáveis fracassos ou por que estejam a soldo do comunismo internacional.(...)”. (*Correio da Noroeste*, 8 de fevereiro de 1964, p.2)

O desânimo com o governo de João Goulart era constantemente reforçado nos textos do jornalista, principalmente, porque culpava o presidente e os membros do executivo por serem responsáveis pela “subversão” e nada fazerem contra ela.

**Pessimismo ou realidade?** – (...) Conheço mais da metade da vida republicana brasileira. Não tenho a menor recordação de haver assistido a um estado de subversão igual ao que presenciamos. (...)

Hoje a pregação subversiva parte das mais destacadas figuras do poder executivo da República.(...)

Ora, a desordem se manifesta por toda a parte, como estamos vendo e as autoridades antecipam sua recusa em reprimi-la, o que mais se pode esperar? (*Correio da Noroeste*, 5 de fevereiro de 1964, p.2)

Também era recorrente nas colunas de Paulino, comparar a situação política do país naquele momento com antes de 1961, quando não com antes de 1930, ano em que Getúlio Vargas subiu ao poder. O jornalista, por diversas vezes, apontou João Goulart como pupilo de Getúlio Vargas e criticava ambos pela implantação de uma economia nacionalista e pelo envolvimento intenso com os trabalhadores. Desse modo, a coluna também apresentava um tom nostálgico, evidenciando que, para Paulino, aquele era um momento ruim na vida republicana brasileira que já havia tido “tempos áureos”. Essas críticas do jornalista podem

---

<sup>73</sup> Grifo da autora.

ser relacionadas à ideia de crise discutida na parte inicial desse estudo.

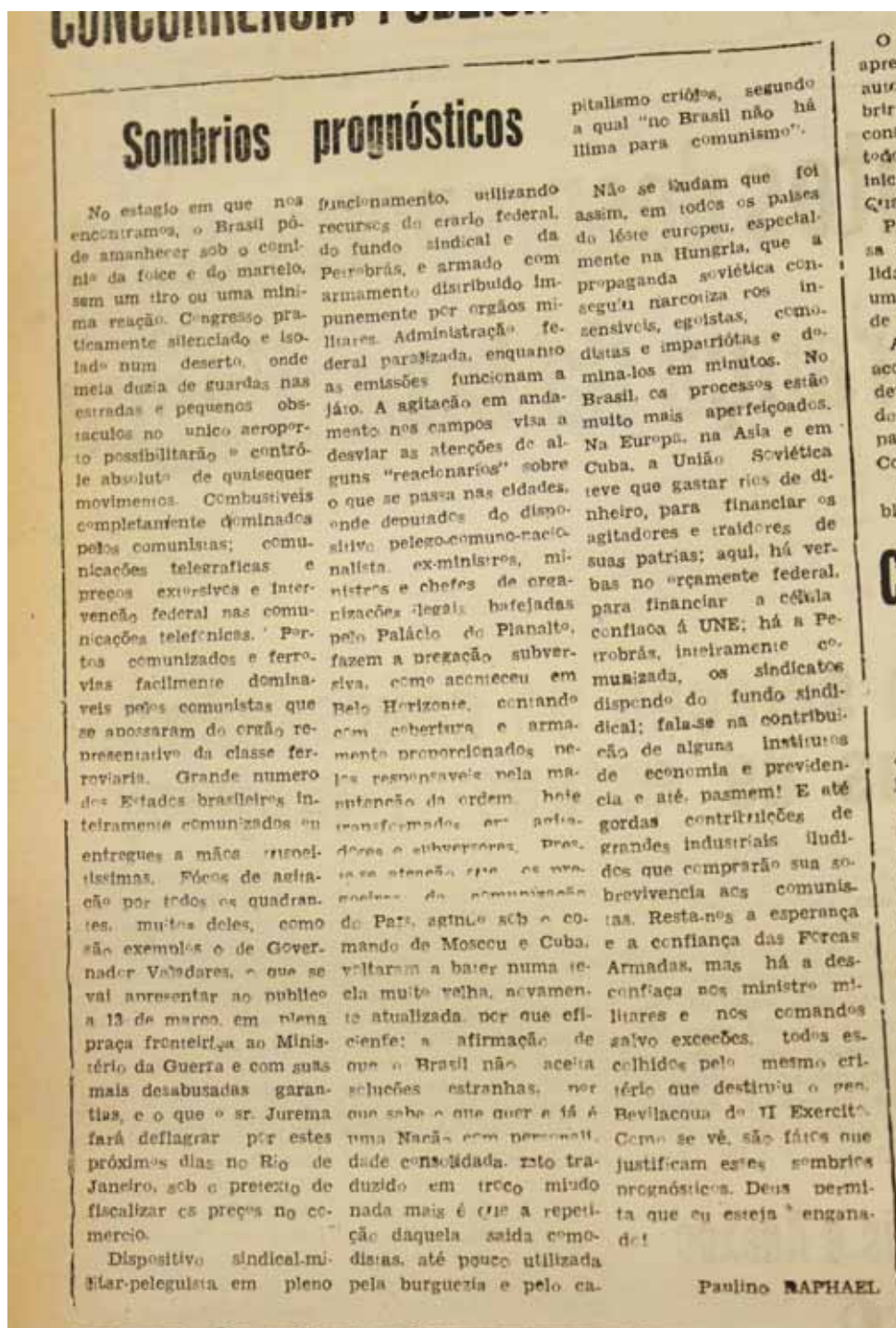
Por exemplo, a coluna “O QUE RESTA?”, publicada no dia 7 março, vangloria os anos anteriores ao mandato de João Goulart e, novamente, critica a falta de punição do governo com atos “subversivos”.

(...) Inegavelmente, encontramos-nos em pleno reino da confusão. Antigamente, isto é, antes de 1961, quem saísse a rua pregando a desordem, anunciando o desrespeito as leis, incitando os mal-feitores a assaltarem a propriedade alheia, insultando os países com os quais mantemos relações diplomáticas, comerciais e culturais, pregando a subversão e a destruição das instituições e do regime, esse alguém seria chamado a ordem, correndo o risco de ser processado e preso por que tais procedimentos constituem crime perante as leis do País. Hoje, quem sair a rua pregando o respeito a Constituição da República, combatendo os que a querem desrespeitar ou modificar segundo muitíssimos suspeitos; quem combater a desordem e os desordeiros, enfim, quem defender a legalidade, será destituído do cargo que exercer, se servidor público for, ou será, processado, se simples mortal. (...) O que vemos? Dirigentes de sindicatos e de órgãos próprios; baderneiros; malandros; pelegos e desocupados desempenhando o papel de órgãos consultivos de presidente da República. (...) Autêntica república pelego sindicalista, com a supressão pacífica dos demais poderes que compõem o quadro republicano. O que resta? (*Correio da Noroeste*, 7 de março de 1964, p.2)

Com o acirramento das tensões entre João Goulart e seus opositores, Paulino passou a demonstrar, cada vez mais, (pode-se afirmar que já não era mais medo) seu pânico frente à ameaça comunista. No dia 4 de março, horrorizado, o jornalista descreveu o cenário em que o país se encontrava na sua visão e evidenciou sua esperança na atuação das Forças Armadas.

No estágio em que nos encontramos, o Brasil pode amanhecer sob o domínio da foice e do martelo sem um tiro ou uma mínima reação. Congresso praticamente silenciado e isolado num deserto, onde meia dúzia de guardas nas estradas e pequenos obstáculos no único aeroporto possibilitarão o controle absoluto de quaisquer movimentos. Combustíveis completamente dominados pelos comunistas; comunicações telegráficas e preços extorsivos e intervenção federal nas comunicações telefônicas. Portos comunizados e ferrovias facilmente domináveis pelos comunistas que se apossaram do órgão representativo da classe ferroviária. Grande número dos Estados brasileiros inteiramente comunizados ou entregues a mãos suspeitíssimas. (...) Resta-nos a esperança e a confiança das Forças Armadas, mas há a desconfiança nos ministros militares e nos comandos salvo exceções, todos escolhidos pelo mesmo critério que destituiu o general Bevilacqua do II Exército. Como se vê, são fatos que justificam esses

sombrios prognósticos. Deus permita que eu esteja enganado! (Correio da Noroeste, 4 de março de 1964, p.2)



Coluna de Paulino Raphael do dia 04 de março de 1964

Era nítido o tom de indignação do jornalista com a suposta falta de reação da oposição frente ao governo que estaria planejando um golpe. O texto do redator pode ser

entendido como uma forma de super dimensionar o perigo comunista e incitar à reação. Mais uma vez, por exemplo, no dia 15 de março, Paulino Raphael, escreveu sobre a infiltração comunista no poder público considerando que a implantação do comunismo era inevitável<sup>74</sup>.

Inserindo o Brasil no contexto político mundial da Guerra Fria, outra crítica constante era a submissão do comunismo brasileiro ao internacional. Para Paulino, o próprio governo era um dos líderes do comunismo nacional. Desde o início do ano, o jornalista afirmava que os membros do poder estavam “a serviço de Moscou”.

**Pura Mistificação – (...) O atual governo começa a agir utilizando uma invencionice: que o povo está exigindo reformas de base, reforma agrária principalmente, ou caminha para a subversão total. Isto tem sido uma das maiores mentiras arquitetadas pelos assessores bolchevistas, que servem ao presidente da República<sup>75</sup>.** Quantas vezes, quase todos os ministros do presidente João Goulart, sem escaparem os ministros militares, o que é mais grave, conclamaram as massas à subversão e à baderna, sob falso pretexto de reformas de base e sem base, todas com os olhos fitos nos desejos de Krushév e Fidel Castro que querem arrastar-nos à fome! (...)

Assim tem sido e assim continuará a ser, pois o objetivo é mistificar e a meta é servir Moscou. (...) (*Correio da Noroeste*, 10 de janeiro de 1964, p.2)

O famoso comício de João Goulart realizado na Guanabara no dia 13 de março reuniu as classes trabalhadoras como forma de tentar unir os grupos de esquerda ao presidente, que já vinha sofrendo intensa pressão da oposição. Sobre o comício, Paulino comentou que “(...) Era ostensiva, provocante e atrevida a participação dos comunistas, misturados com a tropa e bem pertinho da autoridade. (...)”<sup>76</sup>. E sentenciou que “(...) comunismo está fora da lei. Quem lhe deu e quem lhe dá cobertura está também fora da lei. Se for autoridade está traindo a Pátria!”<sup>77</sup>.

Através da leitura do *CN*, a coluna de Paulino Raphael era a única forma de se informar sobre os pronunciamentos polêmicos relacionados ao governo nacional. Quando Luiz Carlos Prestes declarou que “Os comunistas estão no poder, mas ainda não governo”,

---

<sup>74</sup> *Correio da Noroeste*, 15 de março de 1964, p.2.

<sup>75</sup> Grifo da autora.

<sup>76</sup> *Correio da Noroeste*, 22 de março de 1964, p.2.

<sup>77</sup> *Correio da Noroeste*, 22 de março de 1964, p.2.

Paulino contestou a sinceridade do presidente:

Quando o presidente é sincero? - O público brasileiro não poderá alegar dificuldades para analisar os acontecimentos em torno da marcha batida para a comunização do país. Só quem não quer mesmo ver ou quem está fingindo-se de democrata enquanto não passa de comunista encapuzado, poderá ter dúvidas quanto à ação deletéria dos pregoeiros do comunismo em nossa Pátria. (...) enfim, onde quer que tenhamos comparecido desde a instauração da política "independente", nossos representantes e adidos, todos recrutados nos suspeitos domínios do comuno-nacionalismo, têm defendido pontos de vista inteiramente contrários a nossa política internacional e aos tratados de que participamos, fazendo o jogo claro e ostensivo do comunismo russos e seus adeptos de Pequim e Havana, sem perder a menor oportunidade de hostilizar nossos velhos tradicionais aliados, especialmente quando podem atingir os Estados Unidos, que são a meta sempre visada pela política soviética e pelos nacionalistas exacerbados a serviço da extrema esquerda. (...)

No início do ano passado, o sr. Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos, depondo perante o Congresso de seu país afirmou que o governo brasileiro sofria profundas influências pelos números comunistas nele infiltrados. Houve um esboço de reação, o que obrigou o sr. Gordon a contornar a situação, naturalmente por conveniências diplomáticas. Vê-se hoje, que a reação foi apenas porque o sr. Gordon é americano. O chefe do comunismo crioulo, sr. Luiz Carlos Prestes, íntimo do presidente Goulart, afirma que os comunistas já dominaram o poder governativo no País, embora, apenas, não tenham assumido o governo. Nessa parte é que o sr. Prestes talvez por conveniências muito explicáveis, faltou com a verdade. No governo, nos principais postos estão colocados conhecidos comunistas. É nula a percentagem de democratas na máquina executiva na República. Ora, por que motivo nosso presidente irrita-se quando o sr. Gordon acusa seu governo de comunista e silencia quando afirmativa mais concreta, no mesmo sentido, é feita pelo sr. Prestes? Quando, pois, nosso presidente é sincero, quando desmente Gordon ou quando confirma Prestes? (*Correio da Noroeste*, 15 de fevereiro de 1964, p.2)

No dia posterior, o jornalista ironizou o pronunciamento do ministro chefe da Casa civil, Darcy Ribeiro, sem antes fazer mais um alerta sobre a ameaça de um golpe comunista. Darcy Ribeiro havia discursado em uma cadeia de rádio e televisão, relatando as reformas que o governo realizaria e defendendo o presidente João Goulart das acusações de que esse estava conspirando um golpe, sobretudo, das denúncias que haviam sido feitas pelo deputado Bilac Pinto da UDN.

(...) Numa lenga-lenga maduramente imaginada, sem nenhuma preocupação da verdade e sem qualquer objetivo a não ser o de imprimir maior ênfase ao peleguismo, o chefe da Casa Civil da Presidência da

República tomou o tempo dos telespectadores e radiouvintes durante mais de uma hora, para repetir aquelas sovadas e vazias frases dos agitadores, falando de reformas, de realizações que não são do atual governo, e chacoteando com a ordem e a opinião pública. (...) (*Correio da Noroeste*, 16 de fevereiro de 1964, p.2)

Os textos de Paulino revelam o empenho do redator na campanha contra o governo João Goulart. A repetição diária das análises conspiratórias contribuía para o reforço dentre os leitores conservadores a interpretação de que a dominação comunista se avizinhava.

### **7.1.2. Críticas às medias do governo**

Foram poucas as notícias encontradas que abordavam as realizações do governo de João Goulart. Mais uma vez, o leitor do *CN* apenas tomava conhecimento de algumas poucas iniciativas que estavam sendo feitas, através dos comentários de Paulino Raphael, que, na maioria das vezes, criticava-as ferozmente.

Considerando que Paulino era também empresário e membro da Associação Comercial de Bauru, sua opinião valorizava os interesses da economia privada. Por exemplo, no dia 4 de janeiro, o jornalista escreveu a coluna “As reformas e seus males” na qual critica algumas medidas, entre elas, o tabelamento permanente dos gêneros de primeira necessidade e a lei do inquilinato.

(...) ninguém de mediano bom senso ignora, a presença do poder público na economia privada é profundamente prejudicial a tudo e a todos, inclusive ao próprio poder público, quando confiado a homens de bem. Os males causados pelos tabelamentos ao público consumidor, aos produtores e aos comerciantes e o bem proporcionado aos aventureiros que com ele surgiram com a denominação de tubarões, são absolutamente incalculáveis. (...)

A segunda reforma foi a lei do inquilinato, cujas conseqüências se traduzem num déficit de moradias que jamais será alcançado. Desde que se fez a lei de tabelamento dos aluguéis ninguém mais aventurou-se a construir casas populares para aluguel aos menos favorecidos da sorte. (...). (*Correio da Noroeste*, 4 de janeiro de 1964, p.2)

Nota-se que, raramente, quando o governo tomava medidas de acordo com os interesses da iniciativa privada, Paulino as elogiava, demonstrando que sua oposição a João Goulart dava-se pelo ideário de que qualquer interferência na livre iniciativa e nos princípios

liberais era uma ameaça à democracia e à sociedade.

O sr. Benedito Pio da Silva, superintendente da SUNAB tem adotado medidas a meu ver, perfeitamente inteligentes(...).

(...) A medida afigura-se inteligente porque respeita os princípios da liberdade de comércio e do direito de livre empreendimento, e por que põe nas mãos do comércio o comportamento a ser adotado diante da conjuntura presente. (...) (*Correio da Noroeste*, 26 de janeiro de 1964, p.2)

Como prova da oposição do jornalista às intervenções federais em empreendimentos, ainda em janeiro, Paulino criticou a postura do presidente João Goulart de querer conter os preços das escolas particulares. Em seu texto, com sua escrita dramática e irônica, chegou a questionar o futuro das instituições educacionais.

(...) Somos talvez o único país do mundo onde o governo intromete-se nas atividades alheias e aumenta salários, regalias e direitos, sem a menor consulta à realidade econômica da atividade. (...) Teme-se por isso que o presidente Goulart, pessimamente assessorado como está, baixe uma lei ou porcaria que obrigue os colégios particulares a fecharem suas portas, sem que tenha possibilidades de substituir a iniciativa privada, que tantos serviços tem prestado à causa pública. (...) (*Correio da Noroeste*, 23 de janeiro de 1964, p.2)

As relações diplomáticas do governo também foram alvos constantes dos comentários pejorativos de Paulino. A postura do Itamarati era frequentemente criticada. Tais posicionamentos situavam o Brasil no contexto internacional conflituoso.

Política “Independente” – **Nenhum dos chamados reacionários entre os quais, gostosamente, me incluo**<sup>78</sup>, jamais aplaudiu qualquer humilhação ao Brasil e jamais tolerou qualquer intromissão impertinente de qualquer potência nos atos e decisões específicas da escolha do caminho a seguir, por parte dos nossos governantes ou representantes no exterior.

(...) Foi a partir de 1961, ano da graça da renúncia, que nosso comportamento em matéria de política exterior passou às raias da grosseria, da ingratidão e da indelicadeza,... (...).

Todos os dias, as atitudes do poder federal sem escapar o Itamarati, traduzem-se em provocações e atos irritantes, com esculta finalidade de agradar a boçalidade eslava e de hostilizar os Estados Unidos e outros velhos e pacientes fregueses nossos que já se estão cansando de suportar grosserias e más criações. (...)” (*Correio da Noroeste*, 29 de janeiro de 1964, p.2)

---

<sup>78</sup> Grifo da autora.

Como empresário e incentivador da iniciativa privada, Paulino também era veementemente contrário às medidas de cunho nacionalista. Entre as mais atacadas estão a reforma agrária e as encampações das refinarias de petróleo.

O presidente Goulart reuniu, no Palácio Rio Negro, a fina flor do comunismo-peleguismo, com suas sujeitíssimas denominações, que lhe foram comunicar os planos de subversão a que se entregarão dentro de breves dias, sob pretexto de reforma agrária, desapropriações e defesa do monopólio estatal do petróleo. (...) Como se vê vão ao presidente tratar de reforma agrária e desapropriações indivíduos absolutamente alheios às atividades agrícolas e desafetos a quaisquer atividades que exijam dedicação e trabalho, pois nunca se entregaram ao labor ordeiro e produtivo. (...) Defesa do monopólio estatal do petróleo, que ninguém está ameaçando é manobra dos comunistas (...) da qual se consideram proprietários e usufrutuários os comunistas e os comuno-nacionalistas, para dela fazerem o que se vê: dilapidarem os recursos surrupitados dos consumidores, para engordar a pior caterva de que se tem notícia (...) (*Correio da Noroeste*, 9 de fevereiro de 1964, p.2)

O único discurso de João Goulart reproduzido pelo *Correio* foi a fala do presidente no comício do dia 13 de março na Guanabara. Essa notícia foi uma das raríssimas vezes em que o *CN* concedeu mínimo espaço para divulgação do posicionamento da situação que defendesse as medidas do governo durante todo o período que antecedeu o golpe no ano de 1964.

REFORMA AGRÁRIA NA PALAVRA DO PRESIDENTE J. GOULART – “O país está a necessitar de uma reforma agrária, para uma reforma agrária autêntica. Uma reforma que dê condições ao trabalhador do Brasil de ter sua terra de cultivo. Um país de mais de 70 milhões de habitantes tem pouco mais de 2 milhões de proprietários.(..)

“Dentro de 48 horas vou entregar a consideração do Congresso a mensagem presidencial e espero que os congressistas entendam o sentido do decreto e promulguem a mensagem. Em nome do povo brasileiro apelo para o Congresso atender as reivindicações populares.”

“Antes de terminar quero cientificar os trabalhadores que assinei o decreto de encampação de todas as refinarias particulares. A partir desta data Capuava, Manguinhos, Amazonia e outras refinarias pertencem ao povo brasileiro.” (...) (*Correio da Noroeste*, 13 de março de 1964, p.1)

### **7.1.3. Corrida eleitoral**

Através da leitura do *CN*, também foi possível extrair que, desde o início do ano, os partidos já estavam definindo seus candidatos ao pleito eleitoral de 1965, demonstrando

certo descontentamento com o governo vigente. O jornal enfatizava essas notícias e fomentava a disputa, colocando entre os nomes mais cogitados Carlos Lacerda, Carvalho Pinto e Juscelino Kubitschek.



Página 2 do CN de 15/03/1964

Paulino Raphael também opinou sobre o voto daquela que seria a próxima eleição e delineou os grupos com propostas políticas distintas, afirmando que o PTB era o inimigo, era contrário à democracia e à ordem<sup>79</sup>.

Havia no *CN*, na primeira página, um quadro intitulado “Política e políticos”, publicado diariamente. O quadro, com linguagem informal, tecia comentários, sobretudo, sobre o enredo local, por vezes, na realidade, trazia fofocas dos bastidores do cenário político. Assuntos da esfera nacional só eram tratados quando conquistavam alta relevância.

No dia 19 de janeiro, um texto nessa área do jornal apontava para existência de acirrada disputa nas eleições de 1965 e reforçava a dificuldade que Goulart teria, caso ainda estivesse no poder, para mover-se nessa corrida eleitoral.

Como o *CN* não costumava dedicar espaço para notícias do âmbito nacional, pode-se considerar provocativo e intencional o jornal dar grande destaque para a disputa eleitoral, explicitando o descontentamento com o governo de João Goulart e o interesse em

<sup>79</sup> Correio da Noroeste, 11 de janeiro de 1964, p.2.

promover como próximo presidente algum candidato com interesses mais similares aos do impresso.

### 7.1.3. Clima de caos: greves, inflação, crise no abastecimento e conflito agrário

O periódico transmitia, através das colunas e notícias, o clima de instabilidade no qual o país se encontrava por diversos fatores como: greves nos setores produtivos, aumento do custo de vida, crise no abastecimento dos gêneros primários e os conflitos na área rural em decorrência das desapropriações de terras para a reforma agrária. A ideia de caos reproduzida pelo *CN* alimentava a desestabilização de João Goulart e, contribuindo com esse cenário, muitos comentários encontrados no impresso responsabilizavam o governo federal pela situação.

No dia 17 de janeiro, Paulino Raphael descreveu, criticamente, a deflagração de greves, sem deixar de relacionar o cenário caótico com a presença do comunismo no governo.

Nunca se viu tamanha sarra de greves. Seguros privados, Light, petróleo, tecelões, ensacadores e carregadores, siderúrgicos e bancários deram início a safra de paredes contra o desenvolvimento normal do trabalho. Parece mentira que haja quem duvide da participação de gente grossa do governo nesses movimentos; parece incrível que haja quem ponha em dúvida a presença da agitação comunista na preparação e deflagração dessas greves (...) em todos os movimentos têm sido constatados os estímulos dos poderes federais, notadamente dos assessores do presidente da República, todos recrutados nos comprometidos domínios do comunismo. (...) (*Correio da Noroeste*, 17 de janeiro de 1964, p.2)

O aumento no custo de vida era notável pela quantidade de notícias que relatavam a alta de preços de vários produtos e serviços como, por exemplo, o ônibus municipal. No dia 22 de janeiro, o *Correio* publicou como manchete “ELEVAÇÃO DO CUSTO DE VIDA ESTÁ DESESPERANDO O POVO”<sup>80</sup>. A notícia descrevia a gravidade da situação.

O brasileiro atravessa instantes de grande apreensão (...). A elevação do custo das utilidades, das mercadorias de primeira necessidade, a começar do arroz, do feijão, do óleo, da banha, etc, (...) E, infelizmente, quem norteia a elevação desenfreada do custo de vida é o próprio governo da União, são os seus Ministros, são os seus órgãos técnicos (...). **Onde iremos**

---

<sup>80</sup> *Correio da Noroeste*, 22 de janeiro de 1964, p.1.

**parar? Ninguém sabe. O horizonte está escuro e esperanças são poucas. O povo está se desesperando, e o povo desesperado é uma fera brava.**<sup>81</sup>  
(*Correio da Noroeste*, 22 de janeiro de 1964, p.1)

Ainda no mesmo dia, no quadro “Política e políticos”, o impresso reforçou o suposto desespero da população “O povo não está aguentando mais o custo de vida. Cereais, todos eles, nestes três últimos meses, dobraram de preço, e o povo já começou a se desesperar. (...)” (*Correio da Noroeste*, 22 de janeiro de 1964, p.1).

Além da alta do custo de vida, a falta de alguns alimentos básicos também era motivo de preocupação. A escassez de açúcar foi um dos casos mais destacados com notícias como “O POVO ESTÁ REVOLTADO COM O DESAPARECIMENTO DO AÇÚCAR”<sup>82</sup> e “BARES E CAFÉ PODERÃO FECHAR: FALTA DE AÇÚCAR PARA TRABALHAR”<sup>83</sup>.

Outra problemática que contribuía para o cenário conflituoso do país era a questão agrária, que foi amplamente noticiada pelo *CN*. O problema rural tinha um agravante, pois era, sobretudo, reflexo das disputas ideológicas.

No dia 25 de janeiro, o impresso destacou o apoio do exército na realização da reforma agrária, evidenciando o empenho do governo e indicando a resistência da oposição com essa medida<sup>84</sup>. No dia 20 de fevereiro, o *CN* noticiou “Agitadores invadem terras do Estado”. A matéria trazia o pronunciamento do governador Adhemar de Barros à imprensa no qual o líder estadual alertava que estavam ocorrendo seis casos graves de invasão de terras do território paulista. Os conflitos agrários também revelavam as disputas e troca de acusações entre os personagens políticos.<sup>85</sup>

#### **7.1.5. Cena local contra o “comunismo”**

Além das duras críticas ao comunismo nas colunas de Paulino Raphael, também o *CN* enfatizava notícias que descreviam o anticomunismo presente na cena local, revelando como na cidade de Bauru também as instituições elitistas estavam em sintonia com o

---

<sup>81</sup> Grifo da autora.

<sup>82</sup> *Correio da Noroeste*, 23 de fevereiro de 1964, p.1.

<sup>83</sup> *Correio da Noroeste*, 7 de março de 1964, p.1.

<sup>84</sup> *Correio da Noroeste*, 25 de janeiro de 1964, p.1.

pensamento da oposição e se mobilizavam contra o governo.

No dia 7 de março, o jornal publicou na íntegra um chamado dos estudantes, intitulado “Manifesto à Nação Brasileira”, que declarava oposição desse grupo ao João Goulart e convocava os jovens a lutarem contra o governo.

“Os estudantes democratas e patriotas, nesta hora trágica da Nação, que paga caro os frutos da incompetência e da desonra de um Governo, que por si só, representa uma ameaça às instituições democráticas e à Constituição Brasileira (...).

Nós os jovens idealistas, nós os jovens que ainda crêem na Liberdade, que ainda crêem nos destinos democráticos do Brasil, conclamamos o povo brasileiro, principalmente os jovens democratas e honrados, a se unir conosco nesta ‘REVOLUÇÃO DA ESPERANÇA’, que haveremos de pregar por todo País, visando defender a qualquer preço as liberdades democráticas (...).”

Rubens Lourenço – Presidente

Luiz Oliveira Godinho – Pres. do Conselho Consultivo

Antonio Luis do Amaral Rego – Vice – Presidente da OIEB. (*Correio da Noroeste*, 7 de março de 1964, p.2)

Outro exemplo é a matéria publicada, no dia 14 de março, que anunciava a visita do coronel Saldanha da Gama, diretor geral da Guarda Civil do Estado de São Paulo e herói da FEB, à Bauru para difundir o ideário anticomunista. No evento, seriam exibidos filmes “inéditos sobre a Revolução Húngara, a Revolução Traidora de Cuba, o Muro da Vergonha e a Agressão Comunista a vários países já escravizados.”<sup>86</sup>

#### **7.1.6. Relações políticas e econômicas do *Correio* no pré-golpe**

É interessante ressaltar que apesar de se posicionar explicitamente contra o governo de João Goulart, o *CN*, por ser um jornal de posse de uma grande empresa, não possuía vínculos políticos estreitos com os poderes. Ao contrário de seu concorrente, *Diário de Bauru*, o *CN* publicava comentários depreciativos do governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros. Por exemplo, no dia 11 de janeiro, trouxe a notícia “Derrota da prepotência”<sup>87</sup>.

Na eleição para constituição da mesa da Câmara Municipal de São Paulo,

---

<sup>85</sup> BRISOLLA ACUSA O GOVERNADOR DE MINAS. *Correio da Noroeste*, 29 de fevereiro de 1964, p.1.

<sup>86</sup> FILMES SOBRE A AGRESSÃO COMUNISTA AOS VÁRIOS PAÍSES ESCRAVIZADOS. *Correio da Noroeste*, 14 de março de 1964, p.4.

<sup>87</sup> *Correio da Noroeste*, 11 de janeiro de 1964, p.1.

para 1964, o candidato do governador Adhemar de Barros foi derrotado pela oposição. (...)

(...) Esta aí o resultado. O sr. Adhemar de Barros começa o ano com o amargor de uma derrota, que mostra o desprestígio do governador do Estado. (*Correio da Noroeste*, 11 de janeiro de 1964, p.1)

O dono do concorrente *Diário de Bauru*, Avallone Jr., também era personagem frequente no quadro “Política e políticos”. No dia 24 de janeiro, comentava-se “Muito calado, nos últimos dias, o deputado Avallone Jr. O homem sempre foi tremendamente irrequieto, arrojado e sempre movimentou os Arrais políticos de Bauru. O que estará acontecendo?” (*Correio da Noroeste*, 24 de janeiro de 1964, p.1).

Apesar de não ter vínculos políticos explícitos, pode-se afirmar que o *CN* tinha relações próximas com as associações de comércio e indústria. Além de ter Paulino Raphael como colunista, o jornal publicava frequentemente notas da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e colocava-se como um porta-voz do órgão<sup>88</sup>.

## 7.2. Dias do golpe

Em primeiro de abril, as informações publicadas pelo *CN* sobre o início do golpe de Estado eram incertas. O jornal noticiou apenas que, apesar do governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, ter distribuído uma nota afirmando que a situação em todo estado era de absoluta calma, notícias de Juiz Fora diziam que a tropa comandada pelo gen. Olympio de Mourão Filho teria se deslocado para a fronteira de Minas com o estado do Rio. Entretanto, no final da matéria, relatava-se que, pelo telefone, o general Mourão filho havia desmentido categoricamente as informações sobre a movimentação de tropas.

Na primeira página, também foi encontrada uma nota sobre a ida inesperada do presidente da câmara dos deputados, Raniere Mazzilli, para São Paulo onde, durante horas, esteve em conferência com Adhemar de Barros. Mas, o grande destaque do jornal foi a notícia sobre a realização da “Marcha com Deu pela Liberdade” em Bauru que aconteceria no domingo próximo.

---

<sup>88</sup> INDUSTRIAIS CONFRATERNIZAM-SE. *Correio da Noroeste*, 9 de janeiro de 1964, p.2

# CORREIO DA NOROESTE

Fundador: CARLOS ALBERTO DOS SANTOS  
Diretor: CARLOS ALBERTO DOS SANTOS  
Publicado: 2000  
Cidade: Baurópolis, SP  
Ano: 1964

## Partirá da Praça das Bandeiras a Marcha Com Deus pela Liberdade

A marcha com Deus pela liberdade, organizada pelo grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Baurópolis, terá início na Praça das Bandeiras, às 10 horas, desta tarde.

O grupo, formado por estudantes de diversas instituições de ensino superior, realizará a caminhada em direção ao Centro da cidade, onde se realizará o encerramento da manifestação.

A manifestação é organizada pelo grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Baurópolis, com o objetivo de chamar a atenção da população para a situação política e social do Brasil.

A marcha será realizada sob o lema "Com Deus pela Liberdade", e contará com a participação de milhares de pessoas.

O grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Baurópolis, realizará a manifestação em homenagem aos mortos da Revolução de 1964.

A manifestação será realizada em homenagem aos mortos da Revolução de 1964, e contará com a participação de milhares de pessoas.

## NÃO TEM FALTADO CARNE POPULAR NOS ACOUGUES

Em Baurópolis, apesar de a carne popular não ter faltado nos açougues, os preços continuam altos.

Os açougues da cidade afirmam que a carne popular não tem faltado, mas os preços continuam altos devido ao aumento dos custos de produção.

Os açougues afirmam que a carne popular não tem faltado, mas os preços continuam altos devido ao aumento dos custos de produção.

Os açougues afirmam que a carne popular não tem faltado, mas os preços continuam altos devido ao aumento dos custos de produção.

Os açougues afirmam que a carne popular não tem faltado, mas os preços continuam altos devido ao aumento dos custos de produção.

## Bauru pede a SUNAB ração para os rebanhos

O município de Baurópolis pede a SUNAB a ração para os rebanhos, visando a melhoria da produção de carne e leite.

O município de Baurópolis pede a SUNAB a ração para os rebanhos, visando a melhoria da produção de carne e leite.

O município de Baurópolis pede a SUNAB a ração para os rebanhos, visando a melhoria da produção de carne e leite.

O município de Baurópolis pede a SUNAB a ração para os rebanhos, visando a melhoria da produção de carne e leite.

O município de Baurópolis pede a SUNAB a ração para os rebanhos, visando a melhoria da produção de carne e leite.

## POLITICA e POLITICOS

Esta seção contém notícias e comentários políticos, abordando temas como a situação política nacional e a atuação dos políticos locais.

## BAURU CONTINUA SEM DELEGADO REGIONAL DE POLICIA

O município de Baurópolis continua sem delegado regional de polícia, apesar de ter sido designado um candidato.

O município de Baurópolis continua sem delegado regional de polícia, apesar de ter sido designado um candidato.

## COMISSÃO MUNICIPAL DO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE BAURU

A comissão municipal do desenvolvimento industrial de Baurópolis foi criada para estudar e promover o crescimento econômico da cidade.

## O CONGRESSO DEVE SE LOCALIZAR NA CAPITAL DA REPUBLICA

O Congresso Nacional deve ser realizado na capital da República, Brasília, para garantir a segurança e a ordem durante o evento.

O Congresso Nacional deve ser realizado na capital da República, Brasília, para garantir a segurança e a ordem durante o evento.

### Festival

vem aí!

### JEEP - WILLYS

Praticamente novo sem revisões por favor. Tratar através telefone 2.4.4.2, com ANTONÍNIO MARINER.

## LOJAS DABUS

A VISTA OU A PRAZO - COMPREM ARTIGOS DE INVERNO  
"LANS, PLANELAS E COBERTORES"  
"A PREÇOS DE ABROMBA"  
A CASA QUE MAIS BARATO VENDE  
CONSULTEM O CORDIARIO MAIR CAMARADA DA SERRA

Capa do CN do dia 1º de abril de 1964

No dia dois de abril, o *CN* mostrava ainda não saber ao certo o que estava se passando no país, e abordava, principalmente, a situação da cidade perante a incerteza do momento. As notícias do *Correio* durante os dias de golpe ressaltam seu caráter extremamente localista e revelador da tensão existente na cidade a ponto de as ruas ficarem desertas.

O POVO DE BAURU DEIXOU AS RUAS: REINA A CALMA NA CIDADE – O bauruense sempre acompanhou pelas ruas todos os grandes movimentos políticos que envolvem a Nação. Entretanto, algo de inédito ocorreu ontem à noite: toda cidade estava praticamente deserta. Os bares com pouco movimento, a avenida Rodrigues Alves completamente tranqüila. DELEGACIA – Entretanto, igual tranqüilidade não era observada na Delegacia de Polícia. Policiamento ostensivo, soldados armados de fuzis ou metralhadoras, e, a maioria das repartições públicas, principalmente as federais, bem policiadas.

(...) A autoridade policial, solícita, forneceu as poucas informações que tinha ao jornalista, tendo tecido elogio ao povo ordeiro de Bauru, pelo seu comportamento exemplar, colaborando desta forma para que reinasse calma na cidade. (...) (*Correio da Noroeste*, 2 de abril de 1964, p.1)

O clima apreensivo em Bauru sobre o rumo dos acontecimentos também foi assunto para coluna “FOFOCANDO”, escrita por José Maria.

CONFUSÕES – Movimentada a tarde de ontem. Bloquinhos eram uma constante nas ruas. Todos muito apreensivos com a situação brasileira. Grande parte do povo fazia suas piadinhas, a respeito dos acontecimentos. Soldados armados pela cidade, deixando vários cidadãos de “orelha em pé”.

CIDADE MORTA – Em consequência dos acontecimentos, na noite de ontem, não existiam suas tradicionais ‘voltinhas’. Friozinho, talvez estivesse ajudando, para que muitos ficassem em suas residências. Cinelândia ontem a noite era de tristeza. (*Correio da Noroeste*, 2 de abril de 1964, p.4)

Sobre a situação nacional, apenas no quadro “Política e políticos”, foi possível encontrar informações, e ainda assim, superficiais: “De fato grave crise assola o Brasil no momento. Há movimentação de tropas. Mas parece-nos que é só. Mas, há gente que não analisa assim a situação.” (*Correio da Noroeste*, 2 de abril de 1964, p.1.). A onda de boatos que assustava a população também foi comentada no quadro somando a certa indefinição de posicionamento.

(...) Os alarmistas – e são muitos- esparramam os piores boatos. Depredam,

matam, destroem, fazem uma revolução das mais sanguinárias. Pensando bem, tais indivíduos deviam ser tirados da circulação – “cana” até que a situação se normalize.

Bastante divididas as opiniões. Alguns acham que o sr. João Goulart está agindo certo com as suas reformas, outros são completamente ao contrário. E isto, foi o estopim da confusão que poderá gerar coisas graves. (*Correio da Noroeste*, 2 de abril de 1964, p.1)

No dia três de abril, com a situação mais esclarecida, o *Correio* destacou como manchete o posicionamento dos vereadores de Bauru: “SOLIDARIEDADE DA CÂMARA AOS CHEFES MILITARES”<sup>89</sup>. No corpo da notícia foi transcrita a mensagem aprovada na Câmara que seria enviada aos líderes militares do movimento. A carta revela a mentalidade dos grupos elitistas de Bauru que, por exemplo, relembram com louvor sua atuação na “revolução de 32”, alimentando um ideário conservador fortemente arraigado nos grupos conservadores paulistas.

“No instante em que a nossa Pátria é abalada por esses acontecimentos, resultantes dos desmandos dos que se acham no poder, traindo a nossa Constituição, ferindo a nossos sentimentos de povo livre e cristão, não poderemos compreender, se não por covardia, a não tomada de posição, o que ora fazemos, testemunhando, nossa irrestrita solidariedade aos bravos Chefes Militares que desfraldaram a Bandeira da Liberdade em plena consonância com os Governadores de diversos Estados.

Bauru pela sua tradição, pela sua formação cívica, pela sua identificação com os princípios democráticos que se fez presente nos gloriosos dias de 32, quando filhos diletos tombaram para que São Paulo não caísse precisa sentir ao Brasil (...) não tenhamos dúvidas, os mais nobres sentimentos do Brasil ao lado dos que desfraldaram a Bandeira da Liberdade, na luta pela nossa própria sobrevivência. (...)

Por São Paulo e pelo Brasil a nossa manifestação absoluta e irrestrita solidariedade, melhor meio que encontramos para testemunhar nossa identificação com os que lutam pela nossa condição de Povo Livre.” (*Correio da Noroeste*, 3 de abril de 1964, p.1)

Após a destituição do presidente João Goulart, Paulino Raphael, enfim, comemorou, apesar de ainda não se mostrar totalmente satisfeito, já que considerava o comunismo tão infiltrado nas esferas do poder público, que muito ainda precisaria ser feito para eliminá-lo.

**(...) Hoje a mercê de Deus, o Brasil está em condições de marchar para**

---

<sup>89</sup> *Correio da Noroeste*, 3 de abril de 1964, p.1.

**frente, em ordem e disciplina, mas não está em condições de ser dar ao luxo de dormir sobre os louros.**<sup>90</sup> (...) Algo mais é preciso fazer, a fim de que a ação deletéria dos comunistas não destrua nossas escolas e nossa mocidade, não prossiga na política impertinente de hostilidade aos nossos antigos e pacientes financiadores e fornecedores. (...) (*Correio da Noroeste*, 3 de abril de 1964, p.2)

Outras notícias do jornal no dia 3 de abril foram: a deposição do governador de Pernambuco, Miguel Arrais; a prisão de integrantes do “Grupo dos 11”, reconhecidos como comunistas; e a mensagem de Adhemar de Barros a Raniere Mazzilli pedindo o expurgo total dos comunistas.

Com essas considerações, pode-se concluir que, durante os dias de golpe, apesar das incertezas do momento, o *CN* não questionou a legitimidade do movimento ou o “respeito à Constituição”, crítica que reproduziu diversas vezes contra o presidente João Goulart. E, em nenhum momento, o impresso defendeu ou cogitou a possibilidade de Jango prosseguir como presidente da República.

### **7.3. Cobertura jornalística do Correio no pós-golpe**

#### **7.3.1. Legitimação do golpe de Estado**

Nos dias que se seguiram, durante o mês de abril, as notícias e colunas do *Correio* revelavam a euforia em torno do golpe de Estado e a confiança no novo governo, legitimando, tanto o movimento como o novo regime, para o leitor bauruense.

O jornal, por seu caráter local, enfatizou os acontecimentos da cidade que reforçavam a vitória do golpe em nível nacional e demonstrou seu apoio a tais eventos. No dia 7 de abril, sobre a sessão que cassou o mandato do vereador Edson Gasparini por ser considerado comunista, o *CN* afirmou “Jamais na história da Câmara Municipal de Bauru notamos tão elevado civismo, tão formosas demonstrações de apreço a Democracia.” (*Correio da Noroeste*, 7 de abril de 1964, p.1.)

---

<sup>90</sup> Grifo da autora.

## Cassado o mandato do vereador Edson Gasparini: a presença da mulher bauruense

Jamais na história da Câmara Municipal de Bauru tivemos um cidadão que, ao tomar as palavras de apreço a Democracia.

A Mulher Bauruense — ceneiras de lá — foi à Câmara e pediu a cassação do mandato dos vereadores comunistas.

**A REPRESENTANTE**

A veneranda e querida da Paula Raphael, representando a Mulher Bauruense, assumindo a tribuna da Estidude — fato inédito na vida da nossa Câmara — pronunciou comovida e bela oração, que foi iniciada aos acordes do Hino Nacional, cantado por todos os presentes. Relatou que o Brasil esteve à beira dum abismo, levado pelas mãos criminosas dos comunistas. Apelou à Casa que fosse cassado o mandato do vereador comunista Edson Bastos Gasparini.

— A seguir falou a sra. Maria Guedes de Azevedo que reiterou o apelo de da Paula, solicitando também que fossem enviados telegramas às altas autoridades do país, pedindo a cassação do mandato, de todos os deputados comunistas.

**AGRADECENDO**

Agradecendo, falou em nome da Casa o jovem e brilhante tribuno, o vereador Marco Aurélio Pinheiro Brasília, que demonstrou a satisfação da Casa em receber naquela noite a sobre e bela Mulher Bauruense.

**DR. MARQUES JR.**

O presidente anunciou a presença na Casa do dr. Frente Anti-Comunista.

Silvio Marques Junior, presidente da Frente Anti-Comunista. O ilustre homem público foi recebido em plenário, com uma verdadeira eclosão de palmas, mantendo-se todos de pé. Falando da tribuna da Casa, o dr. Marques Junior relatou fatos da campanha que dirigiu em Bauru na repressão ao comunismo posto em risco a sua vida e a vida dos seus familiares, recendo louvores ao cel. Saldanha da Gama, que orientou os trabalhos da

**CASSADOS**

Logo depois a Casa apreciou projeto de resolução assinado por 17 dos senhores vereadores que cassava o mandato do vereador Edson Bastos Gasparini e do 10. suplente Edson Francisco da Silva, justificando o sr. presidente que esses dois elementos, conforme comunicação da Polícia, se acham foragidos e são de fato considerados elementos comunistas.

Notícia do CN do dia 07 de abril de 1964

Também o jornal apoiou a “campanha do telegrama” e atuou, inclusive, como um posto de recebimento das mensagens. Tal campanha pedia aos bauruenses para enviarem telegramas aos governadores do estado de São Paulo, da Guanabara e de Minas Gerais e, ainda, para Amaury Kruehl e Castello Branco com o seguinte pedido: “Cidadãos de Bauru pedem vossa excelência exigir cassação do mandato de deputados comunistas e de todos aqueles que conspiraram contra a pátria.”<sup>91</sup>

No dia 9 de abril, na coluna “FOFOCANDO”, José Maria comentou sobre o retorno da circulação do jornal *Última Hora*, que havia passado dias parado por conta de sua orientação esquerdista. O colunista considerou que muitos bauruenses estavam interessados em comprar o jornal para ver se algo tinha mudado e nas palavras de José Maria “estava bem melhor! Renovação total no jornal. Achamos que só ficou o pessoal responsável pela página de esportes. Vários articulistas de ‘renome’ foram cortados.”<sup>92</sup>

No dia 14 de abril, o impresso publicou a notícia “SINDICATOS DE BAURU APOIAM ÀS FORÇAS ARMADAS”<sup>93</sup>. A redação do CN havia recebido no dia anterior uma cópia do manifesto elaborado por alguns sindicatos de Bauru no qual declaravam apoio às Forças Armadas, ao Congresso e aos governadores de estado “por terem interpretado, positivamente os incontidos anseios do povo brasileiro em preservar o regime da liberdade,

<sup>91</sup> *Correio da Noroeste*, 7 de abril de 1964, p.1.

<sup>92</sup> *Correio da Noroeste*, 9 de abril de 1964, p.1.

<sup>93</sup> *Correio da Noroeste*, 14 de abril de 1964, p.1.

de democracia autêntica e os postulados constitucionais que estavam sendo enxovalhado pela canalha comunista.”<sup>94</sup> Os signatários do manifesto foram os sindicatos dos comerciários, dos bancários, dos metalúrgicos e dos trabalhadores na Indústria de Cerveja e Bebidas de Bauru.

Outro acontecimento local exaltado pelo *Correio* foi a “Marcha da Família com Deus pela liberdade”. No dia 23 de abril, o jornal assim noticiou:

**A MARCHA DA VITÓRIA: O MAIOR ACONTECIMENTO CIVICO DE NOSSA HISTÓRIA – Quando um numeroso grupo de senhoras associou-se a um pugilo de homens democratas para levar avante a iniciativa de organizar a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, predizemos destas colunas o êxito da jornada, e o CORREIO DA NOROESTE abriu as suas colunas pra registrar os preparativos.**<sup>95</sup>

Com o povo sentindo de perto o devotamento deste mesmo povo. Sol inclemente não foi sentido pela multidão, que partindo da Praça das Bandeiras, era engrossada a cada passo, pelas centenas de bauruenses que surgiam a cada quadra, vindos de todos os recantos da cidade. Espetáculo para os olhos e para o coração! (...) DISCURSOS – Numerosas caravanas de cidades circunvizinhas associando à festa bauruense. Discursos formosos, eclodindo do amor à Pátria, preces à terra santa, e apelos veementes de que todos com o Brasil não deixem a trilha suave da Democracia, regime da Família do lar, da compreensão, do carinho, da bondade. Não destacaremos discursos porque todos foram uma eclosão de alegria, uma oração de fé.

E a festa mais bela se tornou quando o Hino Nacional executado pela Banda Regimental do 4º BP foi cantado por moços e moças, por crianças e velhos numa apoteótica manifestação de amor à terra de Tiradentes. Bauru viveu em 21 de Abril de 1964, a maior epopeia cívica de toda a sua história. (*Correio da Noroeste*, 23 de abril de 1964, p.1)

Não foi apenas, através das notícias locais, que o impresso explicitou seu apoio ao golpe. Com a efervescência do momento, o *CN* também dedicou mais espaço aos acontecimentos nacionais. No dia 9 de abril, o impresso publicou como manchete:

**MELHORA SENSIVELMENTE A SITUAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL; CAINDO O DÓLAR** – Com a normalização da política nacional que caminha a passos largos, tudo facilitado pelo Congresso, pelas Forças Armadas e pela maioria dos governadores de Estado, nota-se uma verdadeira euforia de satisfação nos altos meios financeiros do país. O dólar cai de forma impressionante e por esta razão sobem de valor as ações das grandes empresas que militam nas diversas indústrias do Brasil. (...).

---

<sup>94</sup> Trecho do manifesto publicado no *Correio da Noroeste*, 14 de abril de 1964, p.1.

<sup>95</sup> Grifo da autora.

CONFIANÇA – E a confiança do povo no regime é que os bancos voltaram a sua perfeita normalidade, havendo, pelo que se informa mais depósitos do que retiradas. Isto comprova que o Brasil, felizmente, avança em caminho seguro. (*Correio da Noroeste*, 9 de abril de 1964, p.1)

Paulino Raphael, em sua coluna, demonstrou apoio às medidas do novo governo, até mesmo quando os poderes públicos pediram às classes conservadoras para que limitassem seus lucros para gerar mais equilíbrio entre preços e poder aquisitivo dos assalariados. Esse apelo contrariava a tese da não intervenção do Estado em empreendimentos privados, tão defendida por Paulino até aquele momento.

(...) O apelo é justo e oportuno. É diferente daquelas ameaças de encampação e confiscos que foram rotina até poucos dias atrás. Por isso, é de se esperar que os homens do comércio e da indústria não só evitem aumentos exagerados nos preços como reexaminem os aumentos feitos nestes últimos dias, que podem ser levados à conta de provocação de desacato aos que estão empenhados em salvar a democracia. (...) (*Correio da Noroeste*, 10 de abril de 1964)

Raras vezes o CN destacou como manchete principal um episódio nacional. No dia 12 de abril, a capa foi a seguinte:



Manchete do CN de 12 de abril de 1964

No dia 16 de abril, a posse do novo presidente marechal Castello Branco também foi o destaque principal. Na matéria, o impresso descreveu efusivamente a cerimônia e reproduziu trechos do discurso do novo chefe do executivo enfatizando o civismo a união de todos nessa nova fase.

Desse modo, o apoio ao novo regime, também foi reforçado pela exaltação no jornal da figura de Castello Branco. Paulino Raphael, declarou sua confiança no novo governante em sua coluna intitulada “O DEVER DE TODOS”.

Não há exemplo na história pátria de um governo que tenha assumido o poder sob uma aureola de tantas esperanças e estribado em tamanha faixa de crédito e de animadora confiança. (...)

Entregue a um homem de passado ilibado e comportamento exemplar, o Brasil respira, hoje, uma atmosfera de confiança nos seus destinos. (...) (*Correio da Noroeste*, 17 de abril de 1964, p.2)

### **7.3.2. Repressão em Bauru**

Nos dias logo após o golpe, o *Correio* transmitiu o clima de medo que atingia a população de Bauru gerado, principalmente, pela atuação da polícia local que executou prisões de indivíduos considerados comunistas. O impresso procurava tranquilizar os leitores, sem questionar a situação. “Não tem havido injustiça e muito menos espancamento. Ainda ontem à tarde, um delegado nos afirmava que ninguém recebeu qualquer empurrão.” (*Correio da Noroeste*, 7 de abril de 1964, p.1).

No dia 10 de abril, o *CN* publicou a notícia “A repressão ao comunismo em Bauru: trinta detidos”<sup>96</sup>. A matéria alegava que as prisões estavam sendo executadas conforme ordem superior vindas de São Paulo e que novas ordens estavam sendo aguardadas para saber quais fins teriam esses presos.

No dia 11 de abril, no quadro “Política e políticos” encontrou-se o seguinte relato: “Alguém ontem, muito apavorado, dizia numa esquina: ‘Não é possível, não acredito. A polícia não prendeu nenhum comunista hoje e já é quase meio dia...’” (*Correio da Noroeste*, 11 de abril de 1964, p.1). Tal comentário evidencia a gravidade da situação e, ao mesmo

---

<sup>96</sup> *Correio da Noroeste*, 10 de abril de 1964, p.4.

tempo, o apoio de parte da população a esses comportamentos. No mesmo quadro, no dia seguinte, relatava-se que não estavam sendo praticados exageros nas prisões e que ex-presidiários estavam, até mesmo, agradecendo policiais pelas atenções que tinham recebido durante os dias que ficaram encarcerados.

Outra notícia, do dia 16 de abril, apontava Bauru, das cidades do interior de São Paulo, como a que mais havia detido simpatizantes do comunismo, trinta no total, e desses, quatro ou cinco já haviam sido soltos. No final do mês de abril “oito ou dez” pessoas, segundo o jornal, permaneciam detidas.

As notícias revelam, mais uma vez, como o jornal em sintonia com as estruturas de poder da cidade legitimaram o golpe e atuaram de acordo com a ideologia do novo regime.

### 7.3.3. Maio: campanha “Ouro para o bem do Brasil” e início das críticas

Passada a euforia, no mês de maio, o *Correio* prosseguiu apoiando Castello Branco, porém começaram a aparecer as primeiras críticas a algumas medidas do governo. Ainda assim, o periódico e as estruturas de poder de Bauru continuavam articulados na legitimação do novo governo. No dia 23 de maio foi publicada a notícia “A CÂMARA DE BAURU APLAUDE O ROMPIMENTO DE RELAÇÕES COM CUBA”<sup>97</sup>. No texto, o impresso reproduziu a mensagem escrita pelo vereador Antônio Ferreira de Menezes que seria enviada ao ministro das relações exteriores, congratulando o presidente Castello Branco pela decisão de romper com o governo cubano. No dia seguinte, no quadro “Política e políticos”, reforçou-se a confiança no presidente:

**O pulso firme do presidente Castelo Branco, aos poucos está fazendo com que renasça no brasileiro confiança no governo. Já se respira melhor num clima de compreensão e rotas são perfeitamente traçadas. De fato, não se pode ter ainda o Brasil fortalecido, porque a máquina administrativa estava completamente desajustada.**<sup>98</sup> (*Correio da Noroeste*, 24 de maio de 1964, p.1)

O *Correio* foi também um entusiasta da campanha “Ouro para o bem do Brasil” e

---

<sup>97</sup> *Correio da Noroeste*, 23 de maio de 1964, p.1.

<sup>98</sup> Grifo da autora.

reforçou o caráter patriótico e altruísta da iniciativa.

BAURU DIRÁ PRESENTE A CAMPANHA: “DEI OURO PARA O BEM DO BRASIL” – Está sendo chamada à prova a alma cívica da gente bauruense. (...) FINALIDADE – Embora, muitos pensem que a campanha vise a conquista de elevadas somas para se conseguir o soerguimento das finanças nacionais, o movimento é bem outro, é muito outro. A campanha visa levantar nos brasileiros o sentimento pátrio. Um sentimento de pura brasilidade (...). A campanha tem também outra finalidade: mostrar aos maus brasileiros que nós acreditamos na real redenção da Pátria, sem a intromissão da mentalidade sanguinária do soviétismo. (...)

CORREIO DA NOROESTE nos seus 33 anos de circulação sempre esteve ao lado dos grandes movimentos de sadio patriotismo. E, nesta campanha, como não podia deixar de ser, abriu as suas colunas para acolher todo o noticiário em torno do movimento (...).

No dia 26 de maio, após o início das doações, o jornal publicou um artigo nomeado “A CAMPANHA E OS ANÔNIMOS”<sup>99</sup>. O texto possui forte apelo emocional e narra o momento em que pessoas desconhecidas fazem a doação. A intenção é claramente influenciar o leitor a tomar atitude semelhante.

O cidadão de cabelos brancos, de faces machucadas pelos anos entra humildemente no “Quartel da Democracia”, tira a aliança da mão esquerda e coloca a relíquia na urna. Na fisionomia ressurgue um bocado de alegria, como que afirmando: “Cumprido o meu dever”.

A criança também vai ali levar a lembrancinha que a vovó lhe deu. O homem abastado, de amplos recursos financeiros entrega um cheque. O repórter quer divulgar o seu nome e ele se recusa. A mulher, senhora fina, da alta sociedade, responde ao locutor que deseja seu nome: “Uma mãe que deseja um Brasil melhor para os filhos.”

E quem está ali, naquela vigília cívica e bonita fica mais brasileiro ainda, porque sente em cada fisionomia, uma esperança cantando glórias ao Brasil de amanhã. (*Correio da Noroeste*, 26 de maio de 1964, p.1)

No término da campanha, o jornal publicou como manchete no dia 7 de junho “MISSÃO CUMPRIDA: ENCERRA-SE HOJE CAMPANHA ‘OURO PARA ‘O BEM DO BRASIL’”<sup>100</sup>. Na notícia, foram parabenizados os membros e diretores do “Rotary Club, Lions Club” e “SoundTable”, entidades que organizaram a iniciativa na cidade, e também os bauruenses

---

<sup>99</sup> *Correio da Noroeste*, 26 de maio de 1964, p.1.

<sup>100</sup> *Correio da Noroeste*, 07 de junho de 1964, p.1

que participaram intensamente da campanha.

O apoio entusiasmado do jornal à campanha “Ouro para o bem do Brasil” explicita a confiança do *CN* no novo governo. Entretanto, no mês de maio, também começaram a aparecer no impresso as primeiras críticas ao governo golpista. A insatisfação com o regime dava-se, principalmente, porque o aumento do custo de vida e a crise no abastecimento não melhoraram após o golpe como era o esperado pelos apoiadores do movimento. Para Paulino, também a infiltração comunista ainda continuava a ser um problema. No dia 5 de maio, Paulino Raphael, publicou a coluna “A Revolução perdeu o impulso”.

Tem-se a impressão de que a revolução perdeu o seu impulso inicial, mergulhando numa espécie de apatia ou re-exame dos atos praticados. Assim é que medidas do mais alto interesse da população estão sendo procrastinadas e – por isso – profundamente agravados certos problemas que podem perfeitamente ser incluídos entre os mais cruciantes. (...) Outros problemas persistem em desafiar as autoridades revolucionárias, entre eles a máquina subversiva que infesta repartições burocráticas ou autarquias distribuindo boatos à toda hora e, quando o ambiente permite, apontando os defeitos da revolução que foi feita para salvar o País das garras de Moscou, Pequim e Cuba. (...) Não resta dúvida de que o governo merece apoio decidido e intransigente, mas não se pode dispensar uma atuação mais séria por parte dos governantes, do contrário poderão perder o controle dos acontecimentos e sumirem na voragem de um contra-golpe. (*Correio da Noroeste*, 5 de maio de 1964, p.2)

No final do mês, no dia 30 de maio, mais insatisfeito com a situação econômica do país, Paulino Raphael criticou a “revolução” afirmando que no setor de preços e abastecimento nada tinha feito para justificar sua existência.

(...) Parece mentira que um governo que sucede os populistas e promete continuar populista, no que concerne aos interesses dos menos favorecidos, não se aperceba da falta de humanidade que comete embarçando a chegada de alimentos aos consumidores distantes do grande centro. (*Correio da Noroeste*, 30 de maio de 1964, p.2)

#### **7.3.4. Desânimo com o governo**

Com o passar dos meses, a situação financeira do país não fora sanada e as medidas

eram impopulares. No jornal, as críticas ao governo já ultrapassavam a coluna de Paulino Raphael, pois consideravam que já se contabilizava mais tempo do governo de Castello Branco sem conseguir solucionar, principalmente, o aumento do custo de vida. No dia 2 de julho, o diretor-responsável do *Correio*, Oswaldo Gaspar, publicou uma crônica evidenciando o descontentamento da população com a alta dos preços.

Os últimos inimigos da Democracia já estavam longe do Território Nacional ou “debaixo de chaves”. (...) E o Brasil se alevantava de novo à vida feliz de um país grande e feliz. E na roda de amigos os comentários eram em torno do Brasil remoçado (...).

**Mas os dias passaram e no mesmo local os amigos reuniram. O otimismo havia fugido do semblante de muitos. Toda aquela esperança estava ferida pelas primeiras desilusões. O homem trabalha para comer. E as esperanças em torno da mesa sadia, ao menos, estavam morrendo. Os preços que haviam estancado, depois de trinta dias voltaram a subir. E estão subindo.** Nada parou, tudo caminhando para o alto. (...) Os corruptos os piores estão soltos. Pensamos assim, porque consideramos os maiores corruptos aqueles que sugam o povo, alterando todos os dias os preços dos remédios, da farinha de trigo, dos alimentos que mantém o homem. Eles continuam nas metrópoles controlando o mercado, fazendo o que bem entendem, enriquecendo-se ainda mais. E o governo não os prende. Estão eles banquetecendo o sofrimento dos pobres. E o governo não os põe na cadeia, ou os deporta para as ilhas do litoral. (...) (*Correio da Noroeste*, 2 de julho de 1964, p.4)

No dia seguinte, as notícias alarmavam a gravidade da situação. A manchete do *Correio* foi “A INFLAÇÃO GALOPANTE TRUCIDA QUALQUER INICIATIVA MUNICIPAL”<sup>101</sup> e a matéria inocentava o poder municipal relatando que “Tudo está sendo feito medicamente, mas, mesmo assim, a situação é difícilíssima. E será assim, até que o governo federal encontre uma forma de estancar a inflação.” (*Correio da Noroeste*, 3 de julho de 1964, p.1). No mesmo dia, o jornal noticiou a declaração do governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros, na qual confessava que o problema de abastecimento da capital paulista tinha agravado tanto nos últimos dias que podia ser considerado de calamidade pública.

No dia 29 de julho, o impresso divulgou os resultados de uma pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que constatou que o custo de vida havia subido 600% de 1961 a 1964, 52% no primeiro semestre de 1964 e 34% no período

---

<sup>101</sup> *Correio da Noroeste*, 3 de julho de 1964, p.1.

“revolucionário”.

Apesar das críticas, Paulino Raphael não se posicionava contra o novo governo. No dia 4 de agosto, demonstrou-se um pouco mais satisfeito com o golpe, em sua coluna “Benefícios da Revolução”.

Repito, sem receio de incorrer em erro, que a revolução fez grande bem ao Brasil: a contenção de marcha comunizante, o silêncio imposto à pregação subversiva; a supressão da baderna sindical e da república sindicalista; a supressão das greves subversivas, nas empresas, nas escolas e a restauração da autoridade e da hierarquia nos meios civil e militar, compensam é justo que se proclama o sacrifício de uma revolução (...) (*Correio da Noroeste*, 4 de agosto de 1964, p.2)

Ainda assim, no final do texto, ressalva que “Outros benefícios, além dos acima apontados eram esperados da Revolução e não vieram. O custo de vida impõe pesada tarefa aos dirigentes, pois os preços já ultrapassaram todos os limites.” (*Correio da Noroeste*, 4 de agosto de 1964, p.2).

No dia 13 de agosto, Paulino criticou novamente a situação econômica do país, dessa vez, atacando diretamente os ministros da Fazenda e do Planejamento. É interessante comentar o cuidado que o jornalista tinha em não ofender o presidente da República, não lhe dirigindo críticas pesadas em sinal de respeito ao Marechal Castello Branco.

OS MINISTROS ESTÃO DECEPCIONANDO – A impressão generalizada, mesmo entre técnicos em assuntos financeiros, é que os ministros da Fazenda e do Planejamento não estão à altura da conjuntura econômico-financeira nacional. Ninguém de boa fé, é preciso que se ressalte, põe em dúvida a honorabilidade dos auxiliares do presidente Castelo Branco, mas o que ninguém acredita é que sejam capazes de tirar o País do atoleiro em que se encontra um burocrata e um teórico de salas de embaixadas. (...) Ninguém pretenderia que o presidente resolvesse tantos problemas a um só tempo e em pouco tempo, mas todos esperávamos e ainda s.excia. dê prioridade aos problemas mais angustiantes, deixando os mais adiáveis para que marchem naturalmente. Preços e inflação precisam de um paradeiro, e parece que os assessores do presidente não enxergam ou não possuem competência para fazê-los parar. E precisamente, ao que parece, por falta de competência, fizeram para toda Nação de uma só vez. (*Correio da Noroeste*, 13 de agosto de 1964, p.2)

### **7.3.5. Outras críticas ao governo**

Durante os meses que se seguiram até o fim de 1964, outras críticas foram direcionadas ao governo. Quem mais argumentava contra algumas medidas do poder federal era Paulino Raphael. No dia 21 agosto, o jornalista criticou a falta de atitude das autoridades que almejavam fazer muitas reformas, porém, enquanto esperavam-se as reformas, não se resolviam os problemas que mais afligiam a população. “(...) Então o ideal é não dizer nada, não mover uma palha, até que a moralidade desça sobre a terra; os preços baixem e os salários se valorizem. Que nos perdoem os reformistas de antes e depois da revolução: desse jeito vai muito mal.” (*Correio da Noroeste*, 21 de agosto de 1964, p.2)

A reforma eleitoral era assunto polêmico no governo de Castello Branco. Entre alguns pontos debatidos estava a alteração do sistema de pluripartidarismo. No dia 23 de agosto, Paulino posicionou-se contra essa mudança, que acabou por se concretizar no ano seguinte.

Em termos de autêntica democracia, a imposição de determinado número de partidos ou, como pretendem os exegetas da confusão tupiniquim, a supressão dos pequenos partidos, é uma aberração jurídica, como muitas que a demagogia de fundo totalitário, que foi inoculada no país, a partir da nefasta revolução de 1930 (...) (*Correio da Noroeste*, 23 de agosto de 1964, p.2)

A luta contra o comunismo ainda persistia nas colunas de Paulino. O golpe de Estado não foi, na opinião do jornalista, suficiente para banir o comunismo do território nacional. Em sua coluna “Sem combate o comunismo”, a desunião do governo, que na realidade desde o golpe nunca havia sido um grupo coeso, também foi destacada.

(...) Quase meio ano já tem a revolução que nasceu com vida limitada e nada fez no sentido de limpar definitivamente o território nacional das atividades comunizantes. Disse e repito sem receio de exagero: os ativistas e ativos comunistas continuam no desempenho de sua nefasta missão; talvez hoje produzindo males maiores do que antes. (...) A tal ponto que se justifica nesta altura dos acontecimentos o temor de que a revolução acabe nada fazendo contra o comunismo; embora tenha produzido um inédito progresso no custo de vida que a todos asfixia. Sente-se, sem exagero, que os principais responsáveis pelo movimento de março-abril acham-se desunidos e nunca estiveram lutando sob os mesmos propósitos. (...) Isto, convenhamos, constitui um perigo que poderá inclusive degenerar em guerra civil de consequências; profundidade e duração imprevisíveis. (*Correio da Noroeste*, 11 de setembro de 1964, p.2)

Apesar de seu posicionamento fervoroso a favor das prisões de comunistas, Paulino,

no dia 18 de setembro, lamenta as denúncias de que presos indefesos estavam sofrendo violências. O jornalista faz um apelo para as pessoas que tivessem informações, corresse o risco, e revelassem, pois, só assim, as notícias iriam chegar até o presidente Castello Branco e providências poderiam ser tomadas para punir os casos de violência e, assim, evitar que outros ocorressem.

O término do AI-1 em outubro foi outra crítica de Paulino que considerou que a medida foi insuficiente para contemplar as punições nos âmbitos estadual e municipal.

(...) Repetimos que a opinião pública está bem impressionada com as punições no âmbito federal, especialmente na área militar, embora não duvide de muitas injustiças, mas está tanto decepcionada com a atuação dos revolucionários na esfera estadual e municipal onde, ao que tudo faz crer há protecionismo e apadrinhamento político, o que constitui perigo para a tão discutida estabilidade do poder civil. (...) (*Correio da Noroeste*, 21 de outubro de 1964, p.2)

Por fim, é interessante pontuar o texto do dia 25 de setembro no qual o jornalista analisa o contexto político de quando se deflagrou o golpe civil-militar e as consequências desse cenário no governo imposto. (em anexo)

### **7.3.6. Notícias da cena política local**

Pode-se afirmar que o *Correio* no período pós-golpe dedicava mais espaço aos acontecimentos nacionais do que durante, os meses de 1964 em que João Goulart era presidente. Assim, eram noticiadas algumas medidas do governo de Castello Branco; alguns discursos do presidente; além dos desentendimentos entre os personagens políticos. Comentários informais sobre a situação nacional também foram encontrados mais frequentemente no quadro “Política e políticos”. Por exemplo, sobre os pronunciamentos polêmicos e desastrosos de Carlos Lacerda<sup>102</sup>.

Porém, a cena política local era a temática que ainda predominava no impresso. Por exemplo, o jornal acompanhou todo o caso do vereador Edson Gasparini. No início de abril,

---

<sup>102</sup> *Correio da Noroeste*, 22 de julho de 1964, p.1.

o *Correio* vangloriou a sessão que cassou o mandato de Gasparini. Em agosto, a cassação foi considerada ilegal, porém, como o ex-vereador tinha enviado o requerimento um dia após o prazo permitido, não se sabia se Gasparini poderia reassumir o mandato. No dia 30 de agosto, no quadro “Política e políticos” comentou-se: “Edson Gasparini dificilmente voltará à Câmara. Primeiramente, entrou com o pedido fora de prazo. Segundo: o ambiente não lhe é favorável. Mas, quem decidirá mesmo será o ilustre magistrado, Macedo de Campo, que apreciará o recurso.” (*Correio da Noroeste*, 30 de agosto de 1964, p.1). Porém, passado aproximadamente um mês, a opinião do redator do quadro não era mais a mesma, e esse elogia a atuação do vereador e a sua legitimidade política.

Silêncio em torno do “caso” Gasparini. Papelório na Justiça. Imunizado o edil de ideia “outras”, é ele sem dúvida, necessário á Câmara. Trabalhador, independente e muito culto. Sinceramente, Gasparini está fazendo falta na oposição. É o líder dos moradores das vilas, de todas as vilas. (*Correio da Noroeste*, 1º de outubro de 1964, p.1)

No mês de dezembro, a informação era que o juiz Macedo de Campos considerou nula a sessão da Câmara Municipal que cassou o mandato do vereador. Entretanto, apenas essa decisão não era suficiente para Gasparini reassumir suas funções, mas já era certo que teria o direito de receber seu salário desde quando havia sido obrigado a deixar o cargo.

Outra polêmica local foi a mudança do nome da Rua Costa Ribeiro para Presidente Kennedy. Ao noticiar a troca de nomes, em oito de outubro, o jornal sugeriu que a Câmara reservasse para outra via pública ou praça a denominação de Costa Ribeiro, já que esse havia sido figura de destaque no surgimento da cidade. Paulino Raphael também escreveu sobre o episódio o qual considerou um desrespeito ao pioneiro da cidade, sem deixar de revelar seu apreço pelo ex-presidente americano<sup>103</sup>.

Como prova da influência do jornal nos meios políticos locais, poucos dias após as críticas, o *Correio* noticiou que a alternativa seria transferir o nome Costa Ribeiro para a principal praça da cidade<sup>104</sup>. Apesar dos debates, Costa Ribeiro desapareceu da memória urbana.

---

<sup>103</sup> *Correio da Noroeste*, 10 de outubro de 1964, p.4.

<sup>104</sup> *Correio da Noroeste*, 14 de outubro de 1964, p.1.

### 7.3.7. Relações políticas e econômicas do Correio

No período posterior ao golpe, as relações do *Correio* ficaram mais explícitas evidenciando a postura do jornal frente aos eventos políticos e econômicos locais e nacionais.

#### 7.3.7.1. O *Correio* e o comércio e a indústria

Através da leitura do jornal, não foi possível aferir com exatidão o nível de proximidade entre o *Correio* e o comércio e a indústria, mas é explícito o apoio mútuo. Na edição de comemoração de 33 anos do jornal, duas notícias exemplificam essa afirmação. Na primeira página, o *CN* noticiou “XIV CONVENÇÃO DOS INDUSTRIAIS EM BAURU SERÁ REALIZADA EM AGOSTO”<sup>105</sup> e na matéria declarou seu apoio irrestrito ao evento, elogiando-o e vinculando o evento ao incremento da industrialização da cidade.

Também na primeira página, foi publicada a coluna “LUTAR É VIVER”<sup>106</sup>, escrita por Oswaldo Gaspar na qual relembra um pouco da trajetória do *Correio da Noroeste*. No texto, Gaspar revelou a possibilidade de ampliação do jornal e evidenciou a necessidade de patrocínio do jornal por meio da publicidade vinda da indústria e do comércio<sup>107</sup>.

Faltando poucos dias para a Convenção dos Industriais, o *CN* demonstrava seu entusiasmo com o evento. “(...) Todos unânimes em admitir que este é o acontecimento fadado a ‘mostrar Bauru ao Brasil’, e até ao mundo. (...)” (*Correio da Noroeste*, 19 de agosto de 1964, p.1) e considerava essa como uma grande oportunidade para cidade alavancar a industrialização e transformar-se.

Durante a Convenção dos Industriais em Bauru, o *Correio* realizou uma extensa cobertura do evento, destacando as personalidades políticas e empresariais que passaram pela cidade, incluindo o dono do jornal, Carlos Alberto dos Santos.

Também o impresso prosseguia reproduzindo notas da Fiesp. Por exemplo, no dia quatro de outubro, o *CN* publicou a carta do presidente da instituição Raphael Noschese ao

---

<sup>105</sup> *Correio da Noroeste*, 11 de julho de 1964, p.1.

<sup>106</sup> *Correio da Noroeste*, 11 de julho de 1964, p.1

<sup>107</sup> *Correio da Noroeste*, 11 de julho de 1964, p.1.

presidente da República Marechal Castello Branco, felicitando-o pelo seu aniversário. Na mensagem, Noschese reafirmava a confiança na atuação e no espírito patriótico de Castello Branco.

No dia 19 de dezembro, o *Correio* transcreveu o discurso de Raphael Noschese no almoço de confraternização de fim de ano da Fiesp- Ciesp. Em sua fala, o presidente da Fiesp, esclareceu que as críticas que, às vezes, direcionavam ao governo central não eram e não deveriam ser interpretadas como oposição ao presidente Castello Branco, e sim como uma colaboração da Fiesp à solução dos problemas que a nação enfrentava e aproveitou o ensejo para depreciar o governo anterior, afirmando que a indústria uniu-se aos militares para a revolução.

(...) Aduziu o Sr. Rapahel Noschese, a certa altura do seu discurso que “(...) Denunciamos, na oportunidade, a maquinação que se promovia contra os interesses nacionais. A voz da indústria levantou-se, uniram-se Exército, Marinha e Aeronáutica, sobrevivendo a revolução de março, que nos deu uma incumbência: trabalhar com espírito construtivo, mas não desarmar o espírito de vigilância. Temos o dever de fazer com que o Presidente da República ouça o pensamento da Indústria.”(*Correio da Noroeste*, 19 de dezembro de 1964, p.1)

No último dia do ano, o *Correio* divulgou a mensagem da Associação Comercial de Bauru agradecendo o impresso pela colaboração e apoio no decorrer do ano aos comerciantes locais<sup>108</sup>. A carta foi escrita pelo presidente da associação Antonio Garcia.

As relações estreitas entre o *Correio* e a indústria e o comércio evidenciam o perfil político-editorial do impresso, pois os posicionamentos políticos adotados do jornal estão relacionados aos interesses políticos das classes dominantes e também ao cultivo de boas relações com os anunciantes que subvencionam a publicação.

### **7.3.7.2. O *Correio* e alguns personagens políticos**

Apesar de o jornal sempre declarar que não possui vínculos políticos, é possível notar a relação estreita do *Correio* com os adversários políticos do dono do *Diário de Bauru*

---

<sup>108</sup> *Correio da Noroeste*, 31 de dezembro de 1964, p.1.

Avallone Jr., o impresso concorrente do *CN*. No dia 10 de julho, no quadro “Política e políticos”, comentou-se a visita dos deputados Nilson Costa e Sinval Antunes à redação do *CN*, e ainda enfatizou: “Nilson, que deverá voltar firme logo terminando o recesso da Assembleia, está ‘bolando’ projetos de lei de alto interesse da cidade.” (*Correio da Noroeste*, 10 de julho de 1964, p.1).

O jornal concedia espaço para Nilson Costa explicar seus projetos e também se defender quando necessário, por exemplo, quando foi enquadrado no AI-1 e obrigado a se aposentar do cargo que ocupava na NOB (Estrada de Ferro Noroeste Bauru).

(...) Estranhando essa punição (aposentadoria) quando, face aos mesmos fatos de sua vida sindical, foram preservados seu mandato e seus direitos políticos, o orado reiterou seu crédito de confiança no Mal. Castello Branco e disse que não iria agora colocar-se contra seus juízes e contra a Revolução, pois esta, “ao combater os corruptos e inimigos da Pátria”, correspondia à meta do seu idealismo e à razão principal de seu ingresso na política.(...) (*Correio da Noroeste*, 21 de outubro de 1964, p.4)

Avallone Jr. também prosseguia sendo figura recorrente nos comentários do quadro “Política e políticos”. Após a derrota de ‘Nicolinha’, como era conhecido o deputado, na reunião do diretório do PSP bauruense, o *CN* opinou:

(...) Sinceramente, não gostamos muito da decisão do PSP, recusar o Avallone. Que o jovem parlamentar não tenha tido linha partidária saltando sempre de galho em galho – não se pode negar. Mas, estando ele na bancada do PSP, será mais um bauruense na Assembleia a lutar pelas nossas reivindicações. (*Correio da Noroeste*, 22 de outubro de 1964, p.1)

Pode-se afirmar que o jornal possui influência na Câmara Municipal e na Prefeitura, pois quando fazia críticas ou reclamações, não raramente suas considerações eram levadas em conta pelos vereadores e até pelo prefeito.

Em setembro, porém, ocorreu um episódio que vale a pena ser registrado por ter ocasionado forte atrito entre o diretor do *CN* e o prefeito Nuno de Assis. Oswaldo Gaspar escreveu em sua coluna algumas críticas ao chefe de executivo, afirmando que esse era ‘inoperante’. Nuno de Assis sentiu-se ofendido e enviou uma carta ao *CN* dizendo que o jornalista só poderia ter ódio do prefeito. Gaspar, então, se defendeu no dia 19 de setembro com argumento do papel social do jornalismo de informar e ser isento:

(...) Entretanto a função do jornal é noticiar, é informar, é esclarecer, e não apenas elogiar. A função do jornal, também é criticar. Criticar construtivamente, indicando falhas administrativas. Todos os jornais independentes do mundo fazem isto. (...) (*Correio da Noroeste*, 19 de setembro de 1964, p.4)

### 7.3.8. O Correio e o Diário

É interessante considerar, ainda, a relação entre o *Correio da Noroeste* e o *Diário de Bauru*, pois, em várias ocasiões, o primeiro citava o segundo em suas notícias. Por exemplo, no dia 27 de agosto, o *CN* publicou uma carta, assinada pelo vice-presidente da Associação Profissional dos Ferroviários da NOB, Juvenal de Souza, esclarecendo um possível erro do *DB*.

“O jornal ‘Diário de Bauru’, em sua edição de hoje quarta-feira, dia 26 de agosto’, publica notícia fornecida por seu diretor, o deputado Nicola Avallone Jr., segundo a qual uma comissão de ferroviários da NOB teria incumbido aquele parlamentar de entregar um memorial ao presidente da Federação Nacional dos Ferroviários, sr. Álvaro Davi. Esse memorial reivindicaria um aumento de 110% nos salários da classe.

A notícia não é verdadeira. (...)” (*Correio da Noroeste*, 27 de agosto de 1964, p.4)

No dia 10 de setembro, o *DB* utilizou-se do *CN* para comunicar que, devido a um acidente na máquina impressora, o jornal não circularia no dia presente e nem no próximo.

Também o “Dr. Broncolino”, colunista do *DB* foi citado algumas vezes no *CN*, sempre de modo positivo. Por exemplo, no dia 28 de outubro, no quadro “Política e políticos” sobre o colunista do *Diário* foi feito o seguinte comentário: “O ‘Dr. Broncolino’ é um grande praça. Colega a toda prova. Aguenta a parada pelos amigos.

Portanto, dentro desta coluna é acatado. E será sempre. Pode ser que dê umas foras. Todos nós damos.”<sup>109</sup> (*Correio da Noroeste*, 28 de outubro de 1964, p.1)

Quando as campanhas do *DB* tinham grande repercussão, o *CN*, algumas vezes, acabava por aderi-las. Como exemplo, houve o caso da aprovação da Universidade D’Oeste, a primeira instituição desse porte na cidade<sup>110</sup>.

<sup>109</sup> *Correio da Noroeste*, 28 de outubro de 1964, p.1.

<sup>110</sup> *Correio da Noroeste*, 8 de dezembro de 1964, p.1.

O fato do *Diário de Bauru* ser citado no *Correio* com certa frequência evidencia que o primeiro era mais influente na cidade a tal ponto de ter de ser comentado pelo seu concorrente. Através dessa postura do *CN*, pode-se extrair uma característica do *Correio*, o jornal, por diversas vezes, atuava mais como comentarista dos fatos do que como produtor das notícias.

#### **7.4. Considerações finais sobre a cobertura do *CN* do golpe civil-militar de 1964**

Por meio da leitura do periódico, conclui-se que o *CN*, desde o início daquele ano, explicitou seu posicionamento contrário ao governo de João Goulart e, especialmente, através da coluna de Paulino Raphael contribuiu intensamente com a campanha criada pela oposição para desestabilizar o presidente, principalmente, aterrorizando os leitores sobre as supostas intenções comunistas de João Goulart.

Durante os dias do golpe, o jornal enfatizou as reações dos moradores da cidade e das estruturas de poder de Bauru, evidenciando o caráter extremamente localista do *Correio*.

No período posterior, pode-se afirmar que o impresso legitimou o golpe civil-militar, enaltecendo o movimento e o novo governo, sobretudo no mês de abril. O posicionamento favorável ao golpe também pode ser notado através dos elogios à atuação da cena política local que vangloriou o governo de Castello Branco.

A partir do mês de maio, começaram a aparecer as primeiras críticas relacionadas a determinadas medidas do governo, principalmente, sobre a política econômica que não estava conseguindo segurar a inflação e a alta dos preços.

O crítico mais atuante no impresso foi, sem dúvida alguma, o jornalista Paulino Raphael. Apesar de sua postura ofensiva, o jornalista não chegou a fazer oposição direta ao presidente Castello Branco.

## 8. Conclusão

Após a leitura e análise da cobertura jornalística que os impressos *Diário de Bauru* e *Correio da Noroeste* realizaram em torno do golpe civil-militar de 1964, pode-se concluir que ambos corroboraram com a desestabilização do governo de João Goulart e legitimaram o golpe de Estado e o novo governo, sobretudo, a figura do presidente Marechal Humberto Castello Branco.

Durante os meses de janeiro, fevereiro e março, tanto o *DB* como o *CN* traziam notícias e colunas que insinuavam a presença de comunistas nos cargos do poder público federal, além de fomentarem a suspeita de que o presidente João Goulart estaria planejando um golpe. Nesse sentido, ambos os periódicos tiveram postura semelhante aos jornais da grande imprensa dos principais centros econômicos do país como relata a parte inicial deste relatório.

Assim, pode-se considerar que os jornais, objetos de estudo, estavam sintonizados a essa imprensa e tiveram atuação semelhante, ainda que em escala menor. Pois, considerando que os grandes jornais da época possuíam vínculos políticos e econômicos e seus posicionamentos estavam relacionados a esses vínculos, também os impressos estudados tiveram sua atuação influenciada por interesses políticos e econômicos. Nessa perspectiva, o governo de João Goulart não representava esses interesses, por esse motivo, os periódicos assumiram postura contrária a seu governo.

O *Diário de Bauru* e o *Correio da Noroeste* reproduziam no nível local o jogo de forças políticas que ocorria no Brasil. É considerado papel do jornalismo reportar o cotidiano e ser mediador entre os acontecimentos e as instituições, de um lado, e os leitores, de outro. Os dois diários cumpriram esse papel expondo ao público as interpretações conservadoras da sociedade brasileira e, ao que tudo indica, com aceitação e cumplicidade do leitor de classe média e das elites.

A atuação dos dois jornais ajuda a explicar o sucesso do golpe em todo o país, pois em 31 de março diversos segmentos sociais já compartilhavam da ideia do perigo que os comunistas e o governo de João Goulart representaria para o país e concordavam com as

medidas extremas, incluindo a caça aos comunistas defendida por Paulino Raphael.

Comparando a cobertura jornalística dos dois jornais no período anterior ao golpe, podem ser enumeradas algumas diferenças. O *Diário* era o jornal, na época, de maior influência na cidade, tinha maior número de páginas e possuía caráter mais noticioso. Tanto que, apesar do perfil político editorial e de algumas expressões evidenciarem o posicionamento do jornal como oposição a João Goulart, o jornal dedicava destacado espaço aos pronunciamentos do presidente e de membros do governo, além de noticiar as medidas que estavam sendo tomadas. Essa postura, apesar de camuflar o seu posicionamento e aparentar uma falsa neutralidade, permitia ao leitor, ao menos, ter acesso a visões diferentes, e conhecer a defesa daqueles que estavam no poder.

O *Correio*, desde o primeiro dia de janeiro, declarou-se contrário ao presidente João Goulart, raramente noticiou as medidas do governo federal e quase não reproduziu pronunciamentos de membros do poder. No *CN*, a esfera nacional era, principalmente, abordada pelo colunista Paulino Raphael que, através de textos longos, fazia críticas ácidas ao presidente e demonstrava ter pânico da ameaça comunista, concitando, por diversas vezes, a população em geral e os políticos a agirem contra o governo de Jango.

Nos dias em que se deflagrou o golpe militar, os jornais não tinham informações precisas sobre o que estava se passando, porém, em nenhum momento, questionaram a legalidade do movimento.

Após a deposição de João Goulart, os dois impressos explicitaram apoio aos golpistas e vangloriaram os revoltosos como “salvadores da pátria”, aqueles que eram “capazes de recolocar o Brasil em um caminho de tranquilidade e progresso”.

Como divergência entre os periódicos nos dias do golpe, pode-se pontuar que o *DB* noticiou mais os acontecimentos nacionais, enquanto que o *CN* transmitiu o clima de apreensão entre os moradores da cidade e as ações da cena política local de apoio ao movimento.

No período inicial que sucedeu o golpe, ambos evidenciaram confiança no novo governo e no presidente Castello Branco. As prisões e cassações dos membros do governo anterior e de pessoas que estariam envolvidas com o comunismo também foram amplamente destacadas e apoiadas pelos jornais. Posteriormente, quando o AI-1 não foi prorrogado, em outubro, os dois impressos criticaram o presidente, pois acreditavam que as

punições não haviam sido suficientes para banir o comunismo.

Passada a euforia em torno do novo regime, começaram a aparecer críticas nos impressos com relação a algumas medidas do governo, como por exemplo, a aprovação do voto do analfabeto nas eleições distritais, evidenciando que os jornais eram até mais conservadores do que alguns governantes militares.

Porém, os comentários mais severos foram direcionados à situação econômica do país que não havia melhorado conforme os grupos que apoiaram o golpe esperavam. O aumento no custo de vida gerou desânimo mesmo entre os entusiastas da “revolução”.

Apesar das críticas, os jornais, em nenhum momento, contestaram a vitória dos golpistas ou duvidaram que caso tivesse o presidente João Goulart continuado no poder, a situação estaria melhor. Pelo contrário, muitas vezes, antes de criticar o novo governo, eram reproduzidos os chavões de depreciação do governo anterior com a intenção de garantir que esse não retornasse ao poder.

Outro ponto a ser considerado é como as estruturas de poder da cidade de Bauru reforçaram a legitimação do golpe atuando em sintonia com o posicionamento dos jornais. Portanto, pode-se concluir que se colocando no lugar de um morador de Bauru inserido na dinâmica da cidade e leitor do *Diário de Bauru* e do *Correio da Noroeste* dificilmente não se consideraria o golpe como necessário à “ordem” do país e Castello Branco como o melhor homem capaz de recolocar o Brasil no caminho “progresso”.

Para concluir, os dois diários representaram bem as perspectivas dominantes do conservadorismo político do período. Como imprensa, eles veicularam representações sociais anticomunistas e contra as classes populares, e essas representações circulavam na sociedade e tinha eco em Bauru. Como agentes sociais e políticos os jornais constituíram-se em espaço de debate e de consolidação do consenso em torno da necessidade de redirecionamento político do país.

## 9. Referências Bibliográficas

- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil: 1964-1984**. Bauru: EDUSC, 2005.
- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano, da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. Estudos das ideologias e filosofia da linguagem. A relação entre a infraestrutura e as superestruturas. In: \_\_\_\_\_ **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil, 1961-1964**. 7.ed. Rio de Janeiro/Brasília: Revan/Edit. UNB, 2001
- BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. BARBOSA, M., RIBEIRO, A. P. Goulart. "O Que a História pode legar aos estudos de jornalismo". **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Rio de Janeiro, Intercom, 2005.
- BERGER, Christa. Do Jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAND, M.; PORTO, S. D. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 273-84.
- BRAGA, José Luiz. Questões Metodológica na leitura de um jornal. In: MOUILLAND, M.; PORTO, S. D. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002. p.321-34.
- CAPELATO, Maria Helena. Imprensa na República: uma instituição pública e privada. In: CAMILOTTI, Viriginia. C.; NAXARA, Marcia R. C., SILVA, Fernando. T.da. **República, Liberalismo, Cidadania**. Piracicaba: Editora Unimep, 2003. p. 139-150.
- CASTRO, Felipe Simões Carneiro de; LOSNAK, Célio José. Cidade e Imprensa Pelas Folhas do Correio da Noroeste, 1930-1935. In: **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-1958-1.pdf>>. Acesso em: 12 de novembro de 2013.
- CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- D'ARAUJO, Maria Celina. et al. (Orgs.). **Visões do Golpe**. A Memória Militar Sobre 1964. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994.
- HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de Pesquisa em Comunicação. In: HOLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos**,

escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOSNAK, Célio José. Ardis da memória: vieses da trajetória política de O Estado e S. Paulo no pós-64. In: CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. (Org.). **Humanidades em Comunicação: um diálogo multidisciplinar**. Bauru: UNESP/Faac; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

LOSNAK, Célio José. **Polifonia Urbana: Imagens e representações**. Bauru: EDUSC, 2004.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da Notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAND, M.; PORTO, S. D. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 305-19.

ORTET, Fernando. A realidade do jornalismo no interior é desconhecida. In: LOPES, D. F.; SOBRINHO, J. C.; PROENÇA, J. L. **A evolução do jornalismo em São Paulo**. São Paulo: EDICON: ECA/USP, 1996. p.119-132.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, Natureza e Funções do Discurso Midiático. In: MOUILLAND, M.; PORTO, S. D. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 217-233.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SMITH, Anne-Marie. Um Acordo Forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Editora Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **Construindo uma teoria do jornalismo**. 2002. ( [www.bocc.ubi.pt/](http://www.bocc.ubi.pt/))

SOUSA, Jorge Pedro. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia, 2002. ( [www.bocc.ubi.pt/](http://www.bocc.ubi.pt/))

TASHNER, Gisela. **Do Jornalismo Político à Industrial Cultura**. São Paulo: Summus, 1987.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. Volume 1. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

## 10. Anexo

### Análise de Paulino Raphael sobre o golpe civil-militar:

Há Dúvidas e Falta de Articulação – A rigor, não houve uma revolução em 31 de março. Houve um louvável movimento de salvação nacional, não, porém articulado e conspirado, em termos de revolução. Naqueles dias, a pregação subversiva empreendida pelo sr. João Goulart, cercado da pior gente que o Brasil podia reunir sob a denominação de governantes, havia atingido o clímax. Os congressos estudantis, ferroviários e que tais realizados em Recife, Salvador, Belo Horizonte, Goiás, e Guanabara, bafejados e ostensivamente apoiados pelos governantes locais – Guanabara exclusive – tinham criado uma atmosfera que qualquer pessoa acreditava no domínio comunista no Brasil, que era, sem sombra de dúvida, a realidade brasileira naqueles sombrios dias Arraes, Seixas Dória Lomanto e Mauro Borges davam o mais decidido apoio aos comunistas, inclusive emprestando-lhes todo o bafejo bélico e financeiro para se exercitarem em guerrilhas e assaltos, para o que possuíam técnicos importados diretamente de Moscou, Havana e Pequim e hospedados pelos poderes desses Estados. Os senhores Magalhães Pinto e Ney Braga faziam o jogo duplo, inclusive alimentando ou não incomodando a agitação de Governador Valadares nos domínios de Minas Gérias, onde o domínio comunista era indiscutível. A reação belorizontina deu-se praticamente contra a inércia do governo local admitindo a pregação subversiva e até a exibição de armamento pertencente às Forças Armadas Nacionais desviado criminosamente, para atemorizar a ordeira mas altiva e corajosa gente do Cural D’elrei. Tudo garantido pela Política estadual, para agradar o sr. João Goulart já convencido de que era incontrastável senhor das Repúblicas socialista sul-americanas.

O governador da Guanabara estava cercado pelo primeiro Exército e por elementos da Marinha Nacional, de há muito entregues às piores mãos que possível fora recrutar no seio da gente do mar. O governador de S. Paulo esbravejava isolado, enquanto o ministro da Justiça mandava desacatar as autoridades paulistas e tentava desautorar o procurador e o Juiz da Justiça Militar, tendo antes desrespeitado sentenças da Justiça Civil. Pelegos do gabinete da presidência da República vieram a S. Paulo realizar provocações e proteger criminosos. O Paraná estava isolado, num comportamento um tanto dúbio, enquanto o Rio Grande do Sul achava-se entregue á sanha do sr. Brizola, cujo único mérito era ser cunhado do sr. Jango. Mas recorde-se que não havia um entrosamento perfeito e incondicional dos revolucionários. A começar por Minas, o gen. Mourão Filho não se achava inteiramente articulado com o governador Magalhães Pinto, cujo comportamento deixava dúvidas. A Guanabara nada podia fazer e, em São Paulo, não era tão perfeita a entrosagem do governador Adhemar de Barros com o comandante do II Exército, gen. Amaury Krueel, por motivos óbvios. O sr. Meneghetti, do Rio Grande tinha seus pecados, enquanto Bahia, Sergipe e Pernambuco eram domínios comunizados.

Recorde-se que, naqueles dias, ninguém estava articulado. Guanabara e São Paulo pensavam da mesma forma, mas não tinham ação combinada. Paraná e Rio Grande aguardavam o final para escolher o melhor. Minas e Goiás constituíam uma incógnita, pois seus governantes estavam com os pés em duas canoas. Também articulados não estavam os respectivos

Exércitos. O IV, o II e o VII Exércitos estavam em confabulações; o I Exército e a Marinha estavam entregues a mãos comunistas. O III Exército era suspeito, por ser do Rio Grande. O resto era nebulosa. Por milagre, as coisas deram certo. Sem dúvida, foram o VII, o IV e o II Exércitos que definiram a situação, sem esquecer a velha Força Pública de S. Paulo, sempre fiel às boas causas. Tudo era dúvida. A vitória foi um milagre divino. Parecia mentira. Daí esta vastíssima confusão: muitas orientações na revolução, deixando tonto o marechal Castello Branco. Infelizmente, por enquanto, tudo ainda é dúvida, pois os homens não se acham suficientemente articulados e não se sabe se se articularão, pois as ambições humanas são insondáveis e muitas vezes indecifráveis. (*Correio da Noroeste*, 25 de setembro de 1964, p.2)